

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1972

EPIGRAFIA ROMANA COLIPONENSE

Sob a designação de «Epigrafia romana coliponense» estudamos, neste trabalho, as inscrições em que aparece a referência ao nome Collippo, as inscrições provenientes de S. Sebastião do Freixo e vizinhanças e ainda as que foram encontradas dentro de um aro relativamente pequeno desta última localidade. Ao todo, 44 inscrições.

Das que encerram a referência a Collippo, duas foram encontradas em S. Sebastião do Freixo (inscrições III e V), uma em Roma(I), duas em Leiria (II e IV), uma em A do Barbas-Maceira (VI) e uma sétima em Salir de Matos-Caldas da Rainha (VII). Na localidade hoje designada S. Sebastião do Freixo, situada a sete quilómetros e meio de Leiria, foram encontradas, além das duas já referidas (III e V), mais dez inscrições (VIII a XVII). Das imediações de S. Sebastião, dentro de um perímetro que não ultrapassa um raio de quilómetro e meio do ponto mais alto, são provenientes sete: Bico Sacho (XVIII e XXIII), Garruchas (XXI), entre Garruchas e S. Sebastião (XIX), Fonte Nova (XXIV), Outeiro da Perulheira (XX) e Rio Seco (XXII). Estas últimas inscrições podem considerar-se de S. Sebastião, em razão da pequena distância. Algumas delas terão mesmo descido do alto pelo declive da encosta.

O aro fixado para este inventário não ultrapassa, se exceptuarmos as inscrições I, VI e VII, oito quilómetros de raio, tendo por centro S. Sebastião do Freixo, e inclui a Capela da Torre, a uns três quilómetros (XXV), Fonte do Oleiro de Porto de Mós, a quatro quilómetros (XXVI), Castelo de Porto de Mós, a oito quilómetros (XXVII a XXIX), Leiria, a sete quilómetros e meio (II, IV, XXX a XXXIX) e Maceira — zona da igreja, a sete quilómetros (XL a XLIV). A inscrição XLI, seja proveniente

de Maceira ou de Porto de Mós, está compreendida dentro dos limites indicados.

Vinte e duas lápides foram aproveitadas como material de construção (II, IV, V, VIII, XI, XIII, XVI, XXIII, XXV, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI, XXXII, XXXIV, XXXVI, XXXVIII, XLI (?), XLII, XLIII e XLIV). Onze inscrições estão inéditas (III, IX, X, XIV, XVII, XIX, XXI, XXIV, XXVI, XXIX e XXXIII); e duas quase se podem considerar inéditas também (XX e XXXVIII).

A este conjunto de 44 inscrições juntamos no fim, mais duas: uma provavelmente inventada por Frei Bernardo de Brito e atribuída a Collippo (XLV), e outra erradamente atribuída por dois autores do século passado a Leiria (XLVI).

Deixamos para outra ocasião o estudo mais completo da epigrafia na área maior de Collippo, estendendo-a à superfície coberta actualmente pela diocese de Leiria, para o qual possuímos outros elementos valiosos. Quisemos, no presente inventário, situar-nos na pequena zona que viveu intimamente relacionada com o centro administrativo localizado no sítio hoje vulgarmente designado S. Sebastião do Freixo.

Parece não haver dúvidas sobre a localização da antiga Collippo. Ficava em S. Sebastião do Freixo, distante a uns sete quilómetros e meio, como já foi dito, da actual cidade de Leiria. Assim pensamos. Para além de outros documentos, o presente inventário testemunha a importância desse antigo município, e, pelas inscrições encontradas em S. Sebastião do Freixo, a localização do mesmo município (*).

É grande o interesse deste conjunto epigráfico para Collippo. Mas não só. Entre outros pontos de interesse, salienta-se o grande número de antropónimos pré-romanos, indígenas, que referiremos em apêndice.

Deixamos aqui uma palavra de agradecimento ao Rev. P. José Vieira de Oliveira, pároco do Reguengo do Fetal (Batalha) por nos

(*) Ver Luciano Justo Ramos, *Em demanda de «Collippo»*, «Jogos Florais do Outono - 1965», Coimbra, 1968, p. 99-101; J. M. Bairrão Oleiro e Jorge de Alarcão, *Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)*, «Conimbriga», VIII (1969), p. 1-12.

ter facultado o estudo da sua colecção arqueológica, à Ex.^{ma} Sr.^a D. Perpétua Amélia Galvão da Silva Barreiros Calado, do Juncaí, por ter permitido o exame das inscrições que guarda junto de sua casa (VI, XL e XLII) e ao Sr. Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, Director da Faculdade de Letras de Lisboa, do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e do Museu Municipal de Castelo Branco, por ter facultado a consulta de duas lápides (XII e XXXVI) deste último museu agora em reorganização.

Leiria, 1970.

ABREVIATURAS BIBLIOGRÁFICAS

- AF — M.^a de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *La Onomástica Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca, 1966.
- AML — *Areas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana* (artigo de JU), «Revista de Guimarães», LXXII (1962).
- AP — «O Archeólogo Português» («O Arqueólogo Português») Revista começada a publicar em 1895, actualmente está em publicação a III série).
- BRA — «Boletim de architectura e de arqueologia dos architectos e archeólogos portugueses», Lisboa.
- CIL — *Corpus Inscriptionum Latinarum*.
- EAAHA — *Elementos de un Atlas antroponímico de la Hispania antigua* (autor JU). Madrid, 1965.
- EE — «Ephemeris epigraphica».
- Eg — *Egitdnia — Historia e Arqueologia* (autor D. Fernando de Almeida). Lisboa, 1956.
- FA — Dom Fernando de ALMEIDA.
- Holder — Alfred HOLDER, *Alt-celtischer Sprachschatz*, Leipzig, vols. I-III e suplemento.
- II — *Inscrições inéditas* (artigo de Francisco TAVARES DE PROENÇA Junior), «O Archeólogo Português», XV (1910), p. 46-48.
- Jordão — Levy Maria JORDÃO, *Portugalliae inscriptiones romanas...*, vol. I, Lisboa, 1859.
- JR — Luciano JUSTO RAMOS, *Em demanda de «Collippo»*, em «Jogos florais do Outono - 1965», p. 99-106, Coimbra, 1968.
- JS — José SARAIVA, *Leiria* da col. *Monumentos de Portugal*, n.º 6, Porto, 1930.
- JU — Jürgen UNTERMANN.
- Lambrino — Scarlat LAMBRINO, *Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos*, AP, nova série, III, p. 5-73.
- LTLO — *Lexicon totius latinitatis* de Forcellini-Perin, tomos V e VI — *Onomasticon* (autor J. Perin), 1940.
- LV — José LEITE DE VASCONCELOS
- MA-BF — Justino MENDES DE ALMEIDA e Fernando BANDEIRA FERREIRA, *Varia epigraphica*, XXIII — *Notas a inscrições*

- da região coliponense, «Revista de Guimarães», LXXVII (1967), pp. 62-66.
- MPL — Manuel PALOMAR LAPESA.
- NA — *Notícias archeológicas de Portugal*, pelo Dr. Emilio Hübner..., Lisboa, 1871. Trata-se de relatórios de 1861; a tradução portuguesa é de 1871. Nas referências indicamos a data dos relatórios: 1861.
- Noticias ms — *Noticias remetidas à Academia real...* em 1721. Ms. 503 da Bibl. Geral da Univ. de Coimbra.
- OP — *La Onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania* (autor Manuel Palomar Lapesa), Salamanca, 1957.
- PD — «O Primeiro de Dezembro» — Semanário independente..., Órgão dos interesses do districto de Leiria», Leiria. Começou a publicar-se no dia 1 de Dezembro de 1900.
- PL — Augusto Soares de Azevedo Barbosa de PINHO LEAL, *Portugal antigo e moderno*, vol. IV, Lisboa, 1874.
- RG — «Revista de Guimarães», Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- RL — *Religiões da Lusitania* (autor José Leite de Vasconcelos), vol. III, Lisboa, 1913.
- SA — Victorino da SILVA ARAÚJO.
- TL — Tito LAR CHE R, *Apontamentos históricos de Leiria* — Folhetim de «O Primeiro de Dezembro — Semanário Independente...».
- TP — FRANCISCO TAVARES DE PROENÇA Júnior.
- TP, 1 (2 ou 3) — FRANCISCO TAVARES DE PROENÇA Junior, «Materiais para o estudo das antiguidades portuguesas», 3 números, Leiria, 1910.

OUTRAS ABREVIATURAS

- Ach. — *Achamento*: referência ao local onde a lápide foi encontrada pela primeira vez; nem sempre significa o primeiro *situs* ou proveniência da lápide. Pode ter sido levada do local da proveniência para o local onde foi encontrada.
- Alt. — *Altura*.
- Bibl. — *Bibliografia*.
- Esp. — *Espessura*.
- L — *Linha*.
- Larg. — *Largura*.
- M — *Metro* ou *mapa*.
- Par. — *Paradeiro*: local onde a lápide se encontra presentemente (1970).
- S. v. — *Sub verbo*.

(Página deixada propositadamente em branco)

INSCRIÇÕES COM O NOME DE COLLIPPO
(I a VII)

I — EPITÁFIO DE «CORINTHVS» NATURAL DE COLLIPPO,
ESCRAVO DE «HELVIVS PHILIPPVS»

ACH. — Roma
PAR. — Ignorado

5
D ♣ M ♣ S
CORINTHO ♣ HELVI
PHILIPPI ♣ SER
EX ♣ LVSITANIA ♣ MVNICIP
COLLIPPONENSI
ANN XXI
VICTOR · ET · CELER · FRATRI
D ♣ S ♣ F

Inscrição funerária encontrada em Roma, registada no CIL, VI, 3.^a parte, 16100. Segundo as fontes referidas pelos compiladores da 3.^a parte do VI vol. do *Corpus*, a lápide encontrava-se na «Villa Iulia» (*Pighius BeroL*), no «Jardim (*Hortus*) do Papa Júlio III» (*Boissard*), na «Vinha do Cardeal Aldobrandini, na via Flaminia, junto da vinha de Júlio III» (*Winghius Brux.*), que antes pertencera a Fabiano do Monte (*Cittadinius Vatic.*) (1). Tentámos descobrir o seu paradeiro actual, mas sem resultado até ao presente. Terá desaparecido? Terá sido recolhida em qualquer colecção ou museu? Existirá ainda no antigo local ou vizinhanças?

1) CIL, VI, 3.^a parte, 16100.

Observamos, a propósito, que a célebre e famosa *Vinha* ou *Vila* do Papa Júlio III, que ainda hoje conserva o nome, fica situada na Via Flaminia, fora da Porta do Pópolo, em Roma. O Papa Júlio III (1550-1555) aumentou e embelezou esta *Vinha* ou *Vila* suburbana, herdada de seus antepassados. As obras de arranjo e embelezamento parece terem ficado concluídas em 1554. No novo palácio (estudo, projectos iniciais e modificações posteriores) trabalharam Vasari, que afirma ter sido o autor do primeiro esboço, Miguel Angelo, Vignola, Ammannati e outros í!).

A inscrição, como o CIL a regista, compõe-se de oito linhas, com numerosas *haederae distinguentes* (ll. 1, 2, 3, 4 e 8) e três pontos de separação (l. 7). As fontes referidas apresentam variantes:

L. 2 — Boissard: CORNELIO em vez de CORINTHO;

L. 4 — Boissard: MVNICIPI; Cittadinius Vat. e Winghius: MVNICIPIO;

L. 5 — Boissard: COLLIPRONENSI; Cittadinius Vat.: COLLIPONENSI.

Se exceptuarmos o nome do defunto (em Boissard *Cornelio*, nas outras fontes *Corintho*), as diferenças são insignificantes.

As *haederae* vêm registadas em *Pighius BeroL*

D(iis) M(anibus) s(aerum). / Corintho Helvi(i) \ Philippi ser(vo), I ex Lusitania, municip(io) / colipponensi, / ann(orum) XXI. I Victor et Celer fratri \ d(e) s(uo) f(ecerunt).

Consagração aos deuses manes. Vitor e Celer mandaram levantar, à sua custa, (este monumento) à memória de seu irmão Corinto, escravo de Hélvio Filipe, que era natural da Lusitânia, do município de Collippo, e morreu com 21 anos de idade.

Os elementos desta inscrição conferem-lhe particular interesse. Refere-se explicitamente a Collippo como município, facto que

(!) Carlos CASTIGLIONI, *Storia dei Papi*, II, Turim, 1939, p. 286-287.

importa salientar, pois sabemos que o município gozava de administração própria. De Collippo, onde nasceu, partiu Corinto para Roma levado por Hélio Filipe, de quem era escravo. Com ele terão ido também os seus irmãos Celer e Vitor. Morreu em Roma, tinha apenas 21 anos de idade. Os dois irmãos lá viveriam também, na altura do falecimento de Corinto e, como é provável, na mesma condição de escravos. Aí mandaram levantar o monumento fúnebre à memória do irmão defunto. Pagaram eles as despesas, e não o patrão ou dono do escravo, e quiseram que a epígrafe registasse os nomes da província e do município da sua naturalidade.

Tudo isto é significativo: as diferenças de condição social (a escravatura em Collippo e as relações patrão-escravo), a migração ou deslocação Collippo-Roma, motivada pela carreira, profissão, ou outras razões, de Hélio Filipe que deveria ser também natural de Collippo (ver inscrição XII), a solidariedade entre os irmãos escravos e o seu amor à terra de origem, e, sobretudo, a referência à organização municipal (*municipium*) de Collippo a que outras inscrições seguintes aludem. Enriquece ainda esta epígrafe o quadro da onomástica pessoal que apresenta.

Victor e *Celer* (*Caeler*, muito excepcionalmente *Ceiler*) aparecem, com frequência, na epigrafia peninsular. De *Celer* provêm *Celerius*, *Celerianus*, *Celerinus*; de *Victor*: *Victorinus*, *Victorianus* e outros. *Helvius* é «nomen viri, ad gentem satis antiquam pertinens» (nome pertencendo a família muito antiga — *gentilicio*), observa Perin (LTLO, s. v.). JU enumera 18 casos de inscrições com este *nomen* na Península Ibérica, anotando que é um dos poucos antropónimos que se reduzem quase exclusivamente à *Baeturia* (EAAHA, m. 44, p. 116, ver também p. 24); não refere, porém, a presente inscrição. Numa outra proveniente de S. Sebastião do Freixo, aparece ainda *Helvia Maxsuma*, a cuja *gens* ou família pertenderia *Helvius Philippus* (ver XII). Estes dois casos alargam a área geográfica do antropónimo *Helvius*. No território português, encontra-se em Vila Viçosa e vizinhanças e em Eivas (CIL, II-IIS, 143, 6267 e 154). *Corinthus* não é frequente na epigrafia peninsular. CIL, II-IIS, enumera-o apenas quatro vezes, duas das quais em território português (5210, lugar entre Vila Viçosa e Coimbra: *Chorinthus ser. Acilii Glabrionis*; e 6254, 14, Torre de Ares:

Cor(inthus) Fl(avii) Corneliani 0). De *Corinthus* provém *Corinthius-a* que encontramos três vezes em CIL, II-IIS: 2269 (Córdova), 4998 (Lisboa: *Corinthia*) e 5183 (Alcácer do Sal: *Corinthia*). *Philippus* também não é frequente nos títulos peninsulares. Hübner regista-o apenas três vezes e sempre em território espanhol: CIL, II, 497 (Mérida), 1876 (Cádiz) e 4492 (Caldas de Mombuy).

Os dois últimos antropónimos são de origem grega: Κόρινθος e Φίλιππος.

BIBL.

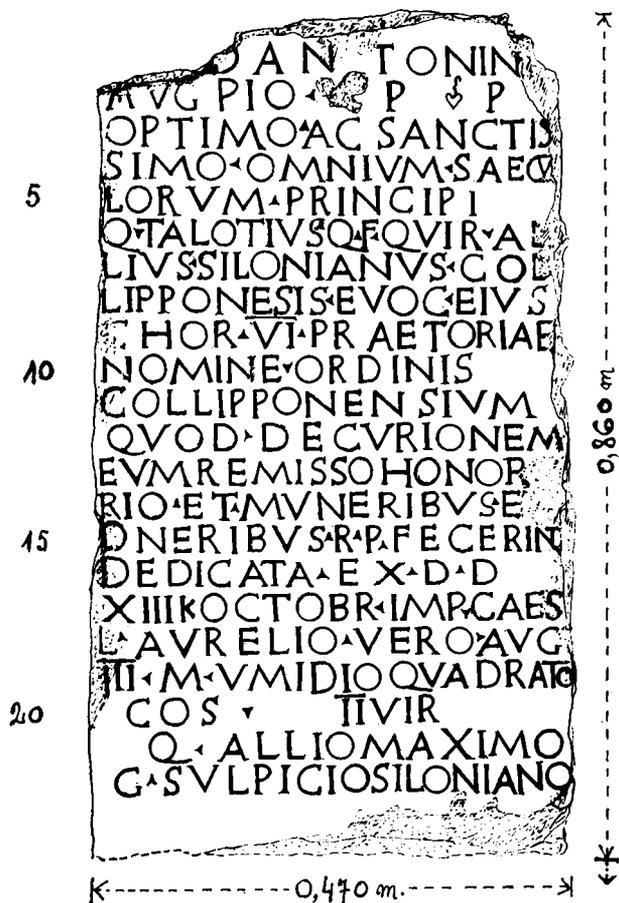
1886 — GIL, VI, *Pars tertia*, Berlim, 1886, η.º 16100. O volume VI do GIL ocupa-se das *Inscriptiones Urbis Romae latinac*. Na terceira parte: *Tituli sepulcrales: Claudius-Plotius*.

(¹) Ver ainda A. VIEIRA DA SILVA, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, onde, a p. 259-261, vem registada uma inscrição funerária com o nome de *Corinthus*, a qual no último quartel do séc. xviii se encontrava primeiramente em Lisboa, e depois na colecção de Cenáculo, em Beja.

II - MONUMENTO CONSAGRADO A ANTONINO PIO
PELO COLIPONENSE «Q. TALOTIVS ALLIVS SILONIANVS»
— INSCRIÇÃO HONORÍFICA

ACH. — Leiria - Castelo

PAR. — Leiria - Castelo



Bloco de mármore com inscrição honorífica, provavelmente base de uma estátua, descoberto «em 1870 na igreja do castello de Leiria» (PL, s. v. *Leiria*). Aproveitado como material de construção, conserva-se na mesma igreja de Nossa Senhora da Pena, no ângulo do fundo, embutido na face interna da parede do lado do Evangelho, deitado horizontalmente com a face epigrafada visível, a 60 cm de altura do chão.

A lápide está danificada na parte superior e ainda, ligeiramente, nos ângulos laterais, sobretudo do lado direito. A parte inferior está oculta, coberta pela parede do fundo. Na superfície epigrafada há ligeiras falhas de pedra. Dimensões da superfície visível: alt. — 0,860 m; larg. — 0,470 m (^x).

A inscrição consta de 22 linhas. Da palavra inicial apenas se notam vestígios da última letra. No correr da inscrição há letras danificadas sobretudo nas margens.

L. 4 — SAECV com o V de menores dimensões incluso;

L. 14 — O T final desapareceu;

L. 15 — FECERINT com o T muito pequeno inscrito no segundo ângulo do N;

L. 19 — QVADRATO com o O final de menores dimensões.

Todos os números apresentam barra ou traço superior. Na segunda l. há uma *haedera distinguens* de perfeito e requintado desenho, e pela inscrição distribuem-se numerosos sinais de separação, triangulares, nem sempre à mesma altura e com os ângulos em posição diversa.

As letras são de bom desenho, de incisão triangular, do tipo de escritura «capital guiada». A altura das normais varia entre 24 e 30 mm (máxima e mínima). As três mais pequenas 11. 4, 15 e 19 medem respectivamente 20, 16 e 12 mm.

[*Div*]o Antonin[*fo*] I Aug(usto) P(io), p(atr) p(atr)iae), / *optimo ac sanctis / simo omnium saecu / lorum principi, / Q(uintus) Talotius*

(0 Damos as dimensões da superfície visível. Não sabemos qual a espessura da lápide, por estar embutida na parede. Nesta, como nas lápides seguintes, damos sempre as dimensões máximas da alt., larg. e espessura.

*Q(uinti) f(ilius), Quir(ina) tribu, Al / lius Silonianus Col / lippo-
ne(n)sis, evoc(atus) eius / C(o)hor(tis) VI Praetoriae, / nomine
ordinis / Colliponensium, / quod decurionem / eum remisso honor [a]
I rio et muneribus est] / oneribus R(ei) p(ublicae) fecerint, /
dedicata ex d(ecreto) d(ecurionum) / X/// k(alendas) Octobr(is),
Imp(eratore) Caes(are) / L(ucio) Aurelio Vero Aug(usto) / III
<et> M(arco) Um(m)idio Quadrato / cofn)s(ulibus), II vir(is) /
Q(uinto) Allio Maximo / <rt> G(aio) Sulpicio Siloniano.*

Ao divino Antonino Augusto Pio, pai da Pátria, o melhor e o mais respeitável príncipe de todos os séculos, consagra esta memória, m rcome do senado de Collippo, Quinto Talócio Álio Siloniano, filho de Quinto, da 6.^a coorte Quirina, cidadão coliponense, seu «evocatus» da 6.^a coorte pretoriana, em razão de o terem feito decurião com dispensa do honorário e das funções e encargos públicos. Dedicada por decreto dos decuriões, aos 13 dias das calendas de Outubro (19 de Setembro), sendo cônsules o Imperador César Lúcio Aurélio Vero Augusto pela terceira vez, e Marco Umídio Quadrado, sendo duúnviros (de Collippo) Quinto Álio Máximo e Gaio Sulpicio Siloniano.

Antonino foi exaltado ou glorificado (apoteose) depois da morte, ocorrida a 7 de Março de 161, com as honras da divindade (*divus Antoninus*) 0).

Evocatus designava o soldado que, cumprido o serviço militar, era de novo chamado às fileiras em razão das suas qualidades. A partir de Tibério, o *Evocatus* procedia, a maior parte das vezes, das coortes pretorianas e exercia, sobretudo, funções judiciais, administrativas e técnicas.

As coortes pretorianas formavam o núcleo da guarnição de Roma e desempenharam papel preponderante nos acontecimentos da época imperial (2).

(^x) Ghamam-se, por vezes, *sacras* as inscrições dedicadas aos imperadores que foram distinguidos com a *apoteose*.

(2) Sobre *evocatus* e coortes pretorianas ver Manuel MARÍN Y PEÑA, *Instituciones militares romanas*, Madrid, 1956, n.ºs 260, 490, 491, e, sobretudo, 576 e 628; sobre o recrutamento dos pretorianos e duração do serviço, ver n.ºs 610 a 622.

Ordo (ou *senatus*) era o conselho do município (no caso presente de Collippo): os seus membros chamavam-se decuriões (mais raramente *senatores* ou *conscripti*).

Quinto Talócio Alio Siloniano, natural de Collippo, foi nomeado decurião com dispensa das taxas exigidas e ainda das funções e encargos públicos que se requeriam normalmente para ascender a esse lugar. Esta atenção provocou nele uma atitude de reconhecimento e gratidão *Q*).

A dedicação, ordenada por decreto dos decuriões, da base (epígrafe) e da estátua em honra de Antonino, teve lugar a 13 das Calendas de Outubro, isto é, no dia 19 de Setembro, do ano em que o Imperador César Lúcio Aurélio Vero (Lúcio Vero) era cônsul pela terceira vez. Ora o terceiro consulado deste Imperador verificou-se no ano de 167 da nossa era, ano em que também foi cônsul Marco Umídio Quadrado. Nessa ocasião eram duúviro de Collippo Quinto Alio Máximo e Gaio Sulpício Siloniano. Registe-se, finalmente, o facto de *Quintus Talotius Allius Silonianus* pertencer à tribo Quirina.

Todos os nomes da inscrição se encontram, alguns (*Sulpicius*, *Maximus*, *Quadratus*) muito frequentemente, na epigrafia peninsular, com excepção de *Talotius* (gentilício) e *Silonianus* (cognome) que o CIL, II-IIS, regista somente na presente epígrafe. Alguns repetem-se nas inscrições que seguem. JU, EAAHA, m. 72, pp. 166-167, regista 54 casos do antropónimo *Sulpicius* em inscrições da Península, localizado sobretudo na *Hispania Ulterior*, com frequência também na antiga Galiza. Segundo MPL, OP, p. 30, *Allius* «independentemente do nome latino com a mesma forma»,

(0 Os textos epigráficos registam vários casos de alistamento na *ordem* dos decuriões gratuitamente e com dispensa do *cursus honorum* anterior. Recorde-se a entrada gratuita nessa *ordem* de uma criança de seis anos (—a admissão de crianças na *ordem* dos decuriões é fenómeno excepcional!), em reconhecimento da cidade de Pompeia pelo facto de seu pai ter restaurado, em nome do filho, o templo dedicado a Isis, destruído pelo terramoto do ano 62 depois de Cristo: *N. Popidius N. f. Celsinus \ aevem Isidis terrae motu conlapsam | a fundamento p(ecunia) s(ua) restituit. Hunc decuriones oh liberalitatem | cum esset annorum sexs ordini suo gratis adlegerunt.* (CLI, X, 846). O pai de N. Popidio Celsino chamava-se N. Popidio Ampliato.

parece ser de origem indígena (ver AF, s. v.). Quando a *Talotius*, Hübner, CIL, IIS, 5232, escreve: «*Talotius nomen num recte lectum sit dubito; fuit fortasse Tarquius*». Não há, porém, dúvida alguma na leitura: a inscrição regista *Talotius*, que com a forma *Taloci* (genetivo) aparece em Sacoias, perto de Bragança (EE, IX, 279). À parentela de *Talotius* pertencem *Talavus*, *Talavia*, *Talabarus*, *Tallicus*, *Tallius*, *Talevus* (JU, AML, RG, LXXII, p. 35 e m. 9, e MPL, OP, p. 100-101), *Talontius* (FA, Eg, p. 173-174) e outros (AF, p. 218-219).

Este bloco com inscrição foi aproveitado como material de construção na referida igreja de N. S. da Pena. Donde terá vindo? Das redondezas de Leiria. Talvez de S. Sebastião do Freixo. Há casos de deslocações muito mais distantes (ver inscrição XXXVI).

Os elementos que integram a presente epígrafe têm muito interesse para a história da antiga Collippo. Destacam-se: a data da dedicação em honra de Antonino e as referências explícitas a Collippo e ao seu senado (*ordo*), aos magistrados duúnviros do município coliponense em 167, e à carreira do coliponense Quinto Talócio Álio Siloniano.

BIBL.

- 1874 — PL, IV, s. v. *Leiria*.
 1876 — SA, BRA, 2.^a série, 1-12, p. 188-189.
 1892 — CIL, II S, 5232.
 1901 — TL, PD, 10 (2 Fevereiro 1901).
 1929 — JS, p. 13.
 1957 — MPL, OP, p. 100-101.
 1958 — Robert ETIENNE, *Le culte impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Diocletien*, p. 476.
 1962 — JU, AML, RG, LXXII, p. 35 e m. 9.
 1965 — JU, EAAHA, m. 72, p. 166-167.
 1967 — MA-BF, RG, LXXVII, p. 63-64.
 1968 — JR, p. 103.

III —EPITÁFIO DE «M? GVRTIVS CASSIANVS»
MAGISTRADO DE GOLLIPPO

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Reguengo do Fetal — Residência
paroquial



Bloco de calcário lioz, incompleto, fragmentado em duas metades, com inscrição funerária numa das faces, descoberto, há cerca de seis anos, na Quinta de S. Sebastião do Freixo, em terreno pertencente a António Brogueira e localizado na freguesia da Batalha, durante os trabalhos de cava e preparação para vinha. Conserva-se presentemente no jardim da residência do pároco do Reguengo do Fetal.

O bloco era de dimensões bastante grandes. Na ocasião em que foi descoberto, fragmentaram-no a tiros de pólvora, para mais facilmente o retirarem do local. Cerca de metade desapareceu: a parte posterior.

Ao ter conhecimento do achado, o Rev. P. José Vieira de Oliveira, pároco do Reguengo de Fetal, adquiriu e recolheu os dois pedaços maiores ainda identificáveis, que se justapõem no sentido da altura, conservando a face epigrafada, embora incompleta. No plano superior vê-se uma cavidade para *forceps* com 80 por 30 mm e 75 de profundidade, que ficava sensivelmente a meio do bloco. Os dois pedaços, superior e inferior, justapõem-se, mas com grandes falhas de pedra nas linhas exteriores da fractura e no lado esquerdo.

Dimensões do conjunto: alt. — 0,960 m; larg. — 0,505 m; profundidade actual ou comprimento: — 0,950 m. Como desapareceu cerca de metade, o bloco tinha inicialmente uma profundidade que andava à volta de 1,800 m ou 1,900 m.

A inscrição, que é funerária, tem muitas falhas de letras e muitas letras prejudicadas. Consta de 15 11.

- L. 1 — Parece notar-se no início, na linha de fractura, um levíssimo vestígio de letra correspondente ao *praenomen*: talvez vestígio de um M. Lê-se, depois, GVRTI[0]: o T está incompleto, bem como o I; o O desapareceu. Poderia seguir-se uma letra correspondente ao patronímico. Neste caso a sigla F estaria na 1. seguinte. Mas é provável, em razão do pouco espaço, não ter havido referência ao patronímico.
- L. 2 — [QV]I R(ina tribu) CASSIAN[0]: o espaço para a última letra afigura-se pequeno. Podia dar-se o caso de o O ser de menores dimensões ou então abriria o início da linha seguinte.

- L. 3 — Depois do numeral, poderia ter sido gravado o desaparecido O de *omnibus*. Uma falha de pedra existente parece permitir, de facto, vestígios dessa letra. Mas poderá ter sido aberta na l. seguinte. Seguimos a primeira hipótese.
- LL. 4-7—[MJNIBVS HO[N]ORIBVS IN R(c)[P (*ublica*)] / [C]OL-LIPPONE[N/SI F]VNC[TO...]. Na parte final da l. 5 terá desaparecido, com a fractura, um P final.
- LL. 8-12 — Não conseguimos reconstituir esta parte da inscrição. Algumas letras estão perfeitamente legíveis, outras menos legíveis; de outras há somente vestígios, muitas desapareceram.
- L. 14 — A sem travessão horizontal.

Formam nexos V-M (11. 10 e 13), N-T (1. 15) e, porventura, A-M (1. 9) se se tratar destas duas letras. Distinguem-se com nitidez cinco sinais de separação triangulares (11. 2, 3 e 15). As letras são de bom desenho, de incisão triangular, da escritura «capital guiada». O seu tamanho é desigual, variando entre 25 e 50 mm. O A inscrito (1. 3) e as letras da l. 13 têm a menor alt.: 25 mm; as letras das duas primeiras ll. medem 50 mm; as outras oscilam entre 27 e 45 mm.

Na leitura e desdobramento que seguem, omitimos as ll. 8 a 12.

M(arco)? Gurti[o / Qu]ir(ina tribu) Cassian/[o] an(norum) XXXIII, / \om'nibus ho/[n]oribus in R(e) [P(ublica) / C]ollip-pone\n\si ffunc[to... / 11. 8 a 12. / [R]ufinus pater cum / [C]assiano nepote / p(onendum) d(e) s(uo) curaverunt.

A Marco? Gúrcio Cassiano, da tribo Quirina, que morreu com 33 anos, e que tendo desempenhado todas as dignidades do município de Collippo... Rufino, pai, com Cassiano (seu) neto mandaram fazer à sua custa (este monumento).

In Re Publica collipponensi: município de Collippo. *Nepos* pode ser antropónimo ou indicar simplesmente grau de parentesco. Nesta inscrição preferimos a segunda hipótese pelo paralelismo: *Rufino, pai — Cassiano, neto.*

A expressão «*omnibus honoribus in Republica... functus*» (ou semelhantes) aparece com relativa frequência nos textos epigráficos. Para confronto, citamos alguns exemplos: de Bérghamo — *P. Mario, Votfuria tribu, Luperciano, eq(uiti) r(omano), e(quo) publ(ico), omn(ibus) honor(ibus) municipal(ibus) adept(is), iudici de select(is)*, etc. — P. Mário Luperciano, da tribo Votúria, depois de ter passado pelas magistraturas locais (Bérghamo), foi em Roma *iudex de selectis* (GIL, V, 5129); de Tarragona — *M. Valerio Vindici Tarrac., omnibus honoribus functo, heredes (')*: urna outra de Otricoli — ...*M. Caesolio Saturnino, omnibus honoribus in rep. sua functo, laudabili viro...* (CIL, XI, 4097 ⁽²⁾). O CIL, II, 4237 e 4257, regista duas inscrições com idêntica expressão referida a *Bracara: Q. Pontio, Q. f. Quir. Severo Brac. Aug., omnib. honorib. in R. P. sua functo*, etc., e uma outra de *M. Vlpius Reburus*.

Na nossa inscrição, a fórmula indica que *M. Gurtius Cassianus* tinha alcançado e desempenhado todas as magistraturas ou funções públicas (*cursus honorum*) de Collippo. As 11. 8 a 12 enunciariam epítetos e dignidades de um *cursus honorum* superior, ou outros elementos relacionados com o defunto.

O gentílico *Gurtius* não aparece registado (que saibamos) nos textos epigráficos. Parece ser variante de *Curtius* ⁽³⁾. *Cassianus* (de *Cassius*) aparece oito vezes no CIL, II-IIS na forma masculina e duas vezes na forma feminina. *Rufinus* (*Gurtius Rufinus*) (de *Rufus* — avermelhado, ruivo) é um antropónimo muito frequente na epigrafia peninsular. Aparecerá mais vezes no decurso deste inventário.

A inscrição é de muito interesse para Collippo. Aqui M. Gúrcio Cassiano desempenhou lugares de responsabilidade: as magistra-

te Inscrição da necrópole paleocristã de Tarragona, *apud* Pedro BATLLE HUGUET, *Epigrafia latina*, Barcelona, 1956, p. 212, n. 38.

⁽²⁾ Inscrição do ano 341.

⁽³⁾ Parece não haver dúvida sobre a leitura da primeira letra: é G e não C. *Curtius* aparece algumas vezes nos textos epigráficos peninsulares. Terá havido engano do lapicida?

turas locais. Não sabemos se e que outras missões superiores terá, porventura, desempenhado (a fórmula *omnibus honoribus*, etc. pode sugerir um *cursus honorum* posterior, como outras inscrições patenteiam). Estamos diante de um texto que se refere à vida pública do município coliponense. A designação nominal (*tria nomina*) e a indicação da tribo indicam a qualidade de cidadania do defunto. O *cursus honorum* desempenhado e a grandeza do monumento testemunham a sua importância.

Esta inscrição está inédita.

IV - SEPULTURA DA FLAMÍNIGA «LABERIA GALLA» COM
ESTÁTUA OFERECIDA POR DECRETO DOS DECURIÕES
DE COLLIPPO — INSCRIÇÃO FUNERÁRIA

ACH. — Leiria — Igreja de Santo Estêvão
PAR. — Ignorado

5

LABERIAE L • F • GALLAE
FLAMINICAE EBORESI •
FLAMINICAE PROV • LVSI
TANIAE IMPENSAM FVNE
RIS LOCVM SEPVLTVRAE
ET STATVAM • D • D • COLLI
PPONESIVM DATAM L*
SVLPICIVS CLAVDIANVS •

A mais antiga referência à presente inscrição encontramos-la em André de Resende (1498-1573) na *História da Antiguidade da cidade de Évora*, cuja primeira edição é de 1553. Depois de se referir à epígrafe de Labéria Gala, flaminica de Évora e da Província da Lusitânia, existente então em Évora «em casa do capitão de ginetes por pectoril de huma janella», acrescenta o conhecido Humanista: «Et non soamente haqui, mas en Leiria stá huma pedra que foi trazida da cydade de Collippo, que hagora he destruida, onde pairesse que a dicta flaminica morreo». Transcreve seguidamente a inscrição. Diogo Mendes de Vasconcelos (1523-1599), no *Liber Quintus — De Eborensi Municipio* que juntou aos quatro *De Antiquitatibus Lusitaniae* daquele Autor, escreve referindo-se à mesma flaminica Labéria Gala: «Extat eius memoria a libertis dedicata ut livro primo Resendius admonuit...». Continua depois: «Obiit autem in collipponensi oppido, ex cuius ruinis

Leiriensis civitas constructa videtur, quo aliquot vetusta marmora translata sunt, ut suo loco dicemus, inter quae epitaphium Laberiae visitur, in angulo frontispicii ecclesiae sancti Stephani, ad sinistram maioris ianuae partem». Diz, pois, Mendes de Vasconcelos, que a pedra, na ocasião em que escrevia, (a primeira edição é de 1593) se encontrava embutida na «esquina da igreja de Santo Estêvão de Leiria, à parte esquerda da porta principal».

Desconhecemos presentemente o paradeiro da lápide. Terá desaparecido da frontaria da igreja nas obras de reconstrução do templo levadas a efeito no tempo do bispo D. Pedro de Castilho (1583-1604)?

A lápide existente em Évora servindo de peitoril de uma janela da casa do capitão de ginetes, segundo Resende, e, mais tarde, «no frontispício das casas do Conde de Santa Cruz», segundo L. M. de Azevedo, continha a seguinte inscrição: LABERIAE-L-F / GALLAE • FLA/MINICAE • MVNIC / EBORENSIS • FLA / MINICAE • PROVIN/CIAE • LVSITANIAE / L • LABERIVS • ARTEMAS / L • LABERIVS • CALLAECVS / L • LABERIVS • ABASCANTVS / L • LABERIVS • PARIS / L • LABERIVS • LAVSVS / LIBERTI.

Trata-se de uma inscrição funerária de homenagem saudosa e agradecida a Labéria Gala, flaminica de Évora e da Província da Lusitânia, que cinco libertos quiseram prestar à memória da sua antiga «patrona», a quem ficaram a dever a manumissão ou alforria¹). Recordemos, a propósito, que há muitos casos de memórias funerárias com inscrições levantadas à mesma pessoa em diversas (duas e até mais) localidades.

Esta flaminica Labéria Gala faleceu e foi sepultada em Collippo. Aqui Lúcio Sulpício Claudiano lhe fez as despesas do funeral, lhe cedeu lugar para a sepultura e lhe levantou uma estátua que lhe foi dada por decreto dos decuriões do município

(^x) A. RESENDE, *História...*, cit. na bibi., 1783³, cap. VII, f. 102 v.º-103; Idem, *De Antiquitatibus...*, cap. VII. A cópia que damos é de Hübner, GIL, II, 114, que adverte: «versuum dispositio Resendiana arbitraria est».

coliponense. Consta tudo da inscrição proveniente de Collippo, em lápide antigamente embutida na igreja de Santo Estêvão de Leiria.

A cópia que apresentamos é tirada de Mendes de Vasconcelos. Separamos, apenas, as letras A-E, quando este as apresenta unidas em ditongo.

Laberiae, L(ucii) f(iliae), Gallae, / flaminicae ebore(n)si, / flaminicae prov(inciae) Lusi / taniae, impensam fune / ris, locum sepulturae I et statuam d(ecreto) d(ecurionum) Collippone(n)sium datam, L(ucius) I Sulpicius Claudianus...

Lúcio Sulpício Claudiano fez as despesas do funeral, deu lugar para a sepultura e levantou uma estátua, que lhe foi dada por decreto dos decuriões de Collippo, a Labéria Gala, filha de Lúcio, flaminica de Évora e da provinda da Lusitânia.

A inscrição parece estar incompleta. Pelo menos, teremos de subentender uma expressão final que traduza a acção do dedicante: *fecit*, ou outra mais rica. Hübner: «In fine quaedam deesse veluti *maritus fecit honore accepto, impensaque remissa* vel similia indicavi ego» (CIL, II, 339). A terminação sugerida pelo conhecido epigrafista alemão encontramos-la numa inscrição do *Conventus hispalensis* (CIL, IIS, 5409) quase paralela à de Collippo:... «huic ordo Lacidul[e]n(sium) decrevit laudation(em), impensam funeris, locum sepulturae, monument(um), statuam, Aelia M(arci) f(ilia) Bassina, mater, honore accepto, impensa remissa» i¹).

Eboresi (1. 2) e *Collipponesium* (11. 6-7): pode não tratar-se de abreviatura ou contracção. O «N» antes de S (e F) tende a desaparecer por não ser pronunciado. O fenómeno repete-se com frequência nos textos epigráficos. Já Mendes de Vasconcelos observava: «Eboresis pro Eborensis, et Collipponesium pro Collipponesium scribi, lectorem monemus: vel incuria marmorarii, vel

f¹) Segundo Resende, *De Antiquitatibus...*, cap. VII, a inscrição completar-se-ia: «...impensam funeris *fecit*, locum sepulturae *impetravit* et statuam *posuit*».

quia ea loquendi formula tunc in usu erat, ut ex multis aliis inscriptionibus colligitur».

Relativamente à onomástica pessoal, quase todos os nomes da inscrição são frequentes na epigrafia peninsular. O gentílico *Laberius* (*Laberia*) é antigo, muito espalhado no mundo romano, embora não demasiadamente na epigrafia da Península. JU, EAAHA, m. 45, p. 118, refere apenas onze casos na Península, «quase exclusivamente na *província Ulterior*», um caso de *Labilius* (Valera de Arriba) e dois de *Labricius* (Cartagena). Hübner, CIL, regista o cognome *Gallus* trinta e duas vezes na forma masculina e quinze na feminina; JU, EAAHA, m. 41, pp. 111-112, enumera cinquenta e três casos de *Gallus* e derivados, e observa que só aparecem nas partes mais romanizadas da Península. L. *Sulpicius Claudianus* (tria nomina) é designação pessoal que patenteia cidadania romana. O gentílico *Sulpicius* é, observamos de novo (ver II), muito frequente. *Claudianus* (de *Claudius*) aparece três vezes em Hübner, CIL, II: 2408, inscrição encontrada nas vizinhanças de Guimarães; 329, a que estamos a considerar; e 340 que a seguir descreveremos. Nestes dois últimos casos (339 e 340), trata-se da mesma pessoa que intervém, numa e noutra epígrafe, como dedicante: *L. Sulpicius Claudianus*.

A presente inscrição é de muita importância por se referir a uma flaminica que, pelo menos, viveu algum tempo em Collippo onde veio a falecer e foi sepultada, pelas circunstâncias que explicita relativas ao funeral, sepultura e estátua, e ainda por mencionar o decreto dos decuriões que constituíam o conselho (*ordo* ou *senatus*) do município de Collippo. Tem particular interesse, como é óbvio, para Collippo.

Labéria Gala era sacerdotisa flaminica do município de Évora e da província da Lusitânia. Além do culto local (Évora), tinha atribuições sacerdotais mais vastas, relacionadas com toda a província.

A missão dos flâmines e das flaminicas dizia respeito especificamente às divindades oficiais e ao chamado culto imperial. É sabido que o imperador podia ser divinizado em vida, come-

çando a chamar-se *Augustus*, e depois da morte (apoteose) começando a chamar-se *Divus* (ver II). Com o culto do imperador coexistia o culto da imperatriz e de outros membros da família imperial (*domus Augusti*, ou *augusta* ou *divina*) (x). Este culto, que se encontrava organizado a diversos níveis (*cidade, conventus, província*), estava confiado oficialmente aos flamines e às flaminicas.

Os textos epigráficos revelam vários flamines e flaminicas da província e de algumas cidades da Lusitânia: «cidades da província da Lusitânia onde houve flâmines e flaminicas encarregados dos cultos locais, sabemos das seguintes: *Ossonoba, Pax Julia, Eborá, Olisipo, Caesarobriga, Emerita*, e aquelas a que hoje correspondem a Vila de Alcácer do Sal (se não era a mesma que *Salacia*) e a aldeia de Bobadela»⁽²⁾.

A erecção da estátua em honra e memória de Labéria Gala dada por decreto dos decuriões é um pormenor valioso que testemunha a importância e prestígio que lhe reconheciam em Collippo. Aqui tinha certamente familiares, entre os quais Lúcio Sulpício Claudiano; aqui as próprias autoridades, os decuriões, lhe tributaram, pela decisão tomada, um preito externo de homenagem.

BIBL.

- 1553 —André de RESENDE, *História da antiguidade da cidade de Évora*, Évora, 1553¹; 1576²; Lisboa, 1783³. Seguimos a «Terceira edição fielmente copiada da segunda que se fez em Évora em 1576, a qual foy ainda emendada pelo mesmo Autor». De Labéria Gala trata no cap. VII, f. 102 v.º-103.
- 1593 —André de RESENDE, *De Antiquitatibus Lusitaniae*. De Labéria Gala trata no cap. VIL

¹⁾ Listas dos imperadores que receberam o título de *Divus* e dos membros da família imperial divinizados em René CAGNAT, *Cours d'Épigraphie latine*, Paris, 1914⁴, p. 170-172.

⁽²⁾ LV, RL, III, p. 318. Flâmines e Flaminicas da província da Lusitânia: GIL, II-II S, 32, 35, 114, 160, 195a, 339, 394, 396, 397, 473, 493, 895, 5184 e 5189. Ver sobretudo R. Étienne, *Le culte impérial* cit. na bibl.

Ver ainda FA, *Mais uma «Flaminica» na Baciado Sado*, RG, LXXX, 1970, p. 377-380.

- 1593 — Diogo Mendes de VASCONCELOS, *Liber quintus... de eborensi Municipio* (anexo aos quatro livros *De Antiquitatibus* de Resende).
Sobre Labéria Gala, p. 24-25.
- 1796 — P. Frei Vicente SALGADO, *Collecção de Monumentos Romanos*, ms. 592 (vermelho) da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, cap. IV, p. 22, n.º 60.
- 1861 — NA, p. 55.
- 1869 — CIL, II, 339.
- 1876 — SA, BRA, 2.ª série, MI, p. 171.
- 1910 — TP, 1, p. 17-19.
- 1913 — LV, RL, III, p. 313-323.
- 1958 — Robert ÉTIENNE, *Le culte impérial dans la Peninsule Iberique d'Auguste à Dioclétien*.
De interesse sobre o culto imperial. Sobre Labéria Gala, p. 167,170-171.
- 1968 — JR, p. 102, 105-106.

V —EPITÁFIO DE «Q. NAEVIDIVS RVFINVS» NATURAL
DE COLLIPPO

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Ignorado

VCIVMDIS MANIF
Q NAEVIDIQ VIR RVFIN
COLLIPAN CLA V
SIIVANILLALFLSVN
VSCIANDIANVS

Segundo o Notícias ms. de 1721, este letreiro (sic) encontrava-se no lugar de S. Sebastião do Freixo, em urn «canto das cazas em que mora Pedro Carreira» (f. 53 v.º). A primeira e única fonte (que sabemos!) desta inscrição funerária é o referido manuscrito. Reproduzimos a cópia aí apresentada, reduzida a metade do tamanho. Se ainda existe a lápide epigrafada, desconhecemos o seu paradeiro. A cópia do ms. dá-nos a inscrição incompleta, faltando a parte final e algumas letras no decorrer do texto. Algumas estão mal copiadas, outras incompletas.

Convém observar que o ms. não merece inteira confiança. O copista terá tentado transcrever o melhor que soube e pôde, mas não era nem bom observador, nem bom epigrafista. Nos casos em que, por gastas, as letras eram de difícil leitura, omitiu

algumas e outras copiou-as a seu modo, deficiente e erradamente, alterando-as e modificando-as. Basta confrontar as cópias com as inscrições ainda existentes. Recorde-se isto sempre que se utiliza este ms. como fonte.

Na presente inscrição são evidentes algumas deficiências de cópia, na última palavra da l. 1 (ler MANIBVS), e ainda na l. 4 em que deve ler-se SILVANILLA (IL e não II) e em que o N final da linha está errado, pois o primeiro traço vertical corresponde a um Leo segundo a um P.

Hübner, GIL, II, 340, baseando-se no ms., modificou e copiou assim a inscrição.

SACRVM • DIS • MANIBVS
Q* NAEVI DF* QVIR • RVFINÍ
COLLIP • ANN... *et* CLAVdiae
SILVANILLAE F • L • SVLP;
5 *ciVS* * CLAVDIANVS

Observa Hübner relativamente à l. 2: «pro D*F* fortasse corrigendum Q • F •» e depois acrescenta: «L. Sulpicius Claudianus, Claudiae Silvanillae pater et socer fortasse Q. Nevii Rufini, idem videtur esse cum eo qui n. 339 (*inscrição anterior* — IV) nominatur ; itaque eius tituli sinceritatem tuetur». Segundo este epigrafista a tradução seria, pois: *Consagração aos deuses manes de Quinto Névio Rufino, filho de Décimo* (ou de *Quinto*), da tribo *Quirina*, natural de *Collippo*, que morreu com... anos, e de *Cláudia Silvanila, filha. Lúcio Sulpicio Claudiano* (mandou levantar esta memória). Assim o dedicante Lúcio Sulpicio Claudiano teria mandado erigir o monumento a sua filha Cláudia Silvanila e a Quinto Névio Rufino (provavelmente seu genro).

Posteriormente SA, BRA, 2.^a série, 1-11, p. 171, interpretou a parte final da epígrafe: *...Claudia Silvanilla Lucii filia, Lucius Sulpicius Claudianus*, e traduziu do modo seguinte: «Cláudia Silvanila, filha de Lúcio, e Lúcio Sulpicio Claudiano consagram esta memória aos deuses manes de Quinto Névio Rufino, filho de Décimo, da tribo Quirina, cidadão de Colipo, que morreu da idade de ... anos».

Uma reflexão e exame atentos podem (e devem) sugerir algumas variantes face às duas referidas leituras. Na 1. 2, parece mais provável a leitura: *Q(uinti) Naevidi(i), Quir(ina tribu), Rufinfi]*. Hübner vê, nas duas letras que precedem imediatamente a tribo (QVIR), a indicação do patronímico D - F * (Decimi filii) ou Q • F • (Quinti filii). SA segue Hübner — *Decimi filii*. Ora a cópia tem simplesmente DL. De facto, o patronímico aparece, muito frequentemente, nas inscrições, como elemento identificador da pessoa. Coloca-se, regra geral, entre o *nomen* e o *cognomen*, quando a denominação contém estes dois elementos, e, como norma, antes da tribo, se esta é referida. Mas também se omite com frequência. No caso presente, não parece haver necessidade de recorrer a ele, nem de modificar as duas letras da cópia DL. Estas farão parte do *nomen* do defunto, que não será, nesta hipótese, *Naevius*, mas *Naevidius*. Acrescente-se que *Naevidius* — mais exactamente *Naevidia* — aparece noutra epígrafe de S. Sebastião do Freixo (XIV).

As 11. 4 e 5 dever-se-ão ler, de preferência, *Silvanilla et L(ucius) Sulpfici] I ius Claudianus*. As duas letras depois de *Silvanilla* (a primeira das quais copiada com alguma hesitação, permitindo uma reconstituição em D ou B, L e E), seriam ET, e não E (ligado a *Silvanilla*) e F, como propõe Hübner, nem L • F. (*Lucii filia*), como escreve SA.

De harmonia com as sugestões expostas, o defunto será *Q. Naevidius Rufinus*, e os dedicantes *Claudia Silvanilla et L. Sulpicius Claudianus*.

Como já se disse, a inscrição está incompleta na parte final. Para além de outros possíveis elementos, falta-lhe (ou subentende-se) a fórmula conclusiva *p(onendum) c(uraverunt)* ou semelhantes. Na 1. 2, depois de N o sinal inacabado pode ser o vestígio de um N (an-ra-(orum)), ou de um O (an(n)-o-(rum)), ou, ainda, do primeiro elemento indecifrável do número indicativo da idade. Seguidamente, o copista não conseguiu decifrar ou ler a idade do defunto.

Segundo as observações feitas, a epígrafe ler-se-á:

[*Sfacrum di(i)s Manibufs]* / *Q(uinti) Naevidi(i) Quirfina tribu) Rufi nfi]* / *Collip(ponensis) ann(orum) ou an(n)o(rum) ou*

an(norum) [...]• Claufdia] / Silvanilla et L(ucius) Sulp[ici] / us Claudianus / [p(onendum) c(uraverunt)?].

Consagrado aos deuses manes de Quinto Nevídio Rufino, da tribo Quirina, natural de Collippo, que morreu com ... anos de idade. Cláudia Silvanila e Lúcio Sulpício Claudiano (mandaram fazer esta memória).

O nome do defunto está em genitivo regido pela fórmula inicial í¹). Consta de *praenomen*, *nomen* e *cognomen*, o que, de par com a indicação da tribo, indica cidadania romana. *Naevius*, gentílico, aparece, algumas vezes, na epigrafia peninsular. Hübner, CIL, II-IIS, não regista o gentílico *Naevidius*, que, como já se observou, aparece como nome de mulher (*Naevidia*) noutra inscrição de S. Sebastião do Freixo (XIV) e se encontra, por exemplo, em CIL, V (*Inscriptiones Galliae Cisalpinae...*), 1445, e VIII (*Inscriptiones Africae Latinae*), 2564 c. 3 l. 19. Provém de *Naevius*. Com a mesma origem: *Naevinus*, *Naevilla*, *Naeviola*, etc. Sobre *Rufinus* ver a inscrição III. *Claudia Silvanilla* pertencia à *gens Claudia*. O cognome *Silvanilla*, Hübner, CIL, regista-o apenas na presente inscrição. Provém de *Silvanus* (*Silvana*) (por sua vez oriundo de *Silva*), cognome frequente na Lusitânia e na Península. Observe-se que, além de antropónimo, *Silvanus* é igualmente teónimo: *deus Silvanus*, *dea Silvana*. *Lucius Sulpicius Claudianus* dever ser o mesmo da inscrição anterior (IV), o dedicante de *Laberia Galla*.

A presente inscrição entra no grupo das especificamente coliponenses por referir a naturalidade do defunto: Collippo.

BIBL.

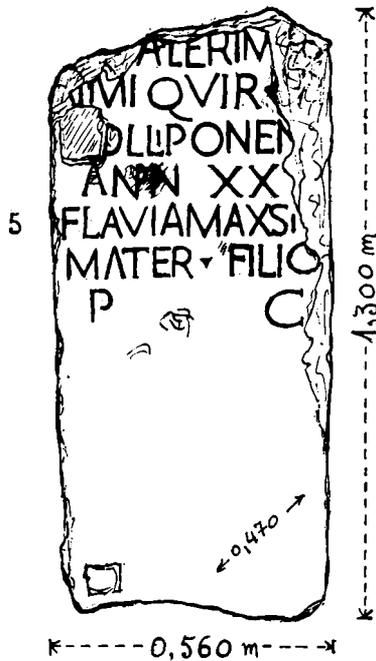
- 1721 — Notícias ms., ff. 53v.º e 55.
 1861 — NA, p. 55.
 1869 — GIL, II, 340.
 1876 — SA, BRA, 2.ª série, 1-11, p. 171.
 1910 — TP, 1, p. 20.
 1968 — JR, p. 102.

(¹) O genitivo com um só i (*Naevidi(i)*), quando o nome pede dois, é fenómeno quase corrente nos textos epigráficos.

VI —EPITÁFIO DE «VALERIVS MAXIMVS» NATURAL
DE COLLIPPO

ACH. — Maceira — A-do-Barbas

PAR. — Juncai



Cipo de mármore com inscrição funerária, mutilado na parte superior, encontrado, em Setembro de 1898, no lugar de A-do-Barbas, freguesia de Maceira, concelho de Leiria, por José Barreiros Galado, que o adquiriu e levou para sua casa do Juncai (Porto de Mós) (1). Guarda-se ainda na referida casa, hoje na posse da Ex.^{ma} Sr.^a D. Perpétua Amélia Galvão da Silva Barreiros Galado.

(1) «Encontrei-a em Setembro de 1898 no lugar das Debarbas, freguesia de Maceira, aldeia vizinha de Leiria» (art. cit. na bibl., p. 42).

O cipo está incompleto. Falta-lhe a parte superior. Apresenta duas cavidades aproximadamente rectangulares na face epigrafada, do lado esquerdo, uma ao alto e outra na parte inferior, e diversas falhas de pedra.

Dimensões: alt. — 1,300 m, larg. — 0,560 m, esp. — 0,470 m.

A inscrição está também incompleta. Desapareceu uma primeira l. com a fórmula consacratória aos deuses manes (D M S, SACRVM D M ou semelhante), ou à *memória*, que fazia parte da composição do epitáfio e regia o nome do defunto em genitivo. Faltam algumas letras e outras estão prejudicadas com a fragmentação e maus tratos que a lápide sofreu.

Há um ponto de separação triangular na l. 6, depois de *mater*; na l. 2, depois de *Quir*, um ponto duvidoso. Se outros existiram, desapareceram.

- L. 1—Antes de *[V]aleri(i)* desapareceu a sigla do *praenomen*; o M final está prejudicado e seguia-se um A também desaparecido; as letras estão prejudicadas na parte superior.
- L. 2 — No início, vestígios levíssimos de um X, seguido de um I também danificado. José Calado lê SI, mas erradamente.
- L. 3 — O I é de menores dimensões; a parte final da l. está danificada.
- L. 5 — OI final é também de menores dimensões; a parte final da l. está igualmente danificada.
- L. 6 — O A sem traço horizontal.

As letras são de bom desenho, de incisão triangular, do tipo de escritura «capital guiada».

Altura das mesmas: o I da terceira l. mede 25 mm; o último da l. 5 mede 35 mm; as outras variam entre 55 e 75 mm.

[D(iis) M(anibus) s(acrum)?] / [.V]aleri(i) Mfajjximi, Quir(ina tribu), / [C]ollip(p)onen[s(is)] / ann(orum) XX. / Flavia Maxi[ma] mater filio / p(onendum) c(uravit).

Consagração aos deuses manes de ...? Valério Máximo, da tribo Quirina, natural de Collippo, que morreu com 20 anos. Sua mãe, Flávia Máxima, mandou levantar (este monumento), à memória de seu filho.

Maximus e *Maxsima* aparecem com X e XS. O grupo XS por X é frequente nos textos epigráficos. Advirta-se que a tribo vem depois do cognome e que não se refere o patronímico.

A inscrição indica a naturalidade de Valério Máximo. Era de Collipo e pertencia à tribo Quirina.

BIBL.

1900 — José GALLADO, *Inscrição sepulcral romana*, AP, V, p. 42-43.

O artigo está datado: «Juncaí, Maio de 1899».

1901 — TL, PD, 15 (14 de Março).

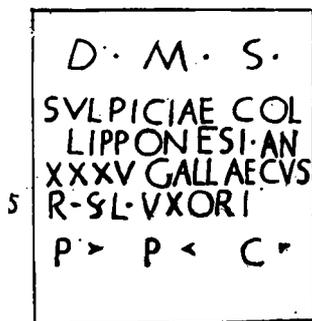
1913 — *Additamenta*, EE, XI, 28, p. 21.

1968 — JR, p. 104.

VII —EPITÁFIO DE «SULPICIA», NATURAL DE COLLIPPO

ACH. — Salir de Matos

PAR. — Ignorado



Lápide com inscrição funerária descoberta por volta de 1780, ou pouco antes, na freguesia de Salir de Matos, concelho de Caldas da Rainha, e que, segundo Frei José de S. Lourenço, foi levada para junto do celeiro do mosteiro de Alcobaça. Escreveu este Religioso: «Alcobatiae ditone est pagus Salir do Mato cognominatus, in quo sepulchralis lapis duorum palmorum cum dimidio longitudine latitudineque quadratus prope Monasterium horreum extat» 1¹). Não sabemos se existe actualmente. Não foi possível localizar o seu paradeiro.

A pedra era quadrada, informa Frei S. Lourenço, e media dois palmos e meio de altura por igual medida de largura. (*)

(*) Salir de Matos foi vila e couto do mosteiro de Alcobaça. Aparece também com as formas Salir dos Matos e Salir do Mato.

Reproduzimos a inscrição segundo a cópia do códice alcobacense, n.º 395, da Biblioteca Nacional de Lisboa, do referido cisterciense, que afirma tê-la copiado fielmente: «*inscriptio a me fideliter transcripta*». É a primeira referência conhecida e a única fonte também. Consta de seis linhas. Na primeira, há pontos de separação depois de todas as siglas; na terceira, um antes de AN; na quinta, pontos depois do R inicial e do L, o primeiro dos quais mais parece um pequeno traço que ponto de separação. A meio do S desta l. um pequeno traço oblíquo toca a letra (falha de pedra?); na última l., três sinais triangulares à maneira de pontas de seta, o último dos quais imperfeito.

Na l. 4 lê-se GALLAECVS e não CALLAECVS como vem no CIL.

D(iis) M(anibus) s(acrum). / Sulpiciae Col\lippone(n)si an(norum) I XXXV, Gallaecus / R(eipublicae) s(uae) l(ibertus) uxori / p(iissimae) p(onendum) c(uravit).

Consagração aos deuses manes. Gallaecus (Galego), liberto da sua República, mandou levantar (este monumento) à memória de Sulpicia, sua esposa piíssima, natural de Collippo, que morreu com 35 anos de idade.

Sulpicia era natural de Collippo e esposa de Gallaecus. Este era liberto *R(eipublicae) s(uae)*. Tinha sido, pois, escravo público. A expressão *Respublica sua* refere-se certamente ao município de Collippo que lhe concedeu a manumissão. Mommsen leu na l. 5: *R(eipublicae) s(upra scriptae)*, versão que Hübner seguiu em NAC). É preferível, todavia, por mais normal, ler *R(eipublicae) s(uae)*, que Hübner seguiu, depois, no CIL.

A hipótese de *Gallaecus* ter sido escravo e liberto de Collippo não recebe contra-argumento do próprio nome. Por um lado, *Gallaecus* não significa necessariamente que tenha nascido na

(¹) P. 56, nota 2: «As siglas da 5.ª linha significam talvez *R(eipublicae) S(upra scriptae)*, sendo certamente a falta do P e do segundo S devida à ignorância do autor provinciano — Th. M.». As iniciais lêem-se Thomas Mommsen. Ver também GIL, II, 353, em observações.

Galiza (*Callaecia*), embora possa manifestar uma relação com essa província (ascendência?, outro motivo?); por outro lado, poderia ter nascido na Galiza e posteriormente ser escravo e liberto de Collippo. Acresce notar que sua esposa era coliponense. Se outro fosse o município que lhe concedeu a alforria, deveria o dedicante mandar gravar o respectivo nome, pois a redacção da epígrafe sugere ou, melhor, indica Collippo, por antes haver uma referência a esse município. Em conclusão: *Gallecus* foi escravo e liberto de Collippo; é possível que tenha nascido na Galiza, mas é mais provável que tenha nascido em Collippo, onde sempre vivera na condição de escravo até ao momento da sua alforria¹⁾. É pura fantasia a interpretação de SA antepondo ao R da 1. 5 dois II e lendo *duumvir litibus (judicandis)* ⁽²⁾.

Collippone(n)sis: a omissão do N antes do S (*Collippones is*) corresponde, muitas vezes, como já foi observado (IV), à pronúncia (*sermo vulgaris*) em que o N, nessas circunstâncias, tende a desaparecer.

Sulpicius-Sulpicia é frequente nos textos epigráficos da Lusitânia e da Península (Ver II). Já apareceu três vezes neste trabalho (II, IV, V). Hübner, CIL, regista *Gallaecus* (adjectivo tornado antropónimo) somente duas vezes: na inscrição de Évora, atrás citada (IV) e na presente (aliás *Gallaecus*); regista também uma *Gallaeca Corneli Fusci*, em Avalos de Mérida (CIL, II, 556).

Como é evidente, esta inscrição tem muito interesse para Collippo. A defunta era coliponense; o marido foi escravo público e depois liberto do município e também aí terá provavelmente nascido.

(¹) O gentílico dos escravos públicos, depois de libertos, era geralmente *Publicius* ou um adjectivo formado do nome da cidade que os libertou. No nosso caso não aparece o gentílico.

(²) BRA, p. 151. Frei José de S. Lourenço, que não era epigrafista, interpretou a segunda parte da inscrição do modo seguinte: *Gallaecus Romanus Syllanus uxori propria pecunia consecravit*.

BIBL.

- 1780 — Frei José de S. LOURENÇO (Fr. Josephus a Divo LAURENTIO), *Monu-
menta selecta ou Descrição de algumas inscripções...*, Códice alcoba-
cense, ms., n.º 395, da BNL.
- 1861 — NA, p. 56.
- 1869 — CIL, II, 353.
- 1876 — SA, BRA, 2.ª série, 1-10, p. 151.
- 1968 — JR, p. 103 e 106.

**INSCRIÇÕES ENCONTRADAS
EM S. SERASTIÃO DO FREIXO**

No próprio local (VIH a XVII, além das III e V já vistas).

Nas imediações—raio de quilómetro e meio do ponto mais alto (XVIII a XXIV).

VIII — INSCRIÇÃO VOTIVA DE «ALBONIVS TACILLII».
INSCRIÇÃO VOTIVA.

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Ignorado

ALBONIVS TA
CILLII PRO* F
.ATVRNINO
MILITANTE

5 S· V* L·

A primeira notícia desta inscrição votiva, encontrada em S. Sebastião do Freixo, é de John Martin e foi publicada no «*Illustrated London News*», de 5 de Setembro de 1857. De novo foi publicada, no artigo traduzido em português *Restos de uma casa romana, descobertos em Arnal*, no semanário ilustrado «*Archivo Pittoresco*», I, 20 (Outubro de 1857): «N'uma capela antiga, em S. Sebastião, vê-se também uma pequena columna quadrada, de mão d'obra romana, de dois pés d'altura pouco mais ou menos,

e que está reservada em local particular, servindo de apoio a uma pia d'água benta. Tem a seguinte inscrição:



Hübner transcreveu a inscrição em NA (1871), p. 56, e, depois, no GIL, II, 338, lendo na segunda linha TARGELLI. No CIL observa relativamente à l. 5: «lege: *S(aluti) v(otum) [ffecit; nisi cum Mommseno dimidiatum credere mavis et ita fere restituendum: Albonius..... Targellfi pro Albonio] Saturnino [filio suo] militante [in coh.....] I sui[sque..... c. s.] ut dei nomen v. 5 exciderit*».

SA apresentou em 1876 (ver bibi.) nova cópia que lhe transmitiu em 25 de Março de 1872 o pároco do Juncal, P^c. Antonio Ferreira Louro, e que Hübner retomou em CIL, IIS, 5230. O P^c. F. Louro, apaixonado conhecedor das coisas antigas da região, viu e copiou directamente a inscrição (^x). SA não é totalmente fiel ao desenho do P^c. Louro (²). Diz este sacerdote que a inscrição estava «numa pedra voltada que serviu de apoio à pia

(0 O P^c. António Ferreira Louro foi cônego da Sé de Leiria; foi também sócio correspondente da Real Associação dos Architetos Civis e Archeólogos Portugueses.

(²) SA na interpretação desta e de outras epígrafes apresenta sugestões descabidas. É mau epígrafista.

de água benta que ali existe», «nas ruínas que dizem de Colippo»⁽¹⁾. Enviou na data supra a SA a seguinte cópia:

ALBONIVS TA
CILLH P R O - F
...ATVRNINO
MILITANTE
S - V - L -

Na 2.^a 1., o último *i* de *Tacillii* é de menores dimensões. Na 3.^a 1., os pontos do desenho do P.^e Louro designam apenas a falta de uma letra, que, por apagada, não conseguiu decifrar.

Desconhecemos o paradeiro actual da inscrição se, porventura, existe ainda ⁽²⁾.

A 1. 5 desdobra-se: *s(olvit) v(otum) l(ibens)*. Se a sigla final fosse F, ler-se-ia *S(aluti) v(otum) f(ecit)*. Mas Ferreira Louro copiou L.

Albonius, Talcillii (filius), pro f(ilio) / [SJaturnino / militante / s(olvit) v(otum) l(ibens).

Albónio, filho de Tacilio, de bom grado cumpriu um voto a favor de seu filho Saturnino, a prestar serviço militar.

A inscrição é votiva. Não mencionou o nome da divindade. Saturnino estava a prestar o serviço militar. O pai fez por ele um voto e viu realizados os seus desejos. Por isso, satisfez, agradeceu e de bom grado, o que prometeu.

O antropónimo *Albonius*, de origem indígena, aparentado com *Albicus* e *Albums* e outros do mesmo radical ALB, cobre na

⁽¹⁾ Consultámos a carta e o desenho ou cópia do P.^e Louro na colecção dos manuscritos de SA que estão hoje na posse da Ex.^{ma} Senhora D. Carolina Ferreira Pinto Ribeiro, Leiria, folhas avulsas do vol. ms. *Armas, Brazões e Inscrições*.

⁽²⁾ TP, II (1910), diz que procurou descobrir a inscrição, mas debalde.

Península urna área que não ultrapassa a Lusitânia. Além da presente inscrição, está representado em Cória — Espanha (CIL, II, 776), Torre de D. Miguel, Gáceres («Archivo Español de Arqueología», Madrid, 32, p. 188), Cárquere ... Resende («Brotéria», LII, p. 77), Inflas de Fornos de Algodres (¹), e, na forma feminina em Medellin (CIL, II, 606) (²). Fora da Península está representado na Itália ligúrica, razão por que Miillenhoff e Kretschmer afirmam ser de origem ligúrica (³).

Tacillius, em CIL, II-IIS, encontra-se só na presente inscrição. Informa MPL, OP, p. 100, que o «feminino *Tacilia* aparece em Calvi (Campânia) e as formas *Tacilius* e *Tacilus* respectivamente em Roma e Heddernheim (Alemanha)». O radical *Tac* e *Tag*, frequente em nomes celtas, «aparece, diz o mesmo Autor, uma forma reduzida de *Tañe* e *Tang*» que se encontra em *Tancinus*, *Tanginus* e *Tancius* e que aparece com o vocalismo -o- em *Tonceta*, *Tonginus*, *Tongius*, etc. (*Ibidem*, p. 11-102). AF, p. 219, discorda: «no cremos que los nombres de radical *Tac-*, *Tag-* tengam que ver com *Tanc-*». *Saturninus* é uma antropónimo muito frequente na epigrafia peninsular.

BIBL.

- 1857 — John MARTIN, «Illustrated London News», de 5 de Setembro, p. 254-256; *Restos de uma casa romana descobertos em Arnal*, «Archivo Pittoresco», 1-20 (Outubro de 1857), p. 123-126. A inscrição que nos ocupa, a p. 125-126. Trata-se do mesmo artigo, que também foi transcrito, mais tarde, em AP, VIII (1902), p. 313-319.
- 1861 — NA, p. 56.
F. LOURO, Apontamento ms. avulso em SA, *Armas...*
- 1869 — GIL, II, 338.
- 1876 — SA, BRA, 2.ª série, 1-12, p. 186.
- 1892 — CIL, IIS, 5230.
- 1910 — TP, II, AP, XV, p. 46-47.

(^x) Mons. Pinheiro Marques, *Terra de Algodres (concelho de Fornos)*, Lisboa, 1938. A p. 38: «Nas escavações a que procedeu o sr. Dr. Mota Feliz (em Inflas) encontrou também uma pedra com a seguinte inscrição: ALBONI».

(²) JU, EAAHA, m. 5, p. 49-50.

(³) LTLO, s. v. *Albonius*.

IX —INSCRIÇÃO HONORÍFICA (OU FUNERÁRIA)
A «L. ANTONIVS VRSUS»

ACH. — S. Sebastião do Freixo
PAR. — Leiria — Gabinete de Etnografia

L ♣ ANTONIO
VRSO
LIBERTI ♣ ET
FAMILIA

Bloco de calcário com inscrição honorífica (porventura funerária?), encontrado em S. Sebastião do Freixo. Foi recolhido no Gabinete de Etnografia da Comissão Distrital de Turismo de Leiria em 1964.

Trata-se de um bloco ou plinto, polido e alisado na face correspondente à epígrafe e nos lados direito e esquerdo, e de pico um pouco grosso nas superfícies posterior e superior. Nesta última há uma ranhura ou fenda provavelmente para utilização de *forceps*, com 80 por 25 mm, e com uma profundidade de 40 mm.

O bloco de secção rectangular terá servido talvez de base de estátua, possivelmente com uma peça de permeio. Apresenta algumas falhas de pedra.

Dimensões: alt.—0,630 m; larg.—0,535; esp. — 0,500 m.

A inscrição consta de quatro linhas. Notam-se levíssimas paralelas ou guias auxiliares para abertura e regularidade das

letras. Estas são do tipo «capital guiada», de muito bom desenho e de incisão triangular perfeita e pouco funda. Na segunda e terceira 11. há duas *haederae distinguentes* de fino desenho, estando a última um pouco danificada. Na primeira 1., o desprendimento de uma lasca de pedra fez desaparecer o segundo N, de que há apenas vestígios levíssimos da parte inferior, e feriu o I seguinte. Numa fotografia, feita já a lápide tinha sido recolhida no Gabinete, vêem-se ainda todas as letras dessa linha, o que indica ser tal dani-ficação posterior à entrada nesse Gabinete. A última letra da inscrição (quarta 1.) está ligeiramente prejudicada.

Altura das letras: 52 mm.

L(ucio) Antonio / Urso \ liberti et / familia.

A Lúcio António Urso, os libertos e a comunidade (familia) dos escravos (mandaram levantar este monumento).

Parece tratar-se da dedicação de uma estátua. Lúcio António Urso tinha concedido a manumissão a alguns escravos. Estes, agora libertos, não esconderam a sua gratidão e mandaram levantar um monumento de homenagem ao seu manumissor e os escravos quiseram tomar parte na homenagem ao seu patrono. Esta homenagem realizou-se certamente depois da morte. Observe-se, porém, que o monumento e a epígrafe poderão também ser funerários.

A palavra «familia» (de *famulus* — servo, escravo) significa o conjunto ou comunidade dos escravos (às vezes, o conjunto dos domésticos) (1). Quantos? Cícero escreveu: *unus homo familia non est* — um só escravo não constitui o que se chama família. Mas dois já formam uma família: *familiae nomine etiam duo servi continentur*, escreve um jurista romano. Todavia Ulpiano

1) Ver, por exemplo, a inscrição recolhida no Museu Nacional das Termas, de Roma, registada no CIL, VI, 6213, em que «familia» tem o significado de *comunidade de escravos: Familia T. Statili Tauri | patris ex d(ecreto) d(ecurionum) Antoniae M. I. Chryse in \ honore Statili Storacis \ ollam dederunt.*

observa: *Quindecim liberi homines populus est; totidem servi, familia; totidem vincti, ergastulum* ¹).

A designação nominal do homenageado consta de *praenomen*, *nomen* e *cognomen*, facto que revela, como já se observou, a qualidade de cidadania romana. Pertencia à gens *Antonia* e tinha como cognome o de *Ursus* (tirado do substantivo comum). Hübner, CIL, regista este cognome algumas vezes nas formas masculina e feminina. De *Ursus* provêm *Ursulus*, que o mesmo epigrafista inventaria três vezes, e *Ursula*, uma só vez (CIL, IIS, 6172), além de *Ursianus*, *Ursilus*, *Ursinus* e *Ursio*. JU, EAAHA, m. 81, p. 183-184, regista na Península, entre *Ursus* e os derivados referidos, vinte casos, numa área de expansão que se fixa «na *Baetica*, na zona ibérica oriental e, mais dispersamente, na Celtibéria e Lusitânia».

Lucius (de *lux*) é *praenomen* muito frequente na Lusitânia.

A alusão aos libertos e à *comunidade* (família) dos escravos e o monumento levantado pelos mesmos constituem um testemunho de relevância para o contexto social de Collippo.

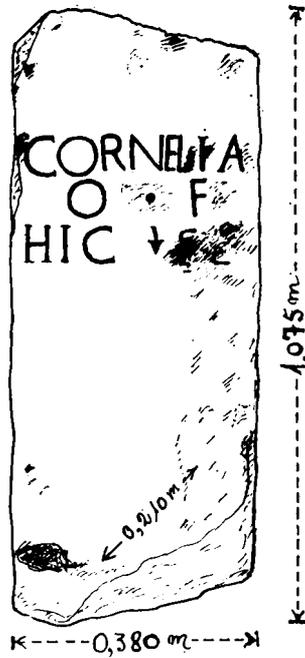
Inscrição inédita.

⁽¹⁾ Forcellini, *Lexicon totius latinitatis*, s. v. *Familia*. *Familia* significava também o conjunto de escravos que serviam no mesmo templo, ou o conjunto de livres e escravos que constituíam a mesma casa sob a dependência de um único *pai de família* (*pater familias*). A palavra sofreu uma evolução notável de carácter semântico. *Familia publica* era o conjunto de escravos de uma cidade. Ver Alvaro d'Ors — *Epigrafia Jurídica de la España Romana* (1953), p. 403-404.

X—EPITÁFIO DE «CORNELIA»

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Leiria — Biblioteca-museu



Estela funerária de calcário com inscrição, proveniente de S. Sebastião do Freixo. Daqui foi trazida, há anos, para junto da casa da Família Oliveira Simões, da Barreira (Leiria), sendo oferecida mais tarde, por essa Família, juntamente com a inscrição XVI, à Biblioteca-museu de Leiria, onde se encontra numa dependência (pátio-varanda) do Museu (por cima da sacristia da Sé).

A lápide está incompleta. Quebrou-se a parte superior e inferior. Rematava superiormente em ângulo, à maneira de frontão. Foi trabalhada (alisada) na superfície que contém a epígrafe e nos lados. A superfície posterior é irregular. Apresenta na zona epigrafada ligeiras falhas de pedra.

Dimensões: alt. — 1,075 m; larg.—0,380 m; esp.: 0,210 m.

A inscrição é simples, constando de três linhas. Não se distinguem todas as letras com a mesma nitidez: nas mais visíveis (lado esquerdo), o desenho é perfeito e a incisão triangular, do tipo da «capital guiada»; na zona da direita, a pedra está um pouco gasta, as letras são de desenho menos perfeito do tipo da «capital de mão livre» e a sua distribuição é irregular.

Na segunda linha há um ponto de separação, redondo, a igual distância das duas siglas; na terceira linha, depois de HIC, abre-se uma *haedera distinguens*, com a folha cavada, em triângulo, à maneira de ponta de seta. Das duas últimas siglas (parece tratar-se de S e E) só se distinguem leves vestígios.

A altura das letras varia entre 62 e 65 mm.

Cornelia, / o(ptima) f(ilia), / hic s(ita) e(st).

Cornélia, óptima filha, aqui está sepultada.

Esta inscrição é bastante lacónica (estilo lapidário): apenas o nome da defunta, com o inciso «optima filia» a perpetuar a dedicação da filha e a saudade dos pais, e a fórmula *hic sita est* a indicar que os restos da defunta se encontravam no local onde foi levantada a esteia sepulcral.

Cornelius (Cornelia) é antropónimo muito frequente na epigrafia peninsular.

Esta inscrição encontra-se inédita.

XI — EPITÁFIO DE «S. CRESCENTIVS»

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Ignorado

S • CRESCENTIO
. CLAVDIA • P • C •

Inscrição funerária, proveniente de S. Sebastião do Freixo. Foi copiada pelo P. António Ferreira Louro e transmitida a Vitorino da Silva Araújo que a publicou, pela primeira vez, em 1876. Hübner regista-a no GIL, IIS, 5235, copiando-a de SA. Desconhece-se a existência actual, bem como o seu paradeiro.

Consultamos, na documentação deixada por SA, a carta e o desenho que o P.º Antonio Ferreira Louro lhe enviou em 25 de Março de 1872 C). Sobre a presente inscrição, diz o P.º F. Louro que ela existia na capela das «ruínas que dizem de Collipo», onde a encontrou «no topo dum mármore vermelho que se vê num degrau junto do altar ao lado da epístola». E acrescenta: «Na segunda linha desta, falta uma letra, de que resta uma pequena parte e que parece ser um S ou um G.» No desenho que fez, aparece efectivamente, antes de *Claudia*, a parte superior (curva) de uma letra.

S(exto) Crescentio / . Claudia p(onendum) c(uravit).

A Sexto Crescendo..., Cláudia mandou levantar (este monumento).

j¹) *Armas, Brazões e Inscrições*, na posse de D. Carolina Ferreira Pinto Ribeiro. Ver VIII, nota (1), p. 80.

Crescentius é pouco frequente nos textos epigráficos peninsulares. Hubner, CIL, regista-o duas vezes: na presente inscrição, e noutra procedente de Liria (*Tarraconensis*), CIL, IIS, 6014. *Crescens* (de *cresco*) é mais frequente. *Claudius* (*Claudia*) é muito vulgar. Desconhecemos o cognome do defunto.

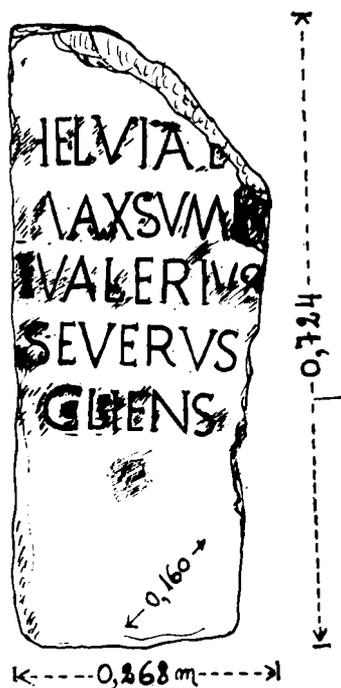
BIBL.

- 1872 — F. LOURO, Apontamento ms. avulso em SA, *Armas, Brazões e Inscrições*.
1876 — SA, BRA, 2.^a série, 1-12, p. 187.
1892 — CIL, IIS, 5235.

XII - EPITÁFIO DE «HELVIA MAXSVA»

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Museu de Castelo Branco



Estela funerária de calcário com inscrição, «achada nos al-
ceres de construções romanas», em S. Sebastião do Freixo e

adquirida, por compra, em 14 de Abril de 1909, por TP, que a levou para o museu de Castelo Branco, onde se encontra (x).

A peça está quebrada no ângulo superior direito e apresenta, além disso, ligeiras falhas de pedra. É de calcário branco, mole, tipo pedra de Ançã, sujeito a fácil desgaste. Na face lateral esquerda quase ao alto, observa-se uma cavidade rectangular, de 60 por 40 mm e com uma profundidade de 37 mm.

Dimensões: alt. — 0,724 m; larg. — 0,268 m; esp. — 0,160 m.

A inscrição consta de cinco 11.

- L. 1 — A primeira letra está incompleta pelo desgaste da pedra: igualmente a última pela fractura.
- L. 2 — Subsiste apenas o último traço do primeiro M. TP, escrevendo em Janeiro de 1910, diz que a inscrição estava completa. Transcreve, porém, a parte final desta 1. Ac, como se o E tivesse desaparecido ou não tivesse sido aberto pelo lapicida. A última letra que se observa presentemente é o M. O A desapareceu depois de 1910, mas havia, efectivamente, espaço, depois do M, para essa letra. Quanto ao E, não havia espaço nesta 1. para ele. Pressentimo-lo, provavelmente, no início da 1. seguinte, reduzido pelo desgaste da pedra a um traço ou sulco vertical pouco definido.
- L. 3 — 1 (=E) VALERIVS. Das duas últimas letras notam-se vestígios apenas.

As letras desta epígrafe são de sulco pouco profundo, triangular, de bom desenho, do tipo «capital guiada».

A sua altura varia entre 45 e 50 mm.

Helviae / Maxsum[a]je Valerius / Severus / cliens.

O cliente Valerio Severo (mandou levantar este monumento) a Helvia Máxima.

t¹) Nessa ocasião, TP andava a organizar o Museu municipal de Castelo Branco, que abriu ao público no dia 17 de Abril de 1910. Serviu de núcleo a sua própria colecção. Foi primeiro director do Museu o mesmo TP. (Ver TP, 1 (Julho-Agosto de 1910), p. 22-23).

Em *Maxsuma*, aparece o grupo XS em vez de X, fenómeno frequente nos textos epigráficos, como já se observou (VI). O V por I é também fenómeno frequente, resultado da pronúncia. Trata-se de um caso de labialização: *maxumus*, *optumus*, etc. Nos textos literários (Plauto, Petróneo e outros autores) regista-se o mesmo caso (*).

Valério Severo era *cliente*. Embora livre, o *cliente* vivia sob a protecção de um patrono, com ele vinculado e submetido ao seu poder. Ocupava uma situação que alguns classificam de semi-liberdade. Muitos *libertos* transformavam-se em *clientes* do antigo dono. Valério Severo teria sido cliente de Hélvia Máxima e em testemunho de gratidão mandou levantar-lhe a memória funerária. Há epígrafes em que *Clients* não significa condição social e jurídica, mas figura como antropónimo.

A onomástica pessoal desta inscrição não oferece dificuldades nem é singular: antropónimos bastante comuns na epigrafia peninsular. Sobre *Helvia* e expansão geográfica deste nome, ver o que se disse na primeira inscrição (I).

A esteia funerária de Hélvia Máxima foi encontrada em S. Sebastião do Freixo. Aí, portanto, terá sido sepultada, aí terá vivido e morrido... no recuado período luso-romano.

À família de Hélvia Máxima deve pertencer Hélio Filipe que encontramos na primeira inscrição. Há motivos para os aproximarmos topográfica e familiarmente. Têm o mesmo gentílico. Sabemos, além disso, que Hélio Filipe tinha um escravo — Corinto —, que morreu em Roma com 21 anos e que era natural do município de Collippo — «ex Lusitania, municipio colliponensi». O facto de Corinto ser *coliponense* sugere, pelo menos, que Hélio Filipe esteja relacionado de algum modo com Collippo e explicar-se-á totalmente admitindo que esse «patrono» residiu (ou nasceu e residiu), algum tempo, em Collippo e ao sair para Roma levou consigo o escravo Corinto (e certamente seus irmãos Vitor e

(¹) Ver Serafim da Silva NETO, *Fontes do latim vulgar*, 3.^a edição, Rio de Janeiro, 1956, p. 174-175, a propósito de «Bitumen non Butumen», n.º 193 do *Appendix Probi*.

Celer) (ver a inscrição I). A hipótese torna-se consistente, ao sabermos da existência do mesmo gentílico (*Helvia*) em S. Sebastião do Freixo.

Hélvio Filipe será, pois, da família próxima de Hέλvia Máxima. Em S. Sebastião do Freixo foi levantada a memória fúnebre a esta mulher; aqui terá vivido e morrido. Aqui terá vivido também, pelo menos algum tempo, Hélvio Filipe, que, saindo para Roma, levou consigo o escravo Corinto, natural de Collippo. E Collippo será precisamente o local onde foi encontrada a memória sepulcral de Hέλvia: S. Sebastião do Freixo.

BIBL.

1910 — TP, II, AP, XV, p. 46.

O artigo tem a data «Castello Branco, Janeiro de 1910».

XIII — EPITÁFIO DE «Q. LAERIVS SCIPIO»

ACH. — S. Sebastião do Freixo
PAR. — Ignorado.

5 Q LAERIO
QVIRINAE
SCIPIONI AN XXX
QVINTILLA Q
FIL MATER
FILIO
PIENTISSIMO

Segundo o ms. Notícias de 1721, a lápide com esta inscrição encontrava-se em S. Sebastião do Freixo, «no cunhal da parede das casas em que mora Pedro Carreira» (f. 53v.^o). Em 1890 informa José Calado que esta lápide tinha sido oferecida por Charters de Azevedo a Sande e Castro e fazia parte do «já interessante museuzinho» do mesmo Sande e Castro (x). Media 0,54 m de largura (2).

Em vão tentámos descobrir o paradeiro actual desta peça(3).

Refere José Calado: «Está gravada (*a inscrição*) em caracteres latinos do século de Augusto, n'um cipo de mármore bastante rijo, que mede 0,54 m de largo e que ao presente se acha mutilado. Foi cortado horizontalmente ao longo da 6.^a linha,

0) José GALLADO, art. cit. na bibl.

(2) *Ibidem*.

(8) Jerónimo de Lima Pais de Sande e Castro viveu algum tempo em Leiria, mas em 1894 já tinha retirado da cidade. Desconhecemos para onde, como desconhecemos também o paradeiro das peças que constituíam a sua colecção.

deixando apenas perceber umas ligeiras sumidades de todas as letras da palavra PIENTISSIMO. É sepulcral e parece-me que está completa. Não começando pelas siglas DM, naturalmente não terminava por P C, ou por qualquer outro fecho usado» (1).

Apesar da observação de José Calado, a epígrafe poderia terminar por P C ou «outro fecho usado», em linha desaparecida com a fragmentação da pedra.

Afirma o mesmo autor: «Na 3.^a linha, imediatamente à palavra SCIPIONI segue-se em letras de inferior grandeza (AN XXX) a idade de Laerius» (2). Ou o lapicida se esqueceu de a gravar e introduziu-a depois, corrigindo a omissão, em letras menores por falta de espaço: ou só mais tarde terá sido acrescentada. Ambos os casos são frequentes. O ms. Notícias não regista a idade.

O grupo A-N de an(norum) formava nexu.

*Q(uinto) Laerio / Quirinae (tribus) \ Scipioni an(norum)
XXX, I Quintilla Q(uinti) \ fil(ia), mater, / filio / pientissimo.*

A mãe Quintila, filha de Quinto, (mandou levantar este monumento) à memória de Quinto Lério Cipião, da tribo Quirina, seu filho piedosíssimo, que morreu com 30 anos de idade.

À inscrição poderá acrescentar-se, como foi já dito, [*p(onendum) cfuravit*] ou semelhante, fórmula desaparecida. Se inicialmente a não tinha, subentender-se-ia.

Quinto Lério Cipião pertencia à tribo Quirina. Regra geral o nome da tribo aparece em ablativo. Na presente inscrição está em genitivo (3).

De observar a designação nominal do defunto, com preñóme, nome e cognome, característica, de par com a indicação da tribo, de cidadania romana.

f1) José GALLADO, art. cit.

(2) *Ibidem.*

(3) Segundo Hübner, a tribo em genitivo encontra-se também em algumas inscrições de Sevilha: NA, p. 55 e GIL, II, 347.

O gentílico *Laerius* Hübner só o regista na presente inscrição: «nomen aliunde non novi», observa (x). Com a grafia *Lerius* encontra-se no CIL, VII, 184.

Scipio, que significa báculo ou bordão, aparece no CIL, II e IIS, somente em três inscrições, além da presente: 1688 (Franco — *Baetica*), 3836 (Sagunto-Murviedro) e 3192 (Valera de Arriba), estas duas últimas da *Tarraconensis*. Acrescentamos a inscrição proveniente de Idanha e hoje guardada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, do ano 16 antes de Cristo, que menciona o cônsul Lúcio Cornélio Cipião (2). O sobrenome *Cipião* anda muito ligado, como é bem sabido, à *gens* ou família *Cornelia* de que a história regista muitos membros ilustres. *Quintillus-Quintilla* (de *Quintus*) encontra-se, com relativa frequência, no onomástico peninsular. Mais frequente *Quintilla* que *Quintilius*. Voltará a aparecer numa inscrição proveniente de Leiria (XXXVII) e noutra de Maceira (ou Porto de Mós) (XLI).

BIBL.

1721—Notícias, ms., f. 54.

Cópia incompleta e inexacta.

1861 — NA, p. 55-56.

1869 — CIL, II, 347.

Serve-se do ms. de 1721 como fonte, embora faça correcções.

1890 — José CALLADO, *Inscrição romana*, «Distrito de Leiria», n.º 426 (24 de Maio de 1890).

1892 — CIL, IIS, *Additamenta*, p. 1030.

Hübner serve-se de um calco enviado por José Calado e do cit. arl. do mesmo autor.

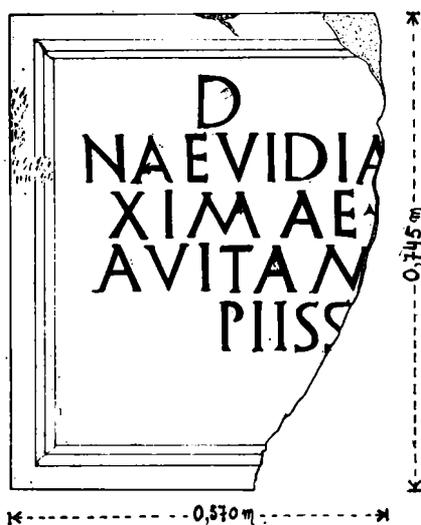
1) CIL, IIS, p. 1030.

(2) FA, Eg., p. 140-141 e LAMBRINO, AP, série III-I, p. 17-27.

XIV — EPITÁFIO DE «NAEVIDIA MAXIMA»

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Leiria — Gabinete de Etnografia



Fragmento de placa (*tábula*) de mármore com inscrição funerária, proveniente de S. Sebastião do Freixo, onde foi encontrado numa vinha. Guarda-se presentemente no Gabinete de Etnografia da Comissão Regional do Turismo de Leiria.

A placa, de forma rectangular e com moldura, foi fracturada sensivelmente a meio, no sentido do comprimento em linha irregular. Encontrou-se somente a parte da esquerda.

Dimensões: a parte que subsiste mede 0,745 m de alto por 0,570 de largo; a espessura na zona epigrafada é de 0,130 m.

A inscrição está incompleta. É possível reconstituí-la quase totalmente. Consta de cinco linhas. Teria uma sexta? Na terceira 1. há um sinal *distinguens* triangular. As letras são de bom desenho, do tipo «capital guiada», com uma incisão de 7 mm de profundidade. Medem 75 mm de altura. Leitura e reconstituição prováveis:

*D(iis) [M(anibus)]. \ Naevidiafe MaJ/ximae [an(norum)...].
I Avita m[atri] / piissifimae].*

Aos deuses manes. Avita (mandou fazer este monumento) a Nevidia Máxima, sua mãe piedosíssima, que morreu com ... anos de idade.

A disposição das letras das linhas primeira e quinta, o preenchimento das palavras truncadas e o equilíbrio da composição sugerem como provável a solução apresentada. Reconstituimos a primeira linha com as siglas D M de preferência a D M S, por parecer não haver muito espaço para o S, embora não seja de excluir, como provável também, a fórmula completa. É impossível determinar a idade da defunta, mas o facto de aparecer como dedicante a filha supõe que teria bastantes anos, na ocasião da morte.

Para fecho subentende-se a fórmula *ffaciendum) c(uravit)*, ou semelhante. Não é, porém, de excluir, observe-se, a possibilidade de ter existido tal fórmula numa sexta linha, na parte inferior da lápide desaparecida.

Relativamente à onomástica pessoal, faremos breves considerações. *Naevidius (Naevidia)* não aparece registado no CIL, II-IIS. Aí encontramos *Naevius* (algumas vezes) e *Naevia* (uma vez). De *Naevius* («nomen viri ex gente romana antiquissima, plebeja, quae satis probabiliter a *naevus* est appellata» ¹⁾ deriva *Naevidius*, gentílico que aparece, em textos epigráficos fora da Península, como já foi lembrado (V) e em textos literários.

Maximus (Maxima) e *Avitus (Avita)* são frequentes na epigrafia peninsular.

¹⁾ LTLO, (2.º vol.), s. v. *Naevius*.

Relativamente a *Avitus* (*Avita*), transcrevemos Perin, LTLO, s. v. por conter observações muito pertinentes: «*Avitus*, cogn. vir., rarum apud ethnicos scriptores; e titulis vero frequens tam humilium (neque tamen servorum) quam nobilissimorum, praecipue in gentibus *Alfia*, *Didia*, *Dubia*, *Ecditia*, *Flavia*, *Hedia*, *Julia*, *Rufia*, inde a primo p. Chr. saeculo medio, magis autem saec. secundo et tercio, saepius in Hispaniis, ubi ita cognominati plus centum occurrunt, ex quibus dimidia fere pars Lusitani, oriundi imprimis ex oppidis Olisipone et Gollippone; praeterea numerosi innotuerunt ex Norico, Pannonia, Gallia Narbonensi, sed pauci Romani, nemo in columbariis; porro nomen numquam interiisse docent christiani saec. v et vi». Na Península a área de expansão deste antropónimo localiza-se, sobretudo, na *Província ulterior*; na *citerior* adensa-se somente na região saguntina. É frequentíssimo na Lusitânia (JU, EAAHA, m. 14, p. 65-66).

Esta inscrição está inédita.

XV _ INSCRIÇÃO ESGRAFIADA DE «NVDISIA»,
«DOVTIA» E «PVGIVS»

ACH. — S. Sebastião do Freixo
PAR. — Museu de Castelo Branco

Inscrição aberta num tijolo proveniente de S, Sebastião do Freixo. Numa visita que fez ao local, no dia 14 de Abril de 1909, F. Tavares de Proença Junior adquiriu por compra esse tijolo. Encontra-se no museu de Castelo Branco, no recheio ainda não exposto (1).

Dimensões do tijolo: larg.— 0,29m; alt.— 0,15m; esp.—0,05m.

A inscrição, género grafito, foi aberta numa das faces, em duas 11. Está incompleta. Completava-se noutro ou noutros tijolos desaparecidos. Escreve TP: «Os caracteres cursivos são toscos, gravados com ponteiro no barro, antes da cozedura. As areias e impurezas do barro fizeram nalguns sítios desviar o ponteiro, deixando imperfeitas algumas letras o que torna difícilima, se não impossível, a leitura». Depois da *sua leitura*, incompleta e incorrecta, acrescenta: «Esperarei a restituição completa, embora se me afigure que esta inscrição ocupava mais do que um tijolo.»

Felizmente, pudemos examinar uma cópia em gesso desta inscrição existente no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2) e conseguimos lê-la quase

(9 TP, no artigo indicado na bibl., p. 39, diz que depositou no Museu as inscrições que adquiriu. Não nos foi possível ver as peças mais pequenas do Museu, por estarem guardadas e fechadas.

(2) Atenção que ficamos a dever ao Sr. Dr. Jorge de Alarcão.

integralmente. Consta de duas ll., em escritura do tipo *comum* ou *cursivo* com maiúsculas e minúsculas.

L. 1 — Há pontos de separação depois de NALTIVI e NUDISIA; o I final de NALTIVI é mais alto; uma pequena falha no tijolo dificulta a leitura do N de NUDISIA; a última palavra está incompleta: lemos DIT[I].

L. 2 — No início leitura duvidosa (V?, N? N com I inscrito?), seguindo-se um ponto de separação; depois de DOUTIA, ponto de separação; o E de ENDOSILLI é constituído por dois traços verticais. Lemos no fim da l. PUGIV[S]: vê-se parte do bojo do P.

A altura das letras oscila entre 5 e 22 mm.

...] / *Naltivi(i) (filius(a)), Nudisia Ditfi (filia)* / .? / *Doutia Endosilli (filia), Puciufs]*...

...*filho a de Naltívio, Nudisia filha de Dito..., Douícia filha de Endosilo, Púgio filho de...*

Da inscrição restam, apenas, como se vê alguns nomes (nomes e patronímicos). Será funerária, com a indicação dos nomes dos defuntos ?

Naltivius ou *Naltims* é antropónimo não registado ainda na epigrafia peninsular. Igualmente *Nudisius* (a). Estará *Nudisius* relacionado com *Nudus*, do celta *Nud?* *Endosillus* não foi ainda inventariado. É possível que o elemento *Endo* seja comum a *Endo-vellicus*. Sobre *Doutia* ver o que adiante se dirá a propósito de *Dutia* (XXX). *Pucius* é nome celta já encontrado em Idanha-a-Velha, *Dutia Puci*, (CIL, II, 447, FA, Eg, p. 210, n.º 108, MPL, OP, p. 93). A variante fonética *Pugius* (gen. *Pugi*) aparece em CIL, II, 2380 (Pombeiro).

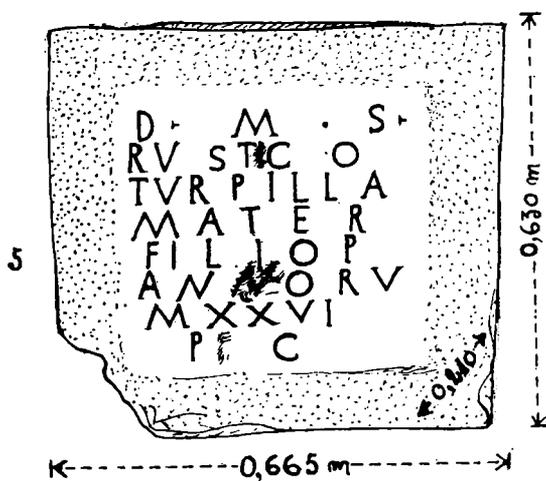
BIBL.

1910 — TP, II, AP, XV, p. 47-48.

XVI — EPITÁFIO DE «RVSTICVS»

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Leiria — Biblioteca-museu



Lápide sepulcral, de mármore com inscrição. «Pedra movediça (encontrada) sobre um muro» em S. Sebastião do Freixo (ms. Notícias de 1721, f. 53 v.º). Guarda-se hoje numa dependência (pátio-varanda) da Biblioteca-museu de Leiria. Foi oferecida pela família Oliveira Simões da freguesia da Barreira, juntamente com a inscrição X.

A lápide foi aproveitada como material de construção e, por isso, adaptada (e danificada) para tal fim. É de forma rectangular. Está fragmentada no ângulo inferior esquerdo. À volta do campo epigráfico havia uma faixa saliente, de cerca de 11 cm de largo, à maneira de moldura, formando um enquadra-

mento rectangular, que foi posteriormente picada para nivelamento com a superfície da inscrição, desaparecendo completamente o relevo. A lápide era de maiores dimensões: continuava, pelo menos, na parte superior, embora em nível mais baixo que a superfície epigrafada. Notam-se ainda vestígios desse prolongamento. Estaria provavelmente colocada sobre a sepultura, em posição horizontal, com a epígrafe para cima ou talvez embutida em parede, como lousa ou placa.

Dimensões actuais: alt.—0,630 m; larg. — 0,665 m; esp.
— 0,210 m.

A inscrição consta de oito linhas.

- L. 1 — Depois do D e do S, sinais de separação em forma de pequeníssimo T deitado; depois do M, um provável ponto de separação.
- L. 2 — RVSTICO: o I está um pouco prejudicado pela falha de pedra no centro; notam-se perfeitamente as extremidades superior e inferior. Provavelmente o lapicida esqueceu-se de gravar esta letra, introduzindo-a depois, como emenda.
- L. 3 — TVRPILLA, sem dificuldade de leitura. Estará por *Turpilia*?
- L. 6 — ANNORV. Duvida-se da existência do segundo N. Há, no entanto, falhas de pedra nesse local que parecem sugerir essa letra.

A distância das letras entre si é irregular. O seu desenho não é muito cuidado. A incisão é triangular, embora não muito perfeita. Os PP e RR apresentam um bojo muito pequeno.

A altura das letras oscila entre 40 e 45 mm.

Os dois sinais de separação depois de D e S da primeira linha não nos recordamos de os ter visto noutras inscrições. Dos conhecidos, o que mais se assemelha é formado por uma barra horizontal entre duas menores verticais que aparece no CIL, I², 28 e VI, 3085 (inscrição encontrada no Tibre, que se guarda presentemente no Museu Nacional das Termas, em Roma).

*D(iis) M(anibus) s(acrum). / Rustico / Turpilia / mater / filio
p(iissimo) I annoru/m XXVI / p(onendum) c(uravit).*

Consagração aos deuses manes. A Rústico, filho piíssimo, que morreu com 26 aros de idade, srca jrcae Turpila mandou levantar (este monumento).

A idade coloca-se geralmente depois do nome do defunto, o que se não verifica nesta inscrição.

Rusticus (nome comum tornado próprio) aparece com frequência nos títulos epigráficos da Península. Não conhecemos *Turpilia* (*Turpilius*) noutras inscrições. Hiibner regista *Turpilia* em Alcalá del Rio, na *Baetica* (GIL, II, 1089). O gentílico *Turpilius-Turpilia* aparece, algumas vezes, fora da Península, nos textos epigráficos e nos escritores. De *Turpilius* provém *Turpilianus*. Todos radicam a sua origem em *turpis*.

A leitura deste nome não oferece dúvidas: *Turpilia*. Só um erro do lapicida trocando L por I (o que é possível e se verifica com frequência) poderia justificar a leitura *Turpilia*, pois o segundo L é muito claro.

BIBL.

- 1721 — Notícias, ms., f. 53v.º e 56.
L. 2-RVSTCO; 1. 3-TVRILIA; 1. 5-FILIOI.
1869 — GIL, II, 348.
Lê, na 1. 3, TVRjsILIA.

XVII — GRAFITO DE «SATVRNINVS»

ACH. — S. Sebastião do Freixo

PAR. — Leiria — Gabinete de Etnografia

Pondus de barro com inscrição, encontrado em S. Sebastião do Freixo, actualmente no Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo, em Leiria, onde deu entrada em 1964.

É de secção rectangular e de linhas oblíquas (pirâmide truncada). Apresenta perfuração. Mede 0,105 m. de altura.

A legenda, esgrafitada, foi aberta, antes da cozedura, com estilete de terminação arredondada. Distribui-se em duas linhas na superfície superior. O A da primeira linha aparece sem traço horizontal. O sulco do I final desta linha é nítido, em toda a altura, apesar da fractura no ângulo do *pondus*, que ocasionou uma pequena falha de barro.

A altura das letras varia entre 9 e 15 mm. Tipo de escritura: entre a *capital* e a *comum*, «de mão livre».

Saturni / «n» nu

De Saturnino.

Na segunda linha o N está repetido.

O nome, em genitivo, parece indicar o dono do *pondus* (genitivo de posse). Poderá indicar também o fabricante ou oleiro.

Saturnino, diminutivo de *Saturnus*, é como foi dito, muito frequente na epigrafia peninsular. Aparece atrás, na inscrição VIII, da mesma proveniência.

Este *pondus* está inédito.

XVIII — INSCRIÇÃO MONUMENTAL DE «ALFIDIANVS»?

ACH. — S. Sebastião do Freixo
— Vizinhanças: Bico Sacho
PAR. — Museu de Castelo Branco ?



Fragmento de lápide de granito com inscrição incompleta encontrado por F. Tavares de Proença Junior no lugar de Bico Sacho, da freguesia da Batalha. Adquiriu-o por compra, na ocasião do achado. Desconhecemos o actual paradeiro da inscrição, mas julgamos que se encontrará no Museu de Castelo Branco C).

A gravura que ilustra esta notícia reproduz a cópia de TP. Baseamo-nos nas informações por ele fornecidas em Janeiro de 1910 ⁽²⁾. A inscrição «mutilada, gravada em granito e já muito

p) Ver XV, nota 1.

⁽²⁾ Bibl. cit., p. 48. A visita de TP a S. Sebastião e, provavelmente, a compra do fragmento da lápide tiveram lugar no dia 14 de Abril de 1909. *Ibid.*, p. 46.

deteriorada», «estava metida num cunhal de um pardieiro, invertida, coberta por musgo e cal no pequeno fugar chamado Bico-de-Sacho»; «provém certamente do *oppidum* de S. Sebastião, que fica à distância de um quilómetro».

É natural, efectivamente, que a pedra tenha rolado ou caído do alto, de S. Sebastião do Freixo.

Sobre a inscrição, o mesmo autor observa: «Apesar de na pedra não existir resto da parte inferior do L da 1.^a linha, eu julgo poder restituir com toda a segurança o seguinte:

TEfyIPLVM • I . . . ?
?..ALFIDIAN[i?

Não fazemos comentários. Aguardamos a possibilidade de consultar a inscrição quando for exposta, no caso de se encontrar no referido museu.

Hübner no CIL, II-IIS, não regista o antropónimo *Alfidianus*.

BIBL.

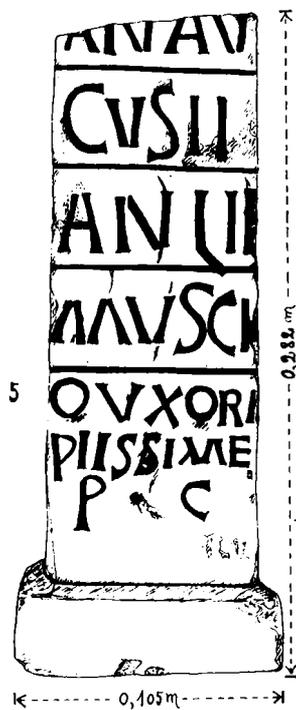
1910 — TP, II, AP, XV, p. 48.

Artigo datado: «Castello Branco, Janeiro de 1910.

XIX — EPITÁFIO DE «ANAVA»

ACH. — S. Sebastião do Freixo — Vizinhanças:
entre Garruchas e S. Sebastião

PAR. — Reguengo do Fetal — Residência paro-
quial.



Monumento funerário, incompleto, em forma de árula. É de calcário. Foi encontrado, há cerca de 11 anos, perto de S. Sebastião do Freixo, entre Garruchas e S. Sebastião, em local da freguesia

do Reguengo do Fetal, concelho da Batalha. Adquirido pelo Rev.^o P. José Vieira de Oliveira, encontra-se na residência parquial do Reguengo.

Desapareceu a parte superior desta peça por se ter fragmentado. Remataria provávelmente em forma de capitel ou almofada de ara. A base é saliente.

Dimensões: alt. total — 0,282 m; larg. na base — 0,105 m; esp. na base — 0,085 m. A base mede 0,035 m de alto. O fuste mede 0,083 m de larg. por 0,069 m de espessura.

A inscrição consta presentemente de sete linhas. É possível que abrisse com a fórmula da consagração aos deuses manes (D. M. S. ou semelhante) desaparecida com a fragmentação da pedra.

Foram utilizadas paralelas ou guias auxiliares nas primeiras quatro ll. A primeira l. está danificada pelo corte da pedra. A fractura atingiu o traço horizontal do primeiro A que ainda se nota. Lemos ANAV(ae). Na terceira l. o L apresenta o traço inferior descido obliquamente, formando ângulo obtuso.

Há ligeiras falhas de pedra na zona epigrafada que prejudicam algumas letras. Estas são de mau desenho e rudes, com incisão triangular, relativamente profunda. A sua altura é bastante desigual, oscilando entre 12 e 31 mm.

Anav(ae) / Cusii (filiae) / an(norum) LII. / Musci/o uxori / piïssim(a)e / p(onendum) c(uravit).

A Anava, filha de Cúsio, que morreu com 52 anos. Muscião mandou levantar (este monumento) à esposa piedosíssima.

O CIL, II-IIS, não regista *Anava*. Nem o conhecíamos como antropónimo, mas sim como topónimo e nome de rio. Todavia Holder, s. v. (vol. I e Supl.), regista *Anavus (Anavos)* e *Anavio(n)*. É de raiz celta. Do mesmo étimo: *Abr-avannus* (1).

f1) «Anava, ae, f. 1. ('Avaua) 1. Est oppidum Phrygiae magnaе, ad lacum cognominem, hodie Adjituz (V. Hirschfeld, *PW.* 1.2074)...; 2. Item

Cusius não aparece no CIL, II-IIS. Gomo gentilicio encontra-se por exemplo, numa inscrição de Cápua (CIL, X, 4321). *Cusia*, nome de mulher, vem registado no CIL, 111,14773 (Dalmácia). De *Cusius* provêm *Cusinus*, *Cusinius* e *Cusenius*.

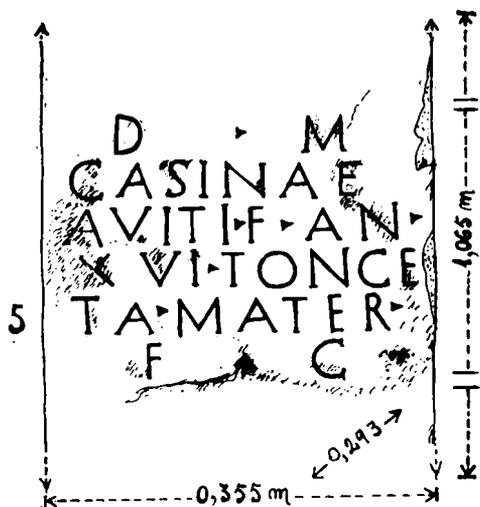
Muscio(onis) não foi registado ainda (que saibamos) na epigrafia peninsular. Regista-o, por exemplo, o CIL, III, 5265. Provém de *Muscafae*, cognome de homem (substantivo próprio tirado do nome comum *musca*)- Em *Musca* têm origem, *Mustia*, *Mustio*, *Muscianus*, *Muscionius* e *Muscillus* (este registado no CIL, II, 1853).

Esta inscrição está inédita.

fluvius Britanniae. *Ravenn.* p. 438». LTLO, s. v. *Anava*. Ver também Holder, s. v., I e Supl.: nome de rio, agora Annan; refere outros nomes com o mesmo radical; regista *Anavos* (*Anavus*) (masculino).

XX — EPITÁFIO DE «CASINA».

ACH.—S. Sebastião do Freixo — Vizinhanças:
Outeiro de Perulheira
PAR. — Reguengo do Fetal— Residência paro-
quial



Estela funerária, de pedra lioz, encontrada a pequena distância de S. Sebastião do Freixo, perto do lugar da Alcaidaria, no sítio do Outeiro de Perulheira, freguesia de Reguengo do Fetal, concelho da Batalha. Foi adquirida, há cerca de nove anos, pelo Rev. P. José Vieira de Oliveira, pároco daquela freguesia, e encontra-se presente-mente no quintal da residência da mesma freguesia.

Remata superiormente em ângulo ou frontão que não abrange toda a largura. Apresenta ligeiras falhas de pedra e está fragmentada no ângulo inferior direito.

Dimensões: alt. — 1,065 m; larg. — 0,355 m; esp. — 0,293 m.

A inscrição foi aberta numa das faces, em seis linhas, começando pela fórmula da consagração aos deuses manes. As letras são de desenho perfeito, de incisão triangular pouco profunda, do tipo «capital guiada». Sete pontos ou sinais de separação, triangulares, dividem siglas e palavras, da primeira, terceira, quarta e quinta linhas. É possível que tenha existido um outro, na sexta linha, depois do F, onde se vê hoje uma pequena falha de pedra.

A altura das letras varia entre 31 e 34 mm.

*D(iis) m(anibus) . / Casinae / Aviti f(iliae) an(norum); XVI
Tonceta mater / f(aciendum) c(uravit).*

Consagração aos deuses manes. A Casina, filha de Avito, que morreu com 16 anos de idade, (sua) mãe Tonceta mandou levantar (este monumento).

A inscrição não oferece dificuldades de interpretação. Casina era filha de Avito e de Tonceta. Morreu com 16 anos apenas, mas, nessa ocasião, já o pai teria falecido.

O nome *Casina* é pouco frequente. Hübner não regista este nome no CIL, II-IIS. Aparece em Idanha-a-Velha (*Casina Catueni*); aí se encontra também *Casa* (e *Qasa*) — palavra de origem celta ⁽¹⁾, donde provém *Casina* ⁽²⁾. *Tonceta* deriva de *Toncius* (*Tongius*). Este antropónimo (*Toncius-Tongius*) e formas derivadas (*Tongatus*, *Tongeta*, *Tonceta*, *Tongetamus*, *Toncetamus*) encontram-se com frequência na Lusitânia. Só em Idanha aparecem onze vezes ⁽³⁾.

(x) Holder, I, s. v., regista também *Casiacus*, *Casillus*, *K(c)asios* e *Casius*•

(2) FA, Eg., n.ºs 56, 52 e 53, p. 177 e 174-175; Lambrino, AP, nova série, III, n.ºs 16 e 17, p. 41-43.

(8) LV, AP, I, p. 226-232; RL, II, 296-299; Lambrino, AP, nova série, III, n.º 30, p. 53-54 e nota 51, p. 22; FA, Eg., n.º* 82, 133, 134, 135, 136, XIII e XIV, p. respectivamente 193, 225, 226, 227, 269 e 270.

É palavra de raiz celta — *Tong* (*Tongu*, em celta, «eu juro^{H1}») — que encontramos ainda em *Toncinus*, *Tonginus* e *Tonginia*. A área de *Tongius* e derivados confina-se à Lusitânia (JU, EAAHA, m. 76, p. 173-174). Em Cárquere-Resende aparece *Toceta* (CIL, II, 5576) com o radical de forma reduzida ⁽²⁾. *Avitus*, é, como se disse já, (XIV), antropónimo muito frequente.

Quase se pode considerar inédita esta inscrição. Vem registada, apenas, na «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», s. v. *Reguengo do Fetal*, mas com deficiente leitura: D. M. / CASINAE / AVITI F AN / ...VI TONCE/IA MATER / P C.

f¹) Holder, II, s. v.; Lambrino, AP, nova série, III, n.º 4, p. 22, nota 51; FA, Eg., p. 134.

⁽²⁾ Ver VIII; fenómeno similar em *Tac.-Tanc.*, *Tang*.

Sobre *Tongius* e derivados ver MPL, OP, p. 104-105, e AF s. v. *Tonce-tamus* e *Toncius*, p. 230.

XXI — EPITÁFIO DE «CLAVDIA SOSVMA»

ACH.—S. Sebastião do Freixo — Vizinhanças:
Garruchas

PAR. — Reguengo do Fetal — Residência paro-
quial



Fragmento de ara funerária de mármore, encontrado perto de S. Sebastião do Freixo, nas vizinhanças do lugar das Garruchas, a uns 700 m de S. Sebastião, freguesia do Reguengo do Fetal. Guardava-o José Ferreira, do referido lugar das Garruchas, em sua casa, quando, há cerca de 11 anos, foi adquirido pelo Rev. P. José Vieira de Oliveira, pároco do Reguengo do Fetal. Conserva-se presentemente na residência paroquial desta freguesia.

A ara está partida sensivelmente ao meio, tendo desaparecido a parte inferior. A linha de fractura é irregular. O capitel está bastante danificado, notando-se ainda vestígios das volutas ou rolos.

Dimensões: alt. — 0,285 m; larg. — 0,190 m; esp. — 0,150 m; no fuste: 0,156 m de largo por 0,113 de espessura.

A inscrição está incompleta. Consta presentemente de cinco linhas: a primeira com a fórmula da consagração aos deuses manes (D M) encontra-se no capitel, fora da composição do epitáfio, com letras de dimensão superior à das outras linhas; as restantes quatro foram abertas no fuste. A quinta l. foi muito prejudicada pela fractura. A inscrição continuava em linha ou linhas que desapareceram. Falhas de pedra danificaram algumas letras.

L. 5—[S]I, depois lugar de uma letra que não pode definir-se (A?I?L?) e seguidamente vestígios de CO ou GO.

As letras são de bom desenho de incisão triangular, do tipo da escritura «capital guiada». A sua altura varia entre 48 (as da fórmula da consagração medem 48 mm) e 28 (as do fuste medem entre 28 e 32) milímetros.

*D(iis) M(anibus) . / Claudiae / Sosum(a)e / emeritenj[s]i .
 . CO ou. GO ... / ...*

Aos deuses manes. A Cláudia Sòsuma, natural de Mérida...

A interpretação da quinta l. é difícil. Depois de [S]I que deverá ligar-se à l. anterior, os vestígios das letras seguintes iniciarão provavelmente o nome do dedicante. *Claudius (Claudia)* é gentílico muito frequente nos títulos epigráficos peninsulares. Hübner, CIL, regista apenas duas vezes *Sosumus* (II, 425 — Infias, Fornos de Algodres — Portugal, e II, 5856 — Alcalá de Henares, aqui na forma *Sosumu*). Com *Sosumus* está relacionado o diminutivo *Sosimilus* que toma também as formas *Sosimilos* (CIL, II, 3295) e *Sosumilus* (MPL, OP, p. 98). Na zona da Península correspondente a Portugal, *Sosumus* era apenas testemunhado pela inscrição

de Inflas, a que se junta agora a presente inscrição (embora *Claudia Sosuma* seja natural de Mérida). JU, EAAHA, m. 71, p. 164-165, enumera diversos testemunhos deste antropónimo na Península, numa totalidade de dez casos, incluindo as formas com o mesmo radical: *Sosumus* (duas vezes), *Sosimilus*, *Sosinaden*, *Sosinada*, *Sosimilos*, *Sosumilus*, *Sosinpiuru*, *Sosian*, *Sosin* e adverte que, com excepção dos dois casos de *Sosumus*, um na Lusitânia (CIL, II, 425) e outro na *Celtiberia* (CIL, II, 3295), todos os outros aparecem «num ambiente de carácter ibérico muito marcado» C).

A presente epígrafe refere a naturalidade de Cláudia Sósuma: Mérida que foi capital da Lusitânia. De lá teria vindo para S. Sebastião do Freixo.

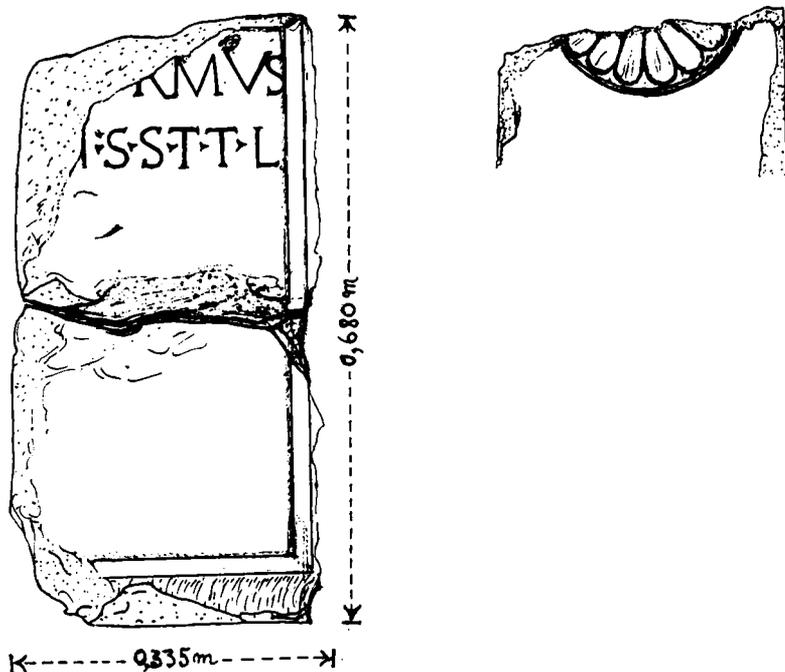
Está inédita esta inscrição.

(¹) Ver AF, p. 211-212, que tece considerações de interesse: elemento comum *Sosin*, ibérico. «En los nombres como *Sosimilus*, *Sosumilus*, la forma etimológica parece ser *Sosin-bilos* com el paso —*nb*—<—*m*—, por assimilação. Al estar escritos así en letras latinas, su nombre tenía cierto aspecto indoeuropeo, y de ahí que se formase una especie de hipocorístico del mismo radical, que es la forma *Sosumu...*» (AF, p. 211 e 295).

XXII — EPITAFIO DE «FIRMVS»

ACH. — S. Sebastião do Freixo — Vizinhanças: Rio Seco

PAR. — Reguengo do Fetal — Residência paroquial



Cipo de calcário branco, rijo, fragmentado e muito danificado, com inscrição sepulcral, encontrado em Rio Seco, lugar da freguesia de Reguengo do Fetal, concelho da Batalha. Terá caído talvez

de S. Sebastião do Freixo, pois Rio Seco fica na base da encosta de S. Sebastião. Adquirido pelo Rev. P. José Vieira de Oliveira, conserva-se presentemente no jardim da residência paroquial daquela freguesia (x).

A lápide está incompleta. Dividida em duas metades, encontra-se muito danificada na linha da fractura, na parte superior e também na inferior. Falhas de pedra atingem a inscrição.

A face da epigrafe é rebaixada; melhor, é contornada por uma faixa de moldura rectangular. Na face do lado direito havia ao alto, uma roseta inscrita num círculo que constaria de uns dezasseis fólios e de que resta a parte inferior com seis fólios incompletos. Observe-se que os motivos simbólico-ornamentais são muitíssimo raros nas lápides coliponenses (ver XXVIII).

Dimensões actuais das duas partes unidas: alt.—0,680 m; larg. — 0,335; esp. — 0,333 m.

A inscrição, danificada pela fragmentação da lápide, consta de duas linhas. É simples. As letras são de bom desenho com incisão triangular pouco profunda, do tipo de escritura «capital guiada».

- L. 1 —..RMVS. Do R subsiste a metade inferior. No início da linha, há espaço para duas letras.
 L. 2 — A primeira sigla H está prejudicada. Subsiste o segundo traço vertical. Há nesta linha cinco sinais de separação, triangulares.

A altura das letras varia entre 41 e 43 milímetros.

[Fijrmus / h(ic) s(itus) <e(st)> . S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).

(Fi)rmo aqui está sepultado. Que a terra te seja leve

A inscrição é muito simples: consta apenas do nome do defunto, da fórmula sepulcral «hic situs est» a indicar que fora sepultado (*)

(*) Esta lápide veio de Rio Seco para Leiria (Arrabalde) e só depois é que foi adquirida pelo Rev. Pároco de Reguengo do Fetal.

no local onde se levantava a lápide, e do voto final S. T. T. L. muito frequente na epigrafia funerária pagã.

Firmus aparece com frequência na epigrafia peninsular.

BIBL.

- Esta inscrição foi publicada na «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», s. v. *Reguengo do Fetal*.

XXIII — EPITÁFIO DE «MAXIMA»

ACH.—S. Sebastião do Freixo — Vizinhanças:

Bico Sacho

PAR. — Ignorado

M
Q • F • M A
N • XXXIII
VATER FILIAE-
SIMAE
F C

Inscrição funerária incompleta, encontrada no lugar de Bico Sacho, da freguesia da Batalha, copiada pelo P. António Ferreira Louro e transmitida a Vitorino da Silva Araújo que a publicou, pela primeira vez, em 1876. Hübner regista-a no CIL, IIS, 5236, copiando-a de SA. Desconhece-se o seu paradeiro, se porventura ainda existe.

Hübner à cópia de SA acrescentou os pontos correspondentes ao número provável das letras desaparecidas. A inscrição está muito incompleta, faltando cerca de metade, do lado esquerdo, de alto a baixo.

SA não copiou com fidelidade o desenho enviado pelo P.º F. Louro. Reproduzimos, acima, a inscrição segundo a cópia deste ilustrado sacerdote, omitindo, apenas, os pontos que coloca no início das 11. 3, 4, e 5, indicativos do desaparecimento de letras (x).

1) O P.º F. Louro enviou em 6 de Maio de 1872 a cópia de inscrição a SA, com esta introdução: «Em uma casa de Bico — Sachos, pertencente a António Lopes, pouco abaixo das ruínas que dizem de Colippo, ao poente, está uma pedra com a inscrição seguinte:...» Ms. na posse de D. Carolina Ferreira Pinto Ribeiro. Ver VIII, nota (1).

[D(iis)] M(anibus) / [.....] Q(uinti) f(iliae) Ma;[ximae
a]n(norum) XXXIII / [.....] mater filiae / [pientis]simae /
f(aciendum) c(uravit).

Aos deuses manes. AMáxima, filha de Quinto, que morreu com 33 anos. Sua mãe mandou levantar (este monumento) à sua filha piedosíssima.

Desconhecemos o *nomen* da defunta. Tinha como *cognomen* o de *Maxima* (e não *Mareia*, como lê SA). O *praenomen* do pai era *Quintus*. Preferimos ler *pientissimae* a *piissimae*, em razão do espaço.

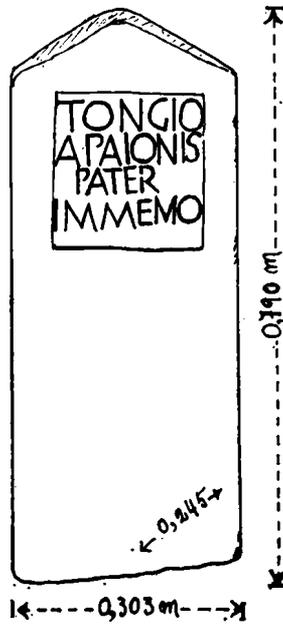
Quintus e *Maximus* são frequentes na epigrafia peninsular e já apareceram em inscrições anteriores.

BIBL.

- 1872 — F. LOURO, Apontamento ms. avulso em SA, *Armas, Brazões e Inserções*.
1876 — SA, BRA, 2.^a série M2, p. 187.
Publicada pela primeira vez.
1892 — CIL, IIS, 5236.

XXIV — EPITAFIO DE «TONGIVS»

ACH. — S. Sebastião do Freixo — Vizinhanças:
Fonte Nova
PAR. — Reguengo do Fetal — Residencia paro-
quial



Estela funerária de calcário, com inscrição, encontrada há cerca de 11 anos, junto de S. Sebastião do Freixo, no sítio da Fonte Nova, a sul de Vale de Magro, freguesia de Reguengo do Fetal, concelho da Batalha, quando se desbravava o terreno para

vinha. Adquirida pelo Rev. P. José Vieira de Oliveira, pároco de Reguengo do Fetal, conserva-se actualmente na residência paroquial da mesma freguesia.

A esteia remata superiormente em ângulo ou frontão a toda a largura da lápide.

Dimensões: alt.—0,790 m; larg. — 0,303 m; esp.—0,245 m.

A inscrição consta de quatro linhas num campo epigráfico rectangular cavado de 0,220 m de alto por 0,205 de largo e com um centímetro de profundidade.

O segundo M da última l. está um pouco danificado. Nesta mesma linha, o primeiro M (IM) está por N (IN), erro do lapicida.

O corte das letras é triangular. A altura das mesmas varia entre 37 e 42 mm.

Tongio I Apaionis (filius) / pater / im (=in) memo(riam).

A Tongio, filho de Apaião, o pai (mandou levantar este monumento) para memória.

A palavra *memória*, quando aparece nas inscrições funerárias, intervem frequentemente a introduzir a inscrição e, por isso, no início da mesma, em dativo: *Memoriae* (M, MM, MEM): — *à memória de...* Às vezes liga-se a D. M : D. M. *et* M. (*Diis manibus et memoriae...*). Aparecem também as formas *Memoriae aeternae* (M(MEM) AET.) e *Memoriae quondam* (M. QD.).

As inscrições dedicadas à *memória* do defunto são raras no século ii, são mais frequentes no séc. m, e passam, depois, à epigrafia cristã. Na inscrição de S. Sebastião do Freixo, a fórmula aparece no fim. Pode traduzir-se em ablativo (*em memória*) ou, de preferência, em acusativo (*para memória*) (x). Não introduz a inscrição.

(x) A expressão «in memoriam» traduz a ideia de *oferta* para celebrar a recordação do defunto. Confere à inscrição um carácter sagrado. (Cf. Ida Cababi LIMENTANI, *Epigrafia Latina*, Varese-Milano, 1968, p. 181).

Numa inscrição votiva do Valado, Alcobaça (CIL, II, 351), aparece a expressão «in memoriam» a seguir à dedicação: *Minervae sacrum in memor(i)am Carisiae G. f(iliae) Quintiliae, etc.*

Esta, lacónica e simples, subentende a expressão final *ponendum curañt* ou semelhantes (*faciendum curavit, posuit*, etc.).

Sobre *Tongius* ver o que se disse a propósito de *Tonceta* (inscrição XX).

Apairo (-onis) não se encontra registado até ao presente (que saibamos) na epigrafia peninsular. Terá talvez a mesma raiz de *Apaiia* (-ae) í¹). Estará este antropónimo na origem, como possessivo, do topónimo *Paião*?

Esta inscrição está inédita.

P) Holder, I, regista *Appa* e *Apa* (masculino) de origem celta. *Apa*: GIL, XII, 262, 455, 5686. Ver também MPL, OP, p. 36 (*Apaiia*).

INSCRIÇÕES ENCONTRADAS NO ARO DE S. SEBASTIÃO
DO FREIXO (RAIO DE 8 KM)

Capela da Torre (XXY)

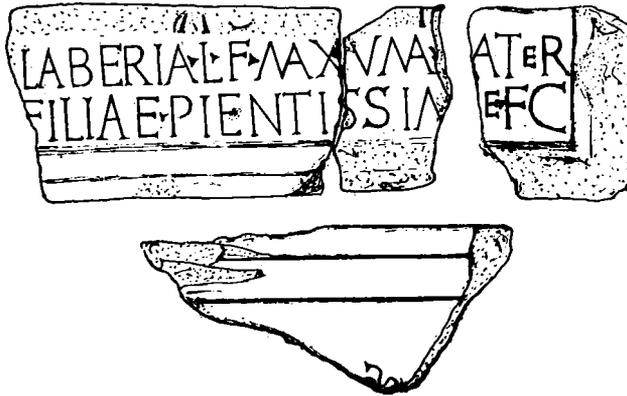
Porto de Mós — Fonte do Oleiro e Castelo (XXVI a XXIX)

Leiria (XXX a XXXIX, além das II e IV já vistas)

Maceira (XL a XLIV; a VI, já vista, é de A-do-Barbas,
lugar de Maceira, mais distante; a XLI será de Maceira
ou de Porto de Mós).

XXV — EPITÁFIO DE «...?» MANDADO FAZER POR
«LABERIA MAXVMA»

ACH. — Reguengo do Fetal — Capela da Torre
PAR. — Reguengo do Fetal — Capela da Torre
e residência paroquial



Placa de mármore (*tabula*) com inscrição funerária, fragmentada e incompleta. Subsistem quatro fragmentos, todos encontrados junto da capela da Torre, local situado a cerca de três quiló-

metros de S. Sebastião do Freixo, pertencente à freguesia do Reguengo de Fetal. Três dos fragmentos contêm parte da inscrição; um quarto, de forma triangular, contém uma porção da moldura e um pequeno motivo ornamental incompleto.

Encontrados em ocasiões diversas, tendo aparecido primeiramente o fragmento maior, foram recolhidos na sacristia da capela, dita de Santa Iria. O fragmento de maiores dimensões apareceu alguns anos antes de 1876, data esta em que SA, BRA, 2.^a série, 1-11, p. 171, o descreve. Os outros foram encontrados mais tarde, em 1898. O de formato triangular, sem letras, apareceu depois de 1910, pois TP, descrevendo nesse ano os objectos encontrados na Torre, menciona apenas os três fragmentos epigrafados, não se referindo ao quarto.

Há alguns anos, o fragmento maior foi embutido na face exterior da sacristia da referida capela com a legenda para fora. Os restantes, guardados muitos anos na sacristia, recolheu-os, há seis anos, o Pároco de Reguengo do Fetal na residência da freguesia para não se extraviarem.

A lápide era de forma rectangular com moldura saliente a toda a volta. Fragmentada, perdeu-se cerca de metade.

Dimensões: o pedaço embutido na parede da sacristia, sensivelmente rectangular, mede 0,777 m por 0,412 m; os outros dois epigrafados, também sensivelmente rectangulares, medem respectivamente 0,422 m por 0,338, e 0,420 m por 0,225; o último, de forma quase triangular, mede 0,470 m (maior comprimento) por 0,225 m (maior largura).

A moldura tem 0,125 m de largo e igual medida de espessura total (lápide e relevo da moldura). Na zona epigrafada a espessura da lápide é de 0,090 m. Reproduzimos a fotografia de TP, 1, p. 19, e a fotografia e desenho do fragmento menor, encontrado posteriormente, onde se nota um pequeno motivo ornamental filiforme.

A inscrição está incompleta. Subsiste a parte final (segunda metade), a saber: vestígios de uma linha, seguidos de duas praticamente completas.

No fragmento hoje embutido na parede havia na parte superior restos de letras agora cobertos por argamassa. SA, repetido

por Hübner, leu ANN. TP que examinou a pedra, escreveu em 1910: «Na parte superior do pedaço maior desta inscrição vêem-se as metades inferiores de três ou quatro letras, podendo restituir-se com grande certeza o seguinte: AN X. Um exame cuidadoso e atento que fizemos permitiu somente ver com segurança vestígios de um A. No fragmento do meio há igualmente vestígios de uma letra de haste vertical (I, F, L, N, P, R ou T?).

Na segunda e terceira ll., há letras danificadas nas fracturas verticais. Distinguem-se cinco sinais de separação, triangulares. No fragmento do meio, depois de MA, nota-se um pequeno sinal, incompleto, na linha do corte: vestígio talvez de uma *haedera distinguens*. M-A formam nexo. As letras são de bom desenho, de incisão triangular e do tipo de escritura «capital guiada». A sua altura oscila entre 86 e 96 mm, com excepção do último E da segunda l. que mede 36 mm e do último da terceira que mede 45 mm.

... A ...?] I Laberia L(ucii) f(ilia) Maxuma mater / filiae pientissimfa]e f(aciendum) c(uravit)

...de ... anos de idade. Labéria Máxima, filha de Lúcio, mandou fazer (este monumento) a sua filha piedosíssima.

A primeira parte desaparecida continha o nome da defunta, a idade, e, porventura outros elementos.

Os nomes da inscrição são frequentes na epigrafia peninsular. Sobre *Laberia* ver IV. Anote-se *Maxuma* por *Maxima*, fenómeno a que já se fez referência (ver XII).

BIBL.

1876 — SA, BRA, 2.^a série, Ml, p. 171.

1892 — CIL, IIS, 5234.

1910 — TP, 1, p. 19-20; 2 (n.º XII).

O número 2 cita diversa bibliografia.

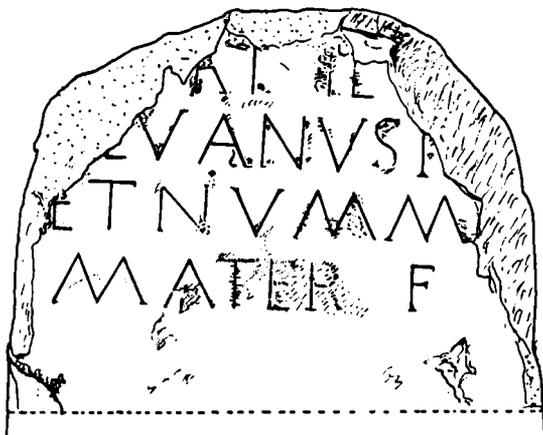
1913 — *Additamenta*, EE, IX, p. 21 e 22.

Cita diversa bibliografia.

Posteriormente referência na «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», s. v. *Reguengo do Fetal* (vol. XXIV, 847).

XXVI — MONUMENTO FUNERÁRIO MANDADO FAZER
POR «SILVANVS» E «NVMMA»

ACH. — Porto de Mós — Fonte do Oleiro (Carvalho)
PAR. — No mesmo local



Cipo de pedra lioz com inscrição funerária incompleta. Encontra-se no lugar de Fonte do Oleiro, freguesia de Porto de Mós, mais precisamente no sítio denominado Carvalho, perto da Ribeira de Baixo, junto da casa de José da Silva Trovão. A localidade é também conhecida por Sto. Estêvão. Carvalho distará de S. Sebastião do Freixo uns quatro quilómetros em linha recta.

Foi encontrado por Manuel Vieira do Rosário, a pouco mais de 50 metros do sítio onde se conserva hoje, quando, há algumas dezenas de anos, se preparava o terreno para plantação de vinha C).

P) Informação dada por José Vieira Rosário, da Comenda, filho de Manuel Vieira Rosário, já falecido. José Vieira Rosário informou ainda que

Trazido na ocasião para junto do caminho, ainda aí se conserva actualmente. Está deitado com a superfície da epígrafe voltada para cima. O povo do lugar chama-lhe vulgarmente «pedra de Sto. Estêvão», relacionando a lápide com uma capela de Santo Estêvão que existiu no local, e consagra-lhe um respeito quase sagrado (*).

A lápide na parte superior está bastante danificada. Falta-lhe uma porção razoável no sentido da altura. Recentemente colocaram-lhe cimento num dos lados, para esconder uma falha de pedra.

Dimensões: alt. — 1,49 m; larg.—0,60 m; esp. — 0,57 m.

A inscrição está incompleta e danificada. A leitura tornou-se mais difícil, por terem espalhado na zona epigrafada uma leve camada de cimento que aderiu à pedra e cobriu algumas letras.

Consta presentemente de quatro ll. Com a fragmentação da pedra, desapareceram as primeiras ll.

- L. 1 — Praticamente ilegível. Notam-se vestígios de um R seguidos de vestígios de uma letra com haste vertical; e, ainda, depois de um espaço, em que nada se vê, vestígios de mais duas letras, a última das quais é um E ou um L.
- L. 2 — [SIJLVANVS; segue-se um traço vertical, certamente de um P. Há espaço para mais umas duas letras: P[AT(er)]?
- L. 3 — ET NVMM[A]. Pode ler-se também ET NVMM[IA].
- L. 4 — MATER F. Talvez houvesse ainda um C: *f(aciendum) c(uraverunt)*; mas pode ler-se simplesmente *f(ecerunt)*.

A escritura é do tipo «capital guiada». Os MM são bastante distendidos. A incisão das letras é triangular. A altura das mesmas varia entre 40 e 50 mm.

foram encontradas, na mesma ocasião, outras «pedras com letras antigas» que, depois, se aproveitaram como material de construção em casas do lugar.

0) Julga o povo que a pedra tem um valor *excepcional*, o que é de vantagem pois poderá impedir o extravio da mesma. É, todavia, de lamentar o abandono em que se encontra, sujeita a ser fragmentada com a passagem de carros.

...? / ...RI . L...? I [S*Jilvanus* P[at(er)] / et Numrnfa] / mater f(aciendum) [c(uraverunt)] ou ffecerunt).

...*Silvano*, e *Numa*, mãe, mandaram fazer (este monumento a seu filho ou filha)...

Desconhecemos o nome e idade do defunto e outros elementos que a parte desaparecida continha.

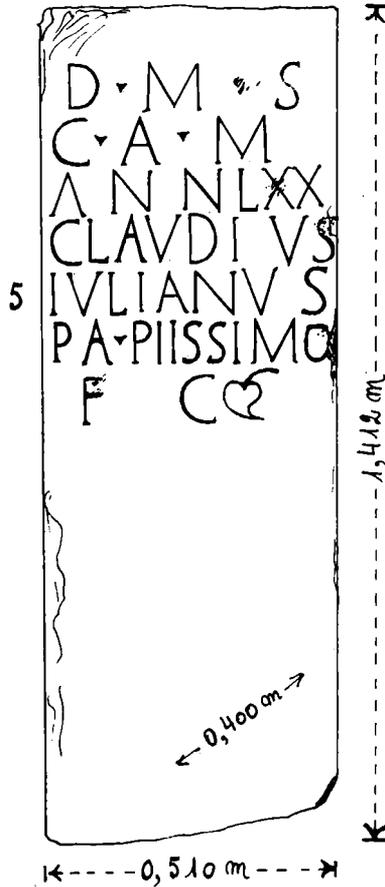
Silvanus é frequente na epigrafia peninsular. Ver o que se disse a propósito de *Silvanilla* (V). *Numma* (*Nummus*) não aparece testemunhado em Hübner, CIL, II-IIS. Aparece, algumas vezes, o gentílico *Nummia*, derivado de *Nummus*.

Esta inscrição está inédita, segundo julgamos. Soubemos da sua existência por informações dos Revs. Cónego José Ferreira de Lacerda e P. José Vieira de Oliveira.

XXVII — EPITÁFIO DE «CAM»

ACH. — Porto de Mós — Castelo

PAR. — Porto de Mós — Castelo



Cipo de mármore com inscrição funerária embutido no castelo de Porto de Mós num cunhal da torre voltada a poente.

A lápide foi aproveitada como material de construção. Encontra-se em posição horizontal, quase junto do chão, fazendo parte do ângulo do cunhal e tendo visíveis o lado correspondente à epígrafe e a superfície ou corte superior. Está ligeiramente danificada. Na parte superior há uma cavidade para *forceps* com 120 por 20 mm e 80 de profundidade.

Dimensões: alt. — 1,412 m; larg. — 0,510 m; esp. — 0,400 m.

A inscrição abre-se num dos lados do cipo. Consta de 7 11. Começa pela forma da consagração aos deuses manes. Na 1. 1, depois do M, há uma ligeira falha de pedra. É provável que aí tenha existido um sinal de separação. Na 1. 3, o A não evidencia o traço horizontal e o primeiro X do numeral está pouco perceptível por danificação da pedra; na 1. 4, o S está danificado e na 1. 6, o O final atinge a aresta da lápide com prejuízo da zona direita da letra. Uma leve falha de pedra prejudica a barra horizontal inferior do F da 1. 7. Depois do C final, há uma *haedera*. Além da *haedera*, há sinais de separação muito perceptíveis, de forma triangular, na 1. 1 depois de D, na 1. 2 depois de C e A, e na 1. 6 depois de A. Um outro terá provavelmente desaparecido depois do M da 1. 1, como foi dito.

A altura das letras oscila entre 67 e 76 mm. São do tipo da escritura de «mão guiada», com excepção do O da sexta 1. A incisão é triangular.

D(iis) M(anibus) s(acrum). / C A M I ann(orum) LXX / Claudius I lulianus / pa(tri) piissimo / f(aciendum) c(uravit).

Consagração aos deuses manes. Cláudio Juliano mandou fazer (este monumento) a (seu) pai piissimo, CAM, que morreu com 70 anos.

O nome do defunto, pai de Cláudio Juliano, não pode definir-se com segurança. Já Hübner observou: «nomina patris incerta sunt». Está enunciado pelas três siglas da 1. 2. Ora estas iniciais permitem interpretações diversas. Por serem três, deveriam corresponder, em princípio, a uma denominação que constasse de *praenomen*, *nomen* e *cognomen*. Por exemplo, *Caius Antonius*

Maximus. O C é habitualmente sigla do *praenomen Caius*. O gentílico aparece geralmente por extenso. No caso presente reduzir-se-á à inicial A que deveria significar um *nomen* facilmente identificável na altura (por muito conhecido, por frequente, etc.): *Antonius?* *Aurelius?* M deveria corresponder a um *cognomen* frequente na região: *Maximus?*

Acontece, porém, que o dedicante se chama *Claudius Iulianus*. Não se chamaria também *Claudius* o pai? É que deveriam possuir o mesmo gentílico. Fica de pé a afirmação de Hiibner «nomina patris incerta sunt».

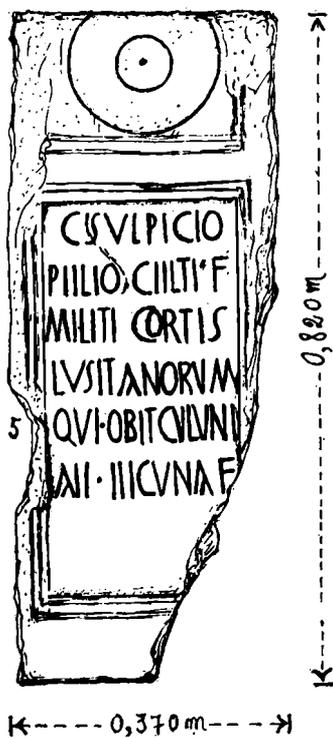
BIBL.

- 1876 — SA, BRA, 2.^a série, 1-12, p. 187.
Recebeu a cópia de José Francisco Barreiros Galado. Omite a última linha. Com deficiências de cópia.
- 1892 — CIL, IIS, 5237.
Omite as ll. 3 e 7.
- 1910 — TP 3, p. 103-104.
Com deficiências de cópia.
- 1938 — LV, AP, XXX, p. 209.
Leite de Vasconcelos copiou a inscrição em 26-XII-1897. O vol. XXX do AP, embora correspondente a 1938, foi publicado em 1956.
- 1967 — MA-BF, RG, LXXVII, p. 65-66.
Com deficiências de cópia.

XXVIII - EPITÁFIO DE «CAIVS SVLPICIVS PELIVS»

ACH. —Porto de Mós —Castelo

PAR. —Porto de Mós — Castelo



Cipo de calcário com inscrição funerária embutido na torre voltada a sudoeste do castelo de Porto de Mós, a uns sete metros de altura aproximadamente.

Encontra-se deitado, perto de um ângulo ou cunhal da torre com a face epigrafada voltada para o exterior. Falta-lhe o remate superior, desaparecido por fragmentação. A parte inferior está danificada com uma falha notável de pedra, do lado direito. Apresenta outras falhas, sobretudo nas margens. A inscrição foi aberta em campo cavado, rectangular. A parte superior é ornamentada com dois círculos concêntricos insculpidos igualmente em campo cavado: motivo simbólico-ornamental. A fractura atingiu parte do círculo exterior.

Dimensões: alt.—0,820 m; larg.—0,370 m.

A inscrição consta de seis linhas. Os caracteres são arcaicos, rudes e imperfeitos. O E aparece sempre com dois traços verticais, paralelos e o travessão do A está reduzido a um traço pendente do lado direito caindo obliquamente: formas arcaicas.

Há dois pontos de separação (11. 5 e 6) que se distinguem muito bem; se outros existiram, não se distinguem com nitidez e segurança.

A altura das letras oscila entre 35 e 40 mm.

C(aio) Sulpicio I Pelio, Celti ffilio), / militi co(ho)rtis / Lusitanorum I qui obi(i)t Culunijae. Ei Cuna f(ecit).

A Caio Sulpicio Pêlio, filho de Celto, soldado da coorte dos Lusitanos, que morreu em Clúnia. Cuna mandou fazer-lhe (este monumento).

Leite de Vasconcelos, que examinou in loco a inscrição em Dezembro de 1897, comenta a propósito: «Esta inscrição é muito importante sob vários aspectos: quanto ao latim, apresenta, além de *cortis* = *cohortis* e *obit* = *obiit*, fenómenos nada raros, a forma *Culunijae*, locativo de *Culunja* = *Clunia*, onde se intercalou um *u* no grupo consonântico *cZ*, como em latim em *Hercules* (cfr. vocativo *Hercle* e grego *HpaxXvjç*); quanto à história, menciona-se aí uma coorte dos Lusitanos, de que *C. Sulpicius Pelius* era soldado; quanto à etnologia, temos nela, ao lado do nome *Celti*, os nomes *Pelius* (que noutros documentos coexiste com *Pellius*) e *Cuna*, que parecem de origem céltica. Sendo *Pelius* filho de mu *Celtus*, palavra

que evidentemente contém em si um testemunho dos Celtas, e sendo em verdade *Cuna* parente ou das relações íntimas de *Pelius*, não é realmente para estranhar tal origem» *i*¹).

Hübner (CIL, IIS, 5238) referencia esta inscrição ao século primeiro: «Cohors lusitanorum numero carens et nomina peregrina militis patrisque eius titulum videntur relegare textum ad saeculum primum».

O gentílico *Sulpicius*, registado já em quatro inscrições anteriores, volta a aparecer na presente. Sobre a área de expansão deste antropónimo, ver a inscrição II.

Pelius, *Pelius*, *Pellius* (IléXXioç) e os derivados *Pelliocus*, *Pellieius*, de ascendência pré-latina, encontram-se sobretudo na Lusitânia oriental. Não abundam, todavia, os exemplos: *Pelius* — Porto de Mós, *Pelli*, gen. — Viseu (CIL, II, 406), *Pellia* — Astorga (II, 2657), *Pelli*, gen. — Caparra (II, 853), *Pelliocus* — entre Cáceres e Trujillo (II, 853), *Pelli* gen. — Santa Cruz de la Sierra, Trujillo (II, 675), *Pelius* — Alcollarín (II, 5301) e *Pellieius* — Talavera de la Reina (II, 906 = 5316). Em Madrid aparece *Pellieius* (II, 3054) e em Sacedón, Guadalajara, *Pellicus* (II, 3166). Pensa JU que estes dois últimos derivados devem considerar-se emigrados da Lusitânia (2). MPL, OP, p. 90, observa que fora da Península há apenas dois testemunhos deste nome «que são os únicos em que aparece o radical *Pell* — fora da Península». AF, p. 179, cita CIL, XII, 4408, da Narbonense, em que o antropónimo aparece três vezes, e XIII, 5666, da *Germania Superior*.

Celtius e *Celtus* — ΚΕΧΤΩÇ — (da família: *Celtaearum*, *Celtilius*, *Celtianus*, *Celtiatus*, *Celto-onis*, *Ceitis*) são nomes-testemunho da celtização, como adverte LV. *Celtius* é um antropónimo «quase exclusivamente lusitano». Aparece poucas vezes fora da Lusitânia (3) *Cuna* é de origem celta (4). * (*)

(0 AP, VII, p. 171.

(*) EAAHA, m. 60, p. 146.

(3) MLP, OP, p. 63; JU, EAAHA, m. 34, p. 98-99 (JU considera também o antropónimo *Celtiber* (cinco casos)); AF, p. 84.

(4) Holder, I, s. v.; ver AF, p. 101, s. v. *Cun*.

C. Sulpicio Pelio, que era soldado da coorte dos Lusitanos, morreu em Clúnia (hoje localidade das vizinhanças de *Penalba de Castro* — Aranda de Duero). A lápide do castelo de Porto de Mós, levantada em sua memória, indica certamente que terá nascido nesta última região ou que, pelo menos, estava relacionado com pessoas da região.

Na parte superior a lápide apresenta um motivo simbólico-ornamental: dois círculos concêntricos. É o segundo motivo simbólico-ornamental que aparece nesta lista de lápides (ver XXII) (i).

Pelo conteúdo e motivos apontados esta inscrição tem muito interesse.

BIBL.

1876 — SA, BRA, 2ª série, 1-12, p. 187.

Esta inscrição foi transmitida a SA por José Francisco Barreiros Galado.

1892 — GIL, IIS, 5238.

Hübner publica a inscrição seguindo um calco enviado por José F. B. Galado.

1903 — LV, AP, VII, p. 171.

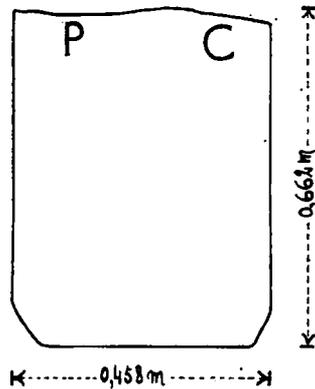
1913 — *Additamenta*, EE, IX, p. 21.

f1) O motivo ornamental da inscrição XXV é de pequeníssimas dimensões e não poderá chamar-se simbólico-ornamental, mas apenas ornamental de carácter filiforme.

XXIX — INSCRIÇÃO INCOMPLETA DO CASTELO
DE PORTO DE MÓS

ACH. — Porto de Mós — Castelo

PAR. — Porto de Mós — Castelo



Ainda no castelo de Porto de Mós, na parede exterior da torre situada à direita de quem entra na porta do mesmo, está embutida na face voltada para sudeste (quase para sul), a pouco mais de um metro do chão, uma lápide incompleta, de mármore, com a parte final de uma inscrição.

Trata-se da metade inferior de um cipo, cuja parte superior não foi encontrada (x).

Dimensões: alt.—0,662 m; larg. — 0,458 m.

Da inscrição, certamente funerária, subsiste apenas a última linha: as siglas finais P C: *p(onendum) c(uravit)* ou *c(uraverunt)*—*mandou* ou *mandaram fazer*.

As letras são de bom desenho, de incisão triangular, e do tipo da «capital guiada». Medem 51 mm de altura.

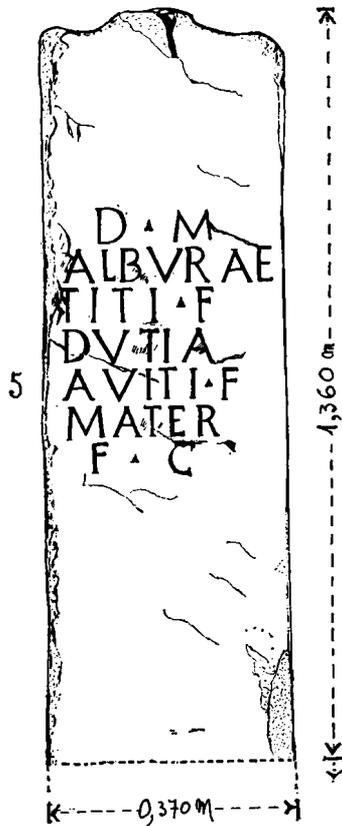
Inscrição inédita.

0) Embutidas na parede do castelo há outras pedras romanas. Algumas seriam epigrafadas, mas as inscrições estão ocultas no interior da parede.

XXX — EPITÁFIO DE «ALBVRA»

ACH. — Leiria — Castelo

PAR. — Leiria — Castelo



Esteia de mármore com inscrição funerária. Encontra-se embutida na parede da porta principal do castelo de Leiria, à direita

de quem entra, passadas as portas de madeira, a 1,38 m de altura do chão.

Foi aproveitada como material de construção. Está deitada horizontalmente, com a face epigrafada visível. Tem o remate superior danificado e o ângulo esquerdo apresenta pequenas falhas de pedra, quase a todo o correr. A extremidade inferior encontra-se encoberta e escondida pela armação da porta de madeira.

Dimensões: alt. — 1,360 m; larg. — 0,370 m. Da última linha à extremidade inferior há uma distância de 0,640 m.

A inscrição consta de sete linhas. Distinguem-se quatro sinais de separação, triangulares, não muito perceptíveis: na 1.^a L, depois do D, na 3.^a depois de TITI, na 5.^a depois de AVITI, e na 7.^a, depois do F. Se houve outros, não se notam presentemente.

As letras são de bom desenho, com incisão triangular relativamente funda, do tipo «capital guiada». A sua altura oscila entre 45 e 50 mm.

D(iis) M(anibus). / Alburæ / Titi f(iliae) / Dutia / Aviti f(ilia) I mater / ffaciendum) c(uravit).

Aos deuses manes. A Albura, filha de Tito, sua mãe Dúcia mandou fazer (este monumento).

Todos os nomes desta inscrição se repetem noutras epígrafes da Península. *Avitus* (ver XIV) e *Titus* são frequentíssimos. *Albura* aparece no CIL, II-IIS quatro vezes: n.º 73 (Museu do Cenáculo, de proveniência incerta), n.º 341 (de Leiria, que nos ocupa neste momento), n.º 853 (junto a Plasência — Espanha), e n.º 6271 (inscrição de Almourol, perto da Foz do Zêzere). Acrescentamos a inscrição funerária do Museu da Sociedade Martins Sarmento proveniente de Braga (*Albura Carisii filia*), e ainda a de Várzea do Douro, Marco de Canaveses, hoje no Museu do Seminário Maior do Porto C). *Albura* é menos frequente. De origem celta, tem o (*)

(*) Domingos de PINHO BRANDÃO, *Novas esteias funerárias de Várzea do Douro (Marco de Canaveses)*, RG, LXX, p. 185-196.

mesmo radical de *Albonius* (ver VIII) (JU, EAAHA, m. 5, p. 49-50⁽¹⁾) *Dutia*, também de origem celta ⁽²⁾, é, quanto à área de expansão na Península, um antropónimo lusitano-galego (JU, EAAHA, m. 39, p. 108). Lê-se numa inscrição encontrada em 1870 no Valado de Alcobaça, localidade não muito distante de Leiria ⁽³⁾, em duas de Idanha-a-Velha ⁽⁴⁾ e está ainda testemunhado em Lamego (CIL, IIS, 5252), no Porto e em Braga (GIL, II, 2371 e AP, II, 129); o derivado *Dutaios* aparece em Capinha (GIL, II, 453). Com a grafia *Doutia* encontra-se em S. Sebastião do Freixo (XV).

BIBL.

- 1721 — Notícias, ms, f. 15.
 1869 — CIL, II, 341.
 1874 — PL, IV, s. v. *Leiria*.
 1874 — SA, BRA, 2.^a série, 1-1, p. 11.
 1876 — SA, BRA, 2.^a série, MO, p. 149.
 1929 — JS, p. 10-11.
 1967 — MA-BF, RG, LXXII, p. 63. (*)

(1) Ver também sobre *Albur a-Albuns*, AF, p. 15, 270 e 292.

(2) *Dutia* de *dut*, raiz que entra na formação dos nomes celtas *Indutus*, *Indutius*, *Indutiomarus* e *Dutaios*. Ver Holder, I, s. v.; Lambrino, AP, nova série, III, n.º 37, p. 59, e MPL, OP, p. 71.

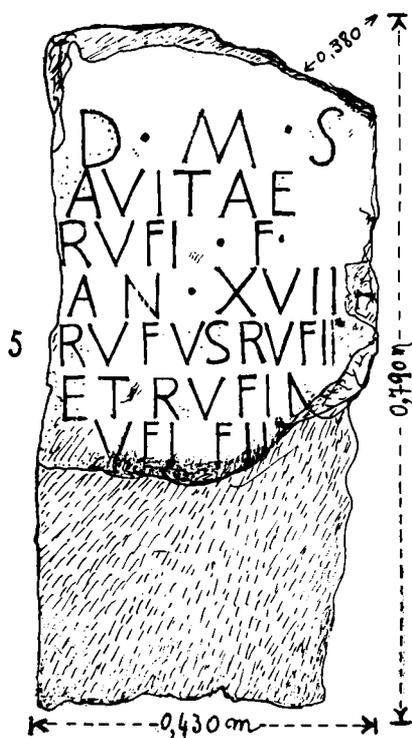
(3) Fr. Joaquim de Santa Rosa VITERBO, *Elucidário...*, I, p. 78; CIL, II, 352.

(*) FA, Eg., n.ºs 108 (CIL, II, 447) e 109, p. 210-211 e 253.

XXXI — EPITÁFIO DE «AVITA»

ACH. — Leiria — Castelo

PAR. — Leiria — Castelo



Cipo de mármore, incompleto, com inscrição funerária, que se encontra no cunhal da porta principal do castelo de Leiria,

à esquerda de quem entra, passadas as portas de madeira, a onze centímetros do chão.

Embutido na parede, horizontalmente, com a face epigrafada visível, incompleto, e muito danificado, tem na parte superior uma cavidade para *forceps*, ao centro, com 85 mm de comprimento, 25 mm de largura e 50 mm de profundidade.

Dimensões: alt. — 0,790 m; larg. — 0,430 m; esp. — 0,380 m.

A inscrição consta presentemente de 7 11. Está incompleta pela fragmentação e desbaste da pedra. Algumas letras estão danificadas, outras distinguem-se com alguma dificuldade. Há letras desaparecidas (11. 6 e 7).

L. 1 — Visível o S que as cópias conhecidas nunca registam.

L. 5 — RVFVS RVFI F. O último sinal é um F embora quase apagado, não se notando os traços horizontais.

L. 6 — ET RVFIN[A].

L. 7 — Lemos [RJVFI FIL[IAE]. Seguir-se-iam, provavelmente, numa ou em duas 11., as letras da fórmula *piissimae ponendum curaverunt* (*p. p. c.* ou *piissimae p. c.*) ou semelhante.

Notam-se ainda cinco pontos de separação. O que se aponta depois do M (1.^a 1.) é duvidoso. São redondos. É possível terem desaparecido outros. O desenho das letras é relativamente perfeito, do tipo da «capital guiada». A incisão é triangular. Os traços horizontais dos FF são bastante juntos e curtos. A altura das letras oscila entre 50 e 55 mm.

D(iis) M(anibus) s(acrum). / Avitae / Rufi f(iliae) / an(norum) XVII I Rufus Rufi f(ilius) I et Rufinfa] / [Rjufi (filia) filfae / p(iissimae) f(aciendum) c(uraverunt)?].

Consagração aos deuses manes. Rufo, filho de Rufo, e Rufina, filha de Rufo (mandaram levantar este monumento) a Avita, filha de Rufo, (sua filha piedosíssima), que morreu com 17 anos de idade.

Todos os antropónimos — *Avita, Rufus, Rufina* — são frequentes na epigrafia peninsular. *Rufus* (ruivo, avermelhado) na presente lista de inscrições aparece pela primeira vez.

BIBL.

- 1721 — Notícias, ms, f. 13.
1869 — GIL, II, 342.
1874 — PL, IV, s. v. *Leiria*.
1876 — SA, BRA, 2.^a série, 1-10, p. 149.
1901 — TL, PD, 13 (28 de Fevereiro de 1901).

XXXII - EPITÁFIO DE «DIADVMENV»

Ac H. — Leiria — Antigo convento
de S. Francisco
PAR. — Ignorado

D M
DIADVMENO
CARISIAE
AVITAE LIB

Inscrição funerária, incompleta.

Refere Pinho Leal (IV-1874, p. 79, s. v. *Leiria*) que esta inscrição existia «no cunhal de uma sacristia abandonada da igreja do convento de S. Francisco (*suprimido*)». SA, escrevendo em 1874 (BRA, 2.^a série, 1-1, p. 12), diz que ela estava aberta «num pedaço de lousa», «metido no cunhal duma sacristia velha» da mesma igreja. Observa que o lado inferior dessa lousa foi quebrado, notando-se ainda «fragmentos de letras cujos restos estavam no outro pedaço» que faltava. Dois anos mais tarde, em 1876, este mesmo autor refere-se de novo à inscrição, afirmando que o suporte em que foi gravada era um cipo (em 1874 falava de uma *lousa*) e se encontrava no referido local. Acrescenta que a inscrição fora publicada, pela primeira vez, no Dicionário de Pinho Leal. O *cipo* não estava inteiro. «Falta-lhe, escreve, uma porção considerável pela parte inferior. Na que existe observam-se ainda fragmentos de letras de umas cinco linhas; e talvez tivesse mais. Essas linhas deveriam conter, pelo menos, o nome do dedicador (uma esposa, um filho, um amigo) e as demais fórmulas do estilo» (BRA, 2.^a série, 1-10 (1876), pp. 149-150).

Visitámos cuidadosamente o interior e exterior da igreja (em ruínas) e dos anexos (*idem*) que poderiam ter servido de sacristia. Não encontramos a inscrição. Estará coberta pelo reboco? Terá desaparecido? Terá sido aproveitada a lápide como material de construção nas obras de adaptação do antigo convento ao actual edifício da Moagem ?⁽¹⁾.

A inscrição está incompleta. Consta, de harmonia com a cópia transmitida, de quatro linhas. Notavam-se, segundo o testemunho ocular de Silva Araújo, vestígios de letras de mais algumas linhas.

D(iis) M(anibus) . / Diadumeno / Carisiae / Avitae lib(erto)...

Aos deuses manes. A Diadumeno liberta de Carisia Avita...

Diadumeno tinha sido escravo. Deu-lhe a manumissão Carisia Avita.

Diadumenus é nome de origem grega. Corresponde a Διαδούμενος (cingido, coroado). Hübner (CIL) regista-o em quatro inscrições além da epígrafe de Leiria: II, 1873 (Cádiz), 3766 (Valência), 4969 (no Museu de Madrid, mas de proveniência estranha à cidade) e IIS, 6250 (Madrid). *Carisius* (*Carisia*), que frequentemente se escreve *Charisius* corresponde ao grego Χαρίσιος. Poderá ser também de origem celta (Hôlder, I, s. v., e MPL, OP, p. 59-60). Aparece algumas vezes nos textos epigráficos da Península. Hübner (CIL) enumera mais cinco casos: II, 2740 (Segóvia), 2583 (Lugo), 2592 (Lugo), II, 2802 (Clúnia) e a inscrição já referida do Valado, Alcobaça, não muito distante de Leiria, encontrada em 1780 (II, 351): *Carifsija G. f. Qui[n]tilla* (XXIV, p. 122, nota 1). Acrescentamos mais duas: uma de Braga e outra de Ricobayo ⁽²⁾. Hübner regista também *Carisianus* (CIL, II, 1064) ⁽³⁾. *Avita*, cognome damanumissora, aparece de novo neste elenco de inscrições.

⁽¹⁾ «Companhia Leiriense de Moagem, Lda.».

⁽²⁾ JU, EAAHA, m. 30, p. 91.

⁽³⁾ Sobre a origem etimológica de *Carisius*, ver especialmente AF, p. 78-79.

BIBL.

- 1874 — PL, IV, s. v. *Leiria*.
1874 — SA, BRA, 2.» série, 1-1, p. 12.
1876 — SA, BRA, 2.» série, 1-10, p. 149-150.
1892 — CIL, IIS, 5233.
1901 — TL, PD, 10 (2 de Fev.º de 1901).

XXXIII — PONDUS DE BARRO COM O GRAFITO «F A»

A CH. — Região de Leiria

PAR. — Leiria — Seminário Diocesano

Pondus de barro com grafito, encontrado na região de Leiria. Não sabemos determinar o local, nem a data, nem as circunstâncias do achado. Guarda-se no Seminário diocesano de Leiria, com a nota de que é proveniente da região de Leiria.

O *pondus* é perfurado. Tem falhas de barro e está um pouco gasto.

Dimensões: 0,128 m por 0,068 m. De espessura: 0,040 m.

O grafito foi aberto antes da cozedura. Consta de duas letras apenas, F e A, em escritura do chamado tipo *comum*. O F apresenta um só travessão superior, oblíquo, formando ângulo agudo. A barra do A está substituída por um traço interior, ligeiramente inclinado, à maneira do tipo arcaico. Na letra *cursiva* de Pompeia são frequentes as formas das duas letras deste grafito.

Altura das letras: A = 30 mm; F = 33 mm.

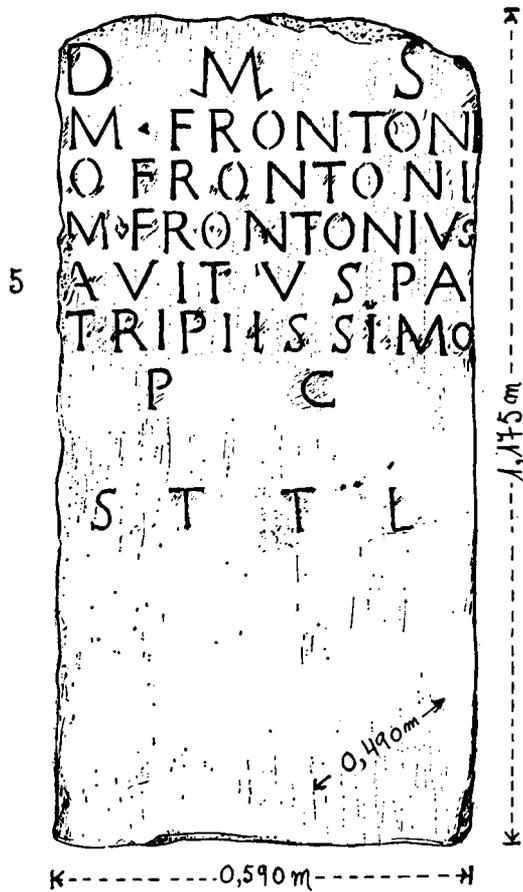
As duas letras indicam o nome do possuidor ou, porventura, do fabricante do *pondus*. Podem ser iniciais (duas siglas) ou pertencer ao mesmo nome.

Inédito.

XXXIV — EPITÁFIO DE «M. FRONTONIVS»

ACH. — Leiria — Castelo

PAR. — Leiria — Castelo



Cipo de mármore com inscrição funerária. Encontra-se embutido no cunhal da torre esquerda que flanqueia a porta principal do castelo de Leiria, a noventa centímetros do chão.

Aproveitado como material de construção, está deitado horizontalmente, com a face epigrafada voltada para o exterior e, portanto, visível. Apresenta ligeiras falhas de pedra e está um pouco danificado no remate superior¹).

Dimensões: alt. — 1,175 m; larg. — 0,590 m; esp. — 0,490 m.

A inscrição está completa. Há maior dificuldade na leitura das duas últimas 11., por estar mais gasta a pedra nessa zona. Consta de 8 11.

L. 1 — O M apresenta apêndices oblíquos na base dos pés laterais..

L. 2 — Depois do M, há um sinal de separação triangular.

L. 4 — Depois do M, há uma *haedera distinguens*; o último S, por falta de espaço, é de dimensões inferiores.

L. 6 — 0 0 final é de menores dimensões.

Não se distinguem outros sinais ou pontos de separação. Se existirem, são actualmente imperceptíveis.

As letras são de desenho relativamente cuidado, com incisão triangular e perfeita. Classificação da escritura: «capital guiada». Os OO são formados por duas secções de arco de centro diferente, que se tocam em ângulo ou não se tocam nalguns casos. A terminação inferior do bojo de alguns PP não toca a haste vertical.

Altura das letras: com excepção do S da l. 4 que mede 38 mm e do O da l. 6 que mede 35 mm, varia entre 55 e 74 mm.

D(iis) M(anibus) s(acrum). / M(arco) Frontoni\o Frontonifi filio / M(arcus) Frontonius / Avitus pajtri piissimo / p(onendum) c(uravit). / S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).

⁽¹⁾ Abaixo deste cipo, no cunhal junto ao chão, há uma base de ara que pode ter sido de um monumento funerário que, nesse caso, teria a forma de ara (como é relativamente frequente). Observe-se que, perto da inscrição, há outros paralelepípedos de mármore e calcário aproveitados como material de construção (alguns foram fragmentados), que julgamos terem sido monumentos funerários ou votivos, embora as inscrições estejam nas faces escondidas ou tenham desaparecido.

Consagração aos deuses manes. Marco Frontônio Avito mandou levantar (esse monumento) a seu pai piíssimo Marco Frontônio, filho de Frontônio. Que a terra te seja leve!

No CIL, II-IIS, além da presente inscrição (n.º 345), regista-se o nome *Frontonius* em IIS, 6275a e *Frontonia* em II, 4261 (*Antonia Frontonia*) e IIS, 5256 (*Frontonia Vegeta*). Observe-se que *Frontonia* em II, 4261, aparece como cognome. Na inscrição o patronímico vem expresso pelo *gentilicio*.

O *gentilicio* *Frontonius* deriva de *Fronto (onis)* que radica a sua origem em *frons (Fronto)*, significa, pois, etimologicamente, o que tem uma cabeça grande, com o mesmo sentido de *Capito (onis)* — *Capitão*). Da mesma raiz: *Frontonianus*, *Frontosus*, *Frontinus*, *Frontinius*, *Frontinianus* e *Frontillus*. A *gens* *Frontonia*, de que a presente inscrição regista três membros — avô^ pai-> neto (três gerações), está provavelmente documentada numa epígrafe votiva de Monte Real (CIL, II, 337: *Frontonius (Frontinius?) Avitus*) (?) e aparece numa inscrição funerária de Rio de Couros (Vila Nova de Ourém) que se conserva inédita.

Sobre *Avitus* ver inscrição XIV.

BIBL.

- 1721—Notícias, ms, f. 16.
 1859 — Jordão, p. 244, n.º 568.
 1869 — GIL, II, 345.
 1874 — PL, IV, s. v. *Leiria*.
 1874 — SA, BRA, 2.ª série, 1-1, p. 11.
 1876 — SA, BRA, 2.ª série, 1-10, p. 149.
 1901 — TL, DP, 13 (28 de Fev.º 1901).
 1929 — JS, p. 10.
 1967 — MA-BF, RG, LXXVII, p. 62-63.

V) A ler-se na inscrição de Monte Real *Frontonius Avitus* tratar-se-á do mesmo dedicante da inscrição do castelo de Leiria?

XXXV —EPITÁFIO DE «M. GRÁNIUS VEGETVS»

ACH. — Leiria
PAR. — Ignorado

M · GRANIVS
VEGETVS ANN
XXV · H · S · E · S · T T L
IVLIA · LOBESSA
5 CONIVGI · P · C

Levy Maria Jordão diz ter copiado a presente inscrição do ms. de *Salgado* e apresenta-a como proveniente de Leiria 0).

Hübner (CIL, II, 346), transcrevendo a inscrição, afirma que a não encontrou na fonte indicada por Levy Jordão (2). Não sabemos se existe a lápide, e, em caso afirmativo, onde se encontrará.

A inscrição consta de cinco linhas. Transcrevemo-las de Levy Jordão, seguindo a modificação de Hübner propondo, na quarta linha, *Lobessa* em vez de *Cobessa*, cópia, certamente errada, na fonte que aquele autor seguiu. Lê-se e desdobra-se como segue:

M(arcus) Granius / Vegetus ann(or)um / XXV h(ic) s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis). / Iulia Lobessa / coniugi p(or)ien- dum) c(uravit).

Aqui está sepultado Marco Grânio Vegeto que morreu com 25 anos de idade. Que terra te seja levei Júlia Lobessa mandou levantar (reste monumento) a seu marido.

1) Jordão, p. 245, n.º 569, com a observação «Collipo. Salgado ms».

(2) «Ubi ego non vidi» (GIL, II, 346). Deveria tratar-se do ms. 592 (vermelho) da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa de P. Frei Vicente Salgado. Consultámos também este manuscrito, bem como o 817 (vermelho), e ainda outros do mesmo autor referentes ao Algarve, e não encontramos a inscrição.

A designação nominal do defunto consta de *tria nomina*. O *praenomen* *Marcus* aparece neste inventário pela terceira vez (XXXIV, *bis*). *Granius* nas inscrições do aro de S. Sebastião do Freixo regista-se agora pela primeira vez. É relativamente frequente nos títulos epigráficos da Península. Hübner, no CIL, refere-o, na forma masculina, quinze vezes, e três vezes na forma feminina. Além dos casos referidos por Hübner, há a registar mais quatro testemunhos e os derivados *Granianus* (uma vez) e *Granniola* (uma vez) (JU, EAAHA, m. 42, p. 113-114). Na Lusitânia está pouquíssimo representado. *Vegetus* é muito frequente na Península com predomínio na Lusitânia (JU, EAAHA, m. 82, pp. 185-186). *Lobessa*, que aparece também com a grafia *Lobesa* e *Lovessa* e no masculino *Lovesius*, *Lovessius*, (fora da Península, *Lobesus*, *Lovesus*, etc.) tem origem celta (*) e, quanto à sua expansão na Península, é representante típico da área luso-galega (JU, EAAHA, m. 48, p. 121-122).

Observamos, finalmente, que em Silves foi encontrada uma inscrição muito semelhante à precedente (GIL, II, 79). É mesmo idêntica, se corrigirmos (má cópia?) as duas primeiras 11. e os últimos pontos da 1. 3.

MERANVS
 VICTVS • AN •
 X X V - H - S - E - S - T - T - L
 IVLIA • LOBESSA
 GONIVGI • P • C

Como explicar o facto?

BIBL.

1859 — Jordão, p. 245, n.º 569.

1869 — CIL, II, 346.

(¹) Holder, II, s. v.; MPL, OP, p. 77-78; AF, p. 136-137. Existe o topónimo *Lebesén* (Lugo) que provém de *Lobesus* com a assimilação de o...e...> e...e... Ver Ramon MENENDEZ PIDAL, *Toponimia prerromana hispana*. Madrid, 1952, p. 133.

XXXVI — EPITÁFIO DE «MAXVMA» FILHA
DE «PROCOLONA»

ACH. — Leiria — Capela de S. Bartolomeu
PAR. — Castelo Branco — Museu

MAXVMAE PRO
. OLONAE
MIVS RVFINVS MA
5 TRI ET.L.VDIVS
CASSIA..NO
P C

Bloco de calcário lioz com inscrição funerária, proveniente de Leiria, da antiga capela de S. Bartolomeu, guardado desde 1910 no Museu municipal de Castelo Branco.

Tavares de Proença escrevendo naquele ano (2, p. 62-63) afirma: «Consegui saber o seguinte sobre a procedência desta inscrição: Há perto de 30 anos existia em Leiria, fazendo parte da ombreira na porta de uma antiga e arruinada capela, à entrada da cidade. Quando essa capela foi demolida, foi levada a pedra para Pernelhas. De Pernelhas foi há poucos anos levada, com outras, para a Marinha Grande» C). Em 21 de Julho de 1910 o mesmo arqueólogo deslocou-se a esta vila para examinar e estudar a inscrição. «A pedra tinha sido metida, como material, no topo de um muro de uma propriedade rural» pertencente a João da Silva Sousa, que a pôs à sua disposição. Esclarece ainda: «Foi arrancada do muro, passados poucos dias, e brevemente dará entrada no Museu Municipal de Castelo Branco». Efectivamente deu entrada nesse museu, onde tivemos ocasião de a examinar recentemente (23-XI-69).

(*) Pernelhas é um lugar da freguesia de Parceiros que confina com Leiria.

A lápide não está completa na parte inferior: foi cortada ou desbastada irregularmente. A face posterior não foi trabalhada.

Apresenta falhas de pedra nas arestas e na face correspondente à epígrafe, e uma maior no ângulo superior da direita.

Dimensões: alt. — 0,985 m; larg. — 0,544 m; esp. — 0,310 m.

Relativamente à epígrafe, escreve TP: «A superfície em que foi gravada a inscrição, em virtude de fogo ou de qualquer outro motivo, apresenta-se muito irregular com muitas falhas, de modo que em virtude da falta de letras é muito difícil a restituição completa. Consegui já, depois de muitas tentativas, ler o seguinte:

. . . R.....ST
 MAXVMAE•PRO
 . OIONAE
 MIVS • RVFINVS ■ MA
 TRI ET • . . I . VDIVS
 CASSIAN . . NO
 F - C

Indico, continua o mesmo autor, com pontos as letras que faltam, pondo em todo o caso esses pontos no alinhamento da base das letras para os distinguir da pontuação verdadeira da inscrição».

A lápide está presentemente mais danificada e as circunstâncias em que a examinámos não permitiram leitura perfeita.

L. 1 — Não identificámos com segurança quaisquer letras. Há 59 anos, existiam algumas segundo TP.

LL. 2-3 — MAXVMAE PRO[C]OLONAE: algumas letras estão gastas. Há ainda lugar para três ou quatro letras: [F FIR]?

L. 4 —MIVS RVFINVS MA

L. 5 — Lemos TRI ET [C]L[A]VDIVS

L. 7 — PC e não FC.

Altura das letras: oscila entre 38 e 45 mm.

...y / Maxumae Pro/[cjolonae ff(iliae) FirJ? \ mius Rufinus ma/tri et [C]l[a]dius / Cassianfus] no(nnae) p(onendum) c(ura-verunt).

A Máxima, filha de Procolona. Firmio(?) Rufino e Cláudio Cassiano mandaram fazer (este monumento) a sua mãe e a sua ama (respectivamente).

Máxima era mãe de Firmio(?) Rufino e ama de Cláudio Cassiano.

Firnius encontra-se algumas vezes na epigrafia peninsular. Já registámos neste inventário o antropónimo *Firmus* (XXII). *Procolona*, que não aparece registado na epigrafia peninsular, relacionar-se-á com *Proculus* (*Proclus*, com a queda da vogal postónica) muito frequente na Península. Deste derivam *Proculeius*, *Proculeianus*, *Proculinus* e *Procolona*. A mudança de *u* em *o* é frequente. O *Appendix Probi* regista vários casos (2). *Maxuma* aparece com *V* em vez de *I* (ver inscrição XII e outras indicadas no índice). Sobre *Cassianus* ver inscrição III.

BIBL.

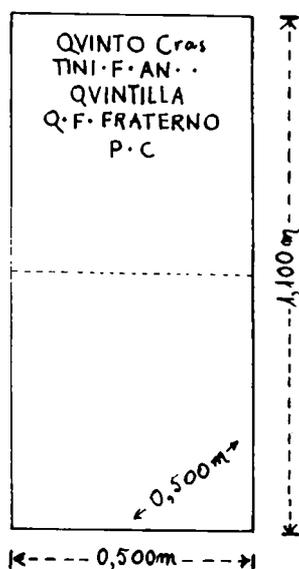
1910 —TP, 2, p. 62-03.

(1) N.º 20 — *Columna non colomna*; n.º 131—*Puella non poella*; n.º 145 — *Turma non tormá*, e outros. Ver Serafim da Silva NETO, *Fontes do latim vulgar*, 3.ª edição, p. 53, 56, 57.

XXXVII — EPITÁFIO DE «QVINTVS»

ACH. — Leiria — Quintal do convento
de S. Estêvão

PAR. — Ignorado



«Bloco de pedra lioz» (calcário), com inscrição funerária, encontrado num quintal da cerca do antigo convento ou recolhimento de Santo Estêvão de Leiria. Dá a notícia do achado TP, 3 (1910), p. 104-195. «Cheguei a um quintal no interior da cerca (*do referido convento*), e aí ao lado de uma enorme pilha de lenha, deparou-me o acaso um grande bloco de pedra *lio*z, que é a geralmente empregada pelos canteiros romanos daquela região para nelas gravarem inscrições». «Voltada a pedra com grande custo, mostrou na face

que até ali assentava no chão húmido do quintal» a inscrição acima reproduzida. Escreve depois: «A restituição da primeira linha é fácil e clara. O final da 2.^a linha não pode conjecturar-se qual fosse pois se trata da idade do indivíduo sepultado». E ainda: «Esta inscrição, que é hoje publicada pela primeira vez, merece, por muitos títulos, ser recolhida em local aonde fique ao alcance dos estudiosos e salva da voragem onde outras mais importantes têm desaparecido... A pedra tem aproximadamente as seguintes dimensões: 1,10x0,50x0,50 m».

Infelizmente, parece ter desaparecido. Pelo menos desconhece-se o paradeiro actual. No livro de registo ou de entradas do Museu de Leiria, sob o número 465 (sem data), lê-se: «Um cipo romano, muito deteriorado com a inscrição seguinte» (*segue-se a cópia da epígrafe que estamos a descrever*), e ainda: «Foi publicada no n. 3, página 105, de «Materiais para o estudo das antiguidades portuguesas» por F. Tavares Proença». Uma observação escrita a lápis informa que a lápide saíra do museu para a Câmara Municipal. No Museu não existe. No pátio anexo ao edifício da Câmara, onde se conservam lápides com inscrições mais recentes, não a encontramos. Informou-nos, porém, um empregado que, há anos, foram partidas e fragmentadas pedras antigas, guardadas nesse pátio e recinto anexo, para obra de arranjo do mesmo local. A pedra com inscrição do quintal do convento de Santo Estêvão... terá desaparecido, talvez, nessa altura... Voragem do tempo? De preferência, incúria e ignorância dos homens.

Perdida ou destruída a lápide, restam-nos como única fonte (que saibamos), a notícia e a transcrição de TP. Por esse motivo reproduzimos fielmente a cópia dada, modificando apenas as linhas-limite do bloco, na parte inferior, de harmonia com as dimensões que descreve. Aquele autor reconstitui e lê o patronímico «C[ras]tini». Desapareceram as letras entre o C e TINI. Outros nomes contêm início e parte final iguais: *Chrestini*, *Cristini*, *Constantini*, etc. A reconstituição depende do número de letras desaparecidas que o espaço inutilizado comportava. Duas? Três? Mais? A distribuição de TP permite e sugere duas ou três. Escolheu três e leu *C[ras]tini*.

Quinto C[ras]\tini f(ilio) an(norum) [...?] \ Quintilla / Q(uinti) f(ilia) fraterno / p(onendum) c(uravit).

Quintilla, filha de Quinto, mandou levantar (este monumento) a seu parente Quinto, filho de Crastino, que morreu com a idade de ... anos.

Hübner, GIL, regista *Crastinus* uma única vez: II, 3138 (Uclês — Espanha). *Quintilla* encontra-se na epigrafia peninsular com alguma frequência. Já apareceu neste inventário e voltará a aparecer de novo (XIII e XLI). *Quintus* é muito frequente.

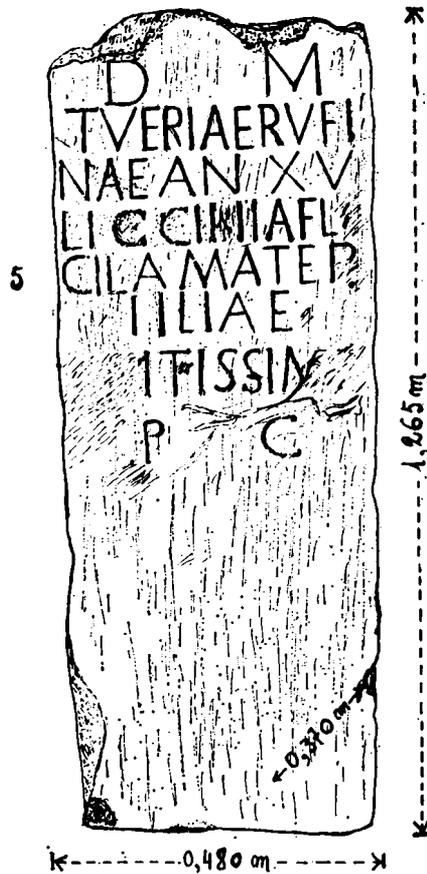
BIBL.

1910 — TP, 3 (Novembro-Dezembro de 1910), p. 104-105.

XXXVIII — EPITÁFIO DE «TVERIA RVFINA»

ACH. — Leiria — Castelo

PAR. — Leiria — Castelo



Cipo de calcário com inscrição funerária. Está embutido na parede da porta principal do castelo de Leiria, à esquerda de

quem entra, passadas as portas de madeira, a oitenta centímetros do chão.

A lápide encontra-se deitada horizontalmente com a face epigrafada visível. Danificada no remate superior, apresenta também ligeiras falhas de pedra. A superfície da inscrição está gasta.

Dimensões:- alt. — 1,265 m; larg. — 0,480 m; esp. — 0,370 m.

Na parte (superfície) superior, ao centro sensivelmente, há uma cavidade rectangular para *forceps* com 75 mm de extensão por 25 de largo e 135 de profundidade.

A inscrição, em virtude do desgaste da zona epigrafada, está pouco visível. Consta de 8 11. Desapareceram algumas letras nas 11. 4 e 7; outras estão danificadas; algumas estão quase imperceptíveis. Abre com a fórmula da consagração aos deuses manes, cujas siglas (D M) são de dimensões superiores às letras das restantes 11. Não se distinguem presentemente pontos de separação.

O desenho das letras é regular, do tipo da «capital guiada»; a incisão é triangular. A sua altura oscila entre 55 e 75 mm.

D(iis) M(anibus). / Tveriae Rufi/nae an(norum) XV / Licinia Flfa]c(c)il(l)a, mater, / filiae / [piejntissimfaej \ p(onendum) c(uravit).

Aos deuses manes. A mãe Licinia Flácila mandou fazer (este monumento) a Tuéria Rufina, sua filha piedosíssima, que morreu com 15 anos de idade.

A cópia de Notícias ms, é incompleta, imperfeita e errada. Partindo desse ms., Hiibner reconstitui a inscrição do modo seguinte: *D. M. Ulpiae Fulvae an. XVII Cor(nelia) Plautilla mater filiae pientissimae f. c.* (CIL, 350). Mais incompletas ainda são as cópias de SA publicadas em 1874 e 1876 (ver bibl. abaixo indicada) a que Hübner se refere em CIL, IIS, 5231, fazendo apelo

ao n.º 350 C). Palavras de SA: «Quasi totalmente desfeita esta inscrição, não se presta a interpretação alguma» (BRA, 2.ª série, 1-10. p. 149). A leitura que apresentamos, depois de um exame *in loco* muito cuidado, é segura.

A designação nominal da dedicante e da defunta (mãe e filha) aparece com *nomen* e *cognomen*. Hübner (CIL, II-IIS) não regista o *nomen Tuerius-Tueria. Rufinus-Rufina* volta de novo a ser testemunhado na presente inscrição.

Licinia está escrita com dois CC (ignorância ou descuido do lapicida). O CIL, II-IIS regista *Licinius-Licinia* várias vezes e *Flaccilla* apenas uma vez (IIS, 6115 — *Licinia Flaccilla*). Este último cognome (Flaccilla) encontra-se em várias inscrições não inventariadas por Hübner no CIL. Enumeram-se três em Idanha-a-Velha: *Memmia Flaccilla*, *Flaccilla* e *Valgia Flacilla*, sempre com as consoantes finais duplas (CC e LL) (2).

BIBL.

- 1721 — Notícias, ms, f. 14.
 Cópia muito incorrecta.
 1869 — CIL, II, 350.
 1874 — SA, BRA, 2.ª série, 1-1, p. 11.
 1876 — SA, BRA, 2ª série, 1-10, p. 149.
 1892 — CIL, IIS, 5231.
 1901 — TL, PD, 13 (28 de Fev.º de 1901).

H Cópia de SA, BRA, 2.ª série, 1-10(1876): D • M • | ... VETIAERV... .
 ..F ANXI... I ...N.... I ...VAEF... |AE.... | T • T • ... Em BRA, 2ª série,
 1-1 (1874) apresenta variantes desta última leitura.

(2) FA, Eg., n.ºs 107, 120 e 143, p. 209-210, 217 e 230-231.

XXXIX — EPITÁFIO FUNERÁRIO INCOMPLETO

ACH. — Leiria
PAR. — Ignorado

D M
VE ___ E

Fragmento de inscrição funerária registado, a primeira vez, por Jordão (bibl. abaixo indicada) que afirma ser de Leiria («Collippo»). SA hipotiza que esta parte da inscrição testemunhada por Jordão poderá referir-se à inscrição incompleta que ele mesmo SA transcreve em BRA, 2.^a série, 1-10, p. 149, n.º 4 (trata-se da inscrição atrás estudada XXXVIII, ver aí nota 1), observando que, a ser assim, na primeira linha deverá ler-se D M e não D A.

Hübner, CIL, II, reproduz este fragmento de epígrafe em nota ao n.º 346 e no n.º 5026.

D(iis) M(anibus) / VE

Consagração aos deuses manes.

BIBL.

- 1859 — Jordão, p. 292, n.º 698.
1876 — SA, BRA, 2.^a série, 1-10, p. 149.
1869 — CIL, II, 346.
1892 — CIL, IIS, 5026.

¹⁾ Diga-se, mais uma vez, que a cópia dada por Silva Araújo, a p. 149, é muito imperfeita. (Ver inscrição XXXVIII e nota 1 da mesma).

XL—EPITÁFIO DE «CLAVDIVS DOMNVS»

ACH. — Maceira

PAR. — Juncal



Cipo de mármore incompleto com inscrição funerária proveniente da freguesia de Maceira, concelho de Leiria. Adquirido por José Calado antes de Maio de 1899 (x) e levado para a sua casa da freguesia do Juncal, ai se conserva, ainda, junto da mesma casa, hoje da Ex.^{ma} Sr.^a D. Perpétua Amélia Galvão da Silva Barreiros Calado.

(9 Gomo se depreende do artigo de José Calado, *Inscrição sepulcral romana*, AP, V (1900), p. 42.

Era de secção rectangular com três faces alisadas: a da frente onde se encontra a inscrição e as duas laterais. A de trás está «em bruto». Foi aproveitado, mais tarde, talvez para base, coluna ou plinto. Nessa ocasião cortaram-lhe a parte superior e chanfraram-lhe os dois ângulos ou arestas da frente quase até ao fundo, esculpando um motivo foliáceo na transição da chanfradura para o ângulo. Não sabemos, pois, como rematava superiormente. O corte superior e a chanfradura prejudicaram a inscrição.

Dimensões actuais: alt. — 0,860 m; larg. — 0,510 m; esp. — 0,490 m.

A inscrição está incompleta. Além da parte inicial, faltam algumas letras na margem esquerda. Estas, porém, facilmente se podem identificar.

L. 1 — [D]OMNO, em dativo.

L. 2 — [A]NN(or«m) XXVIII. Os números antepenúltimo e último são de menores dimensões.

L. 5 — O grupo A-V forma um nexa de sobreposição.

L. 6 — OS final está inscrito no V.

L. 7 — pATER ou //ATER. Pelo espaço deve ser *pater*.

L. 8 — As siglas F C são de maiores dimensões; entre elas uma *haedera distinguens*.

As letras que faltam na margem esquerda facilmente se adivinham. A parte inicial desaparecida conteria provavelmente a dedicação aos deuses manes, que aparece noutras inscrições provenientes da Maceira, e a primeira parte do nome do defunto que constaria, além do preñome que desconhecemos, do gentilício que seria igual ao do irmão (ou pai) que levantou o monumento (*Claudius*).

A altura das letras das 11. 2 a 8 oscila entre 55 e 85 mm, com excepção dos dois referidos II da 1. 2, que medem 42 mm, e do S inscrito da 1. 6 que mede 30 mm.

[D(iis) M(anibus) s(acrum)?] / [. Claudio] / [D]omno / [ajnn(or)um) XXVIII / [e]t men(sium) XI / [T]iberius \ [C]laudius I [T]iberianus / [p]ater / ffaciendum) c(uravit).

Consagração aos deuses manesf?). O pai Tibério Cláudio Tiberiano mandou levantar (este monumento) a ... (Cláudio) Domno que morreu com 28 anos e 11 meses.

Desconhecemos, como se disse, a designação completa do defunto. Da família *Claudia*, tinha como gentílico *Claudius* mas ignoramos o preñóme. O cognome *Domnus* (de *Dominus*, com queda da vogal postónica) é frequente. Igualmente o *praenomen* *Tiberius* (*Ti*, *Tib* e *Tiberius*). O dedicante e o defunto da presente inscrição são da família do defunto da inscrição XLIII (*Tiberius Claudius Maximus*).

Tiberius Claudius Tiberianus da presente inscrição é provavelmente o dedicante da inscrição XLIV (*Claudius Tiberianus*).

BIBL.

1892 — GIL, IIS, 6273.

1901 — TL, PD, 15 (14 de Março de 1901).

1913 — Hübner — *Additamenta*, EE, IX, p. 21.

1938 — LV, AP, XXX, p. 207.

Este volume, preparado em 1938, foi publicado em 1956. Em vez de DOMNO da l. 1, escreve L. V: «Pergunto se seria SOMNO...».

XLI —EPITAFIO DE «DESTICIA QVINTILLA»

ACH. — Maceira ? Porto de Mós ?

PAR. — Ignorado

d MS
de STICIAE
Const ATINI· F
qu INTILLAE
5 *dest* ICIA M
. . . . V MATER
f C

A presente inscrição terá aparecido, segundo Hübner (CIL, IIS, 6274, p. 1030) em Maceira. Refere o célebre epigrafista que José Calado a descreveu (em cópia que lhe enviou? em qualquer publicação?). Através de J. Calado terá sabido a proveniência da inscrição. Todavia SA, em apontamento ms., diz que a lápide apareceu «nos escombros de umas casas em Porto de Mós (1889 ?)(1).

Não sabemos se existe presentemente e qual o seu paradeiro.

Falta a margem esquerda a toda a altura, o que supõe a fragmentação da pedra ou o seu desgaste nessa zona.

A inscrição consta de 7 11. Para a terceira Hübner propõe Co/wíANTINI. SA anota igualmente a leitura *Constantini* e traz em nexu A-N. Para as 11. 5-6 propomos a leitura: [*Destjicia Mj[axim]a*, sendo o traço que aparece antes de *Mater* parte do

j¹) SA, em folha ms., solta, do caderno ms. *Armas, Brazões e Inscrições*, em posse de D. Carolina F. P. Ribeiro.

Λ final. SA em *Mater* apresenta M-A em nexa. Na l. 8, pode ler-se *ff(aciendum)* ou *p(onendum)] c(uravit)*.

fD(iis)] M(anibus) s(acrum). / (Dejsticiae / [Constjantini f(iliae) I [Qujintillae / [Destjicia M_i[axim]a mater [f(aciendum) ou p(onendum)] c(uravit).

Consagração aos deuses manes. A Destícia Quintila, filha de Constantino, sua mãe Destícia... mandou fazer este monumento.

Hübner, CIL, II-IIS, regista *Destícia (Desticius)* apenas na presente inscrição. Fora da Península este antropónimo é testemunhado em vários títulos epigráficos (CIL, V, 7473, 1875, 1879, 8660; VII, 107, etc.). Sobre *Quintilla* ver XIII e XXXVII.

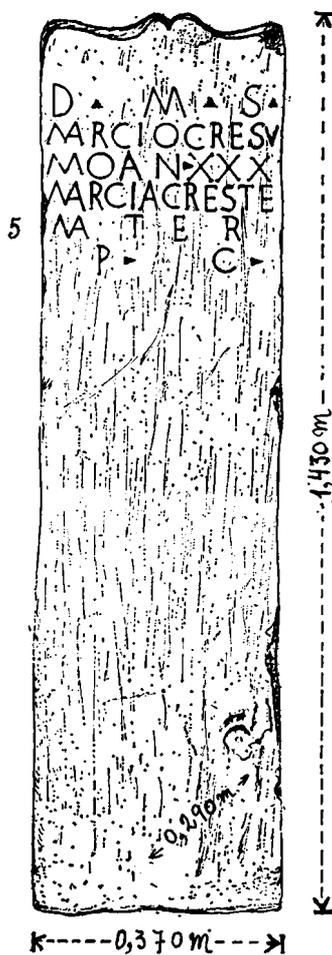
BIBL.

? — SA, Apontamento solto em *Armas, Brazões e Inscrições*.
1892 — CIL, IIS, 6274, p. 1030

XLII — EPITÁFIO DE «MARCIVS CRESVMVS»

ACH. — Maceira

PAR. — Juncai



Esteia funerária de mármore com inscrição que se encontrava «em frente da igreja matriz da freguesia de Maceira, concelho de Leiria, na soleira da porta duma casa dependente da mesma igreja», (José Galado, «O Distrito de Leiria», n.º 372). Aí deparou com ela José Francisco Barreiros Calado, em 19 de Abril de 1889. Adquiriu-a, levando-a para sua casa da freguesia do Juncai, concelho de Porto de Mós, onde se conserva ainda junto da mesma casa, hoje, como foi já dito, propriedade da Ex.^{ma} Sr.^a D. Perpétua Amélia Galvão da Silva Barreiros Calado.

Está completa. O remate superior descreve, em cada metade, curvas com dois centros opostos, à maneira de um livro que se abre descrevendo cada folha um movimento acentuadamente convexo, logo seguido de uma curva delicadamente côncava.

Dimensões: alt. — 1,430 m; larg. — 0,370 m; esp. — 0,290 m.

A inscrição consta de seis linhas. Há sinais de separação triangulares, depois das siglas da primeira linha, depois de AN da terceira, e depois das duas siglas da sexta linha: ao todo seis, os três primeiros com o vértice para o alto; os três restantes com o vértice para a direita. O grupo M-A (2.^a, 4.^a e 5.^a 11.) aparece sempre em nexu. As letras são de bom desenho, da escritura «capital guiada», com excepção do P da última linha cujo bojo é menos perfeito.

A altura das letras oscila entre 36 e 50 mm, exceptuando o V final da 2.^a 1. que mede apenas 28 mm.

*D(iis) M(anibus) s(acrum). / Mareio Cresu/mo an(norum)
XXXI Mareia Creste / mater / p(onendum) c(uravit).*

Consagração aos deuses manes. A Márcio Crêsumo, que morreu com 30 anos de idade, mandou levantar (este monumento) sua mãe Márcia Creste.

Marcus (Mareia) é um gentilício que aparece com frequência na epigrafia peninsular.

A forma normal de *Cresumus* é *Chresimus* (do grego Χρῆσιμος; = útil, cómodo). Na Península está inventariado com as grafias

Chresumus (Idanha-a-Velha) C), *Chresimus* e *Cresumus*. Com a grafia *Cresimus* vê-se, por exemplo, em CIL, VI, 10603. Em CIL, VI, 595 aparece *Crhesimus*.

De *Creste* a forma normal é *Chreste*. Trata-se de um cognome feminino que se encontra algumas vezes no onomasticon peninsular (CIL, II-IIS, 209, 3085, 6121, 6272). O correspondente masculino é *Chrestus* (*Crestus*) do grego Χρῆστος. Pertencem à família etimológica de *Chrestus*: *Chrestis*, *Chrestius* (*Crestius*), *Chrestio*, *Chrestinus* e *Chrestillus*.

Registam-se, pois, nesta inscrição, dois antropónimos de origem grega.

BIBL.

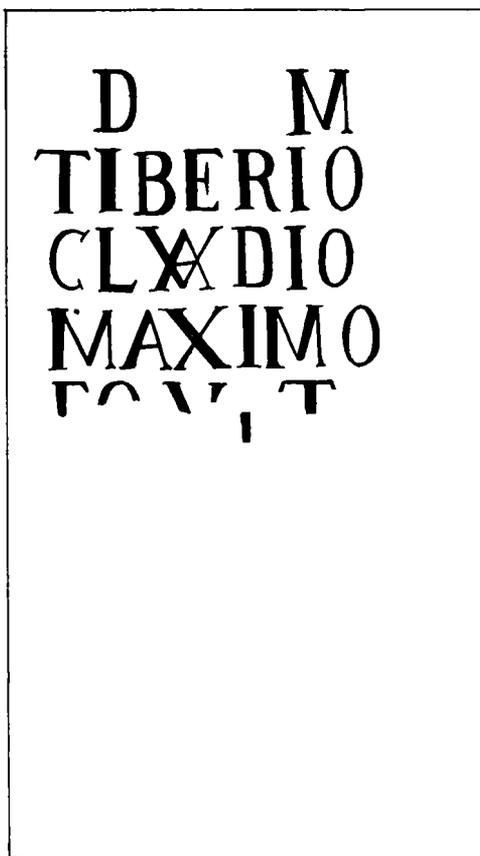
- 1889 — «Commercio de Portugal», 2936 (27 de Abril de 1889). Artigo de José Calado datado de 25 de Abril e com o título *Monumento sepulcral romano*.
- 1889 — «O Distrito de Leiria», 372 (11 de Maio de 1889). Artigo de José Calado com a data e título supra.
- 1889 — Borges de FIGUEIREDO, *Inscrição de Maceira, concelho de Leiria*, «Revista archeológica e histórica», III (1889), p. 88.
- 1892 — CIL, IIS, 6272.

f¹) Lambrino, AP, nova série, III (1956), p. 47, n.º 22; FA, Eg., p. 180-181, n.º 162.

XLIII— EPITÁFIO DE «TIBERIVS CLAVDIVS MAXIMVS»

ACH. — Maceira

PAR. — Ignorado.



Segundo o Notícias ms, de 1721, a pedra com a inscrição supra encontrava-se na torre da igreja de Maceira, junto ao chão, no

cunhal, perto da lápide que descrevemos a seguir (XLIV), voltada para a outra parte, isto é, noutra face da torre. Uma busca feita ao local não resultou. A existir ainda no mesmo sítio, encontrar-se-á, seguindo a indicação do referido ms, encoberta pela argamassa e reboco, junto da porta que dá para a dependência conhecida por *Casa da torre* destinada a arrumações, à direita de quem entra, a pequena altura do chão. Esta dependência é muito posterior a 1721 e aproveita como parede uma das faces da torre.

A cópia mais antiga da inscrição — e a única fonte conhecida até ao presente — é o mencionado ms que a dá incompleta. Segundo essa cópia, na 3.^a l. o grupo A-V forma nexos enlaçados ou sobrepostos. A 5.^a l. está cerceada: contém o nome do dedicante. Faltam uma ou mais ll. em que encontraríamos, porventura, a par de outros elementos, a fórmula final *f(aciendum) c(uravit)* ou semelhante.

Hübner, GIL, II, 343, comenta relativamente à 5.^a e a uma 6.^al.: «*Supple v. c. [B]OVT[IA... uxor f. c.]*». É difícil fazer conjecturas, pois as cópias fornecidas pelo ms, quando as inscrições estão cerceadas ou apagadas, não costumam garantir fidelidade. Fica referida, porém, a hipótese de Hübner sugerindo *Bout [ia]*. Poderíamos ler também *Doutia*, nome que já foi registado neste inventário (XV). O ms. não assegura a leitura de um ou outro nome.

D(iis) M(anibus). / Tiberio / Claudio / Maximo / Bout[ia]?...

Aos deuses manes. A Tibério Cláudio Máximo, Bouícia...?

O defunto tem uma designação nominal de *tria nomina*, todos já registados em inscrições anteriores. O antropónimo *Boutius-Boutia* (celta) está testemunhado sobretudo na Lusitânia oriental. Os derivados e as formas com *Boud*, *Bot* e *Bod* aparecem noutras regiões da Península G). Sobre a família do defunto, ver XL.

BIBL.

1721 — Notícias ms, f. 41.

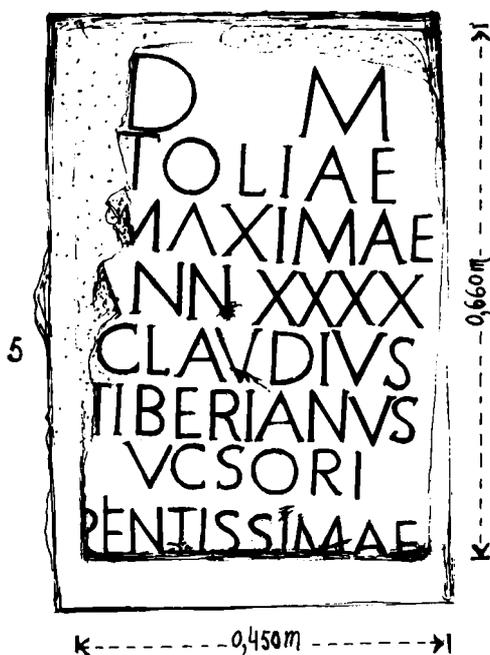
1869 — GIL, II, 343.

f¹) MPL, OP, p. 50-51; JU, EAAHA, m. 18, p. 72-73; AF, p. 60-61

XLIV — EPITÁFIO DE «TOLIA MAXIMA»

ACH. — Maceira — Torre da igreja

PAR. — Maceira — Torre da igreja



Lápide de mármore com inscrição funerária. Encontra-se embutida na parede da torre poente (esquerda de quem se volta para a fachada) da igreja paroquial de Maceira, concelho de Leiria. O ms. Notícias de 1721 refere: «Em hum cunhal da Torre dos sinos

desta freguezia de Maceira estão dous letreiros esculpidos em duas pedraz, huma junto ao chão e outra virada para outra parte levantada do chão huma vara» (f. 40). A presente inscrição é a que Notícias aponta em segundo lugar.

José Calado escreveu em 1889: «O ilustre pároco da Maceira, o meu muito querido amigo cónego Pereira, acaba de me afirmar que emboçado na parede da torre da sua magnífica igreja existe também um cipo, mas de dificultosa leitura por estarem muito apagados ou lacerados os caracteres. E foi por este motivo que o mandou cobrir de argamassa...» (1).

A camada de argamassa foi retirada posteriormente. A lápide encontra-se deitada, em posição ligeiramente inclinada, com a face da epígrafe voltada para o exterior. Para chamar a atenção, fizeram-lhe, há alguns anos, um enquadramento ou moldura saliente de cimento. Está danificada sobretudo do lado esquerdo e ao fundo. A zona da inscrição era rebaixada, notando-se ainda vestígios da faixa saliente na parte superior e lateral da direita.

Dimensões: alt. — 0,660 m; larg.—0,450 m. O rectângulo de enquadramento da lápide mede interiormente 0,720 m por 0,490 m.

A epígrafe consta presentemente de oito linhas. A lápide foi caiada, facto que dificulta um pouco a visibilidade das letras. Algumas estão danificadas: na margem esquerda e ao fundo. Abre com a fórmula da consagração aos deuses manes em caracteres de dimensão bastante superior aos do epitáfio, fenómeno frequente na epigrafia funerária (ver XXI).

As letras são de bom desenho, tipo «capital guiada» com incisão triangular pouco profunda.

L. 3 — Falta parte do M inicial; o primeiro A sem traço horizontal.

L. 4 — O A inicial está prejudicado.

L. 8 — Nota-se apenas o bojo do P; o grupo I-E forma nexa.

As últimas letras estão cerceadas na parte inferior.

(9 Em «Commercio de Portugal» e «O Distrito de Leiria» indicados na bibliografia.

A inscrição terminaria com uma das fórmulas correntes: *p(onendum) c(uravit), f(aciendum) c(uravit)* ou semelhante, que desapareceu (ou que se subentende).

A altura das letras varia entre 55 e 95 mm.

D(iis) M(anibus). / Toliae \ Maximae / ann(or)um XXXX / Claudius I Tiberianus / ucsori; pientissimae; fp(onendum) c(uravit)?]

Aos deuses manes. Cláudio Tiberiano (mandou levantar este monumento) a sua esposa piedosíssima, Tólia Máxima, que morreu com 40 anos de idade.

Em *ucsori* aparece o grupo *cs* em vez de *x*, fenómeno que se verifica, com certa frequência, nos textos epigráficos. *XXXX* por *XL* é também frequente.

Hübner, CIL, II, 349, que copiou a inscrição do ms. Notícias, não regista o antropónimo *Tolia* noutras inscrições da Península e sugere mesmo a leitura *Foliae (fortasse Foliae)* (O- O exame da inscrição não permite dúvidas: o T inicial é nítido e claro. Acresce que este antropónimo é testemunhado em território português, pelo menos em mais dois casos: numa inscrição proveniente de Cárquere-Resende ⁽²⁾ e numa outra encontrada na igreja da Senhora de Abobriz, freguesia de Amoreira, concelho de Óbidos, hoje no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia ⁽³⁾. AF refere outro caso (p. 230). É nome pre-romano. Os outros antropónimos da inscrição aparecem em inscrições anteriores. Sobre *Claudius Tiberianus* ver inscrições XL e XLIII.

(9 *Folius* e *Folia* aparecem raramente fora da Península. Não conhecemos nenhum caso na epigrafia peninsular.

(2) Eugénio JALHAY, *Lápides romanas da região de Cárquere (Resende), Brotéria*, LII (1951), p. 75-76.

(3) LV, *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*, AP, XXX, p. 122-123, n.º 63. O volume XXX é de 1938, mas, como já foi observado, só foi publicado em 1956. A lápide foi encontrada em 1894 e tem o n.º de entrada no Museu 6314. É funerária. Ghamava-se o defunto *Tolius Maximinus*, e era duúnviro. Talvez da família de *Tolia Maxima*.

BIBL.

1721 —Notícias, ms., f. 40-42.

Cópia imperfeita.

1869 —CIL, II, 349.

1889 —«Commercio de Portugal», 2936 (27 de Abril de 1889).

Artigo de José Calado, *Monumento sepulcral lusitano*, datado de 25 de Abril.

1889 —«O Distrito de Leiria», 392 (11 de Maio de 1889).

Artigo de José Calado como em «Commercio de Portugal».

1967 — MA-BF, RG, LXXVII, p. 65.

INSCRIÇÃO FALSA
E
INSCRIÇÃO ERRADAMENTE ATRIBUÍDA A LEIRIA *

XLV —UMA INSCRIÇÃO ATRIBUÍDA A COLLIPPO
INVENTADA POR FREI BERNARDO DE BRITO?

Hübner rejeita como «falsa vel aliena», falsa ou suspeita¹⁾ a inscrição que Frei Bernardo de Brito afirma ter sido encontrada nas ruínas de Collippo (S. Sebastião do Freixo) e que transcreve na sua *Monarchia Lusytana*, tirada de um *Prontuário antigo de letrados* que, segundo diz, possuía:

D. M. S.
SEXT. AN. FORTVNATVS
H. SITVS. E.
OBIIT IN OBSIDIONE
5 COLLIP. ET Q. CASSIVS
LONG. PATRVELIS
PRAEFVIT BVST. Q.
AN. FORTVN. FRATER.
SIGNIF. COHOR. T.
10 CELTIB. CIN. MOESTIS.
SOEPELIVIT.
S. T. T. L.

Eis a tradução de Bernardo de Brito: «Sepultura consagrada aos deuses do inferno. Aqui jaz Sexto Anio Fortunato, morreu (*)

(*) Nos apêndices não consideramos estas duas inscrições.

(¹) Bibl. cit. no fim.

no cerco de Collippo, e Quinto Cássio Longuinho, seu tio, assistiu em sua pompa funeral, e Quinto Ánio Fortunato, seu irmão, que era alferes das capitánias dos Espanhóis de Celtibéria, deu sepultura a suas cinzas com muita tristeza. Seja-te a terra leve»⁽¹⁾. A seguir o texto latino, Quinto Cássio Longuinho seria primo (e não tio) de Sexto Ánio Fortunato e presidiu à cerimónia da cremação.

Jordão, *Inscriptiones*, p. 284, n.º 672, transcreve a epígrafe copiando-a de B. de Brito, com levíssimas variantes (ll. 9 a 11: *Signifer. cohort. I celtib. cin. moestus sepelivit*). Manuel de Faria e Sousa já antes a tinha copiado lendo na l. 9: COHORT. SA, BRA, 2.ª série, 1-12, p. 185, volta a publicar a inscrição, tendo-a por verdadeira e copiando-a de Bernardo de Brito, Faria e Sousa e Jordão. Comenta a propósito: «Actualmente não me consta que restem sinais dela por estes sítios».

Sabemos que Frei Bernardo de Brito não tinha grande escrúpulo em inventar *documentos*. Esta inscrição, copiada de um talvez imaginado «Prontuário», foi mais uma *invenção* que nos quis legar e transmitir...

BIBL.

1597 — Frey Bernardo de BRITO, *Monarchia Lusytana, Parte primeira* (1.ª edição), p. 354-355.

1859 — Jordão, p. 284, n.º 672.

1869 — CIL, II, *Inscriptiones falsae vel alienae*, p. 7*, n.º 35.

1876 — SA, BRA, 2.ª série, 1-12, p. 185.

(1) Bibi. cit.

XLVI —UMA INSCRIÇÃO DE TRAJANO ERRADAMENTE
ATRIBUIDA A LEIRIA

Trata-se de uma inscrição honorífica dedicada a Trajano, dos últimos anos deste imperador (f 117). Eis como a transcreve Jordão:

IMP. CAESARI. DIVI. NERVAE. F
NERVAE. TRAIANO. OPTIMO. AVG.
GERM. PARTHICO. DACICO. PONTIF.
MAXIM. TRIBVN. POTEST. XVIIIII.
IMP. XI. COS. VI. P. P. D. D. M. F. V.
P. P. D.

Segundo Jordão, *Inscriptiones*, p. 124, n.º 279, esta inscrição foi encontrada em Leiria (diz Collippo, mas por Collippo entende Leiria). Indica as fontes onde a recolheu: J. Gruter, humanista e antiquário de origem holandesa que escreveu *Thesaurus-Inscriptiones*, (1.ª edição, 1601; 2.ª, *Inscriptiones...*, 1616; e 3.ª, 1707), e Salgado ms. (ms. da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa).

SA, BRA, 2.ª série, 1-12, p. 172-173, publica de novo a epígrafe como de Collippo, mas observa: «Hoje não há vestígios (*déla*) nem em Leiria, nem em S. Sebastião que eu saiba».

Efectivamente, esta inscrição nunca existiu em Leiria. Hübner regista-a no CIL, II, 1028, e I IS, 5543. Ao tempo em que o benemérito epigrafista organizava o CIL, I IS, encontrava-se em Azuaga — Espanha.

Por que motivo foi atribuída a Leiria? Por um erro de tradução, como passamos a expor.

A primeira fonte que (pensamos!) publica a inscrição é Nicolau Mamerano que a afirma proveniente de *Hellerenae* (latim), isto é, de Llerena — Espanha, na província de Badajoz. De Mamerano a copiou A. Occo (*Inscriptiones veteres in Hispania...*, 1596) e de A. Occo passou a J. Gruter, ou melhor passou a Gruter através de Ambrosio de Morales (*Crónica General de Espana—1574*). De Gruter (3.^a edição) passou a Frei Vicente Salgado (*Collecção dos Monumentos Romanos...*, ms. 592 (vermelho) da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, de 1796). Escreve Salgado: «Hellerenae in Lusitania ubi quondam Castra vetera traz Grutero a lápide seguinte de Morales a pág. 248 com a seguinte inscrição». Transcreve, depois, a inscrição (ms. 592, IV parte, p. 17, n.º 48. Ver, também, do mesmo Salgado, ms. 817 (vermelho) da referida Biblioteca).

Jordão copiou a inscrição de Salgado. Simplesmente, onde Salgado dizia *Hellerenae* (em latim), isto é, Llerena, local onde segundo Mamerano apareceu a lápide, Jordão traduziu *Leiria*, e depois retroverteu *eruditamente* (?) *Leiria* para *Collippo*. Daí... Ao que parece, nem a lápide epigrafada será proveniente de Llerena, como por confusão ou deficiente informação diz Mamerano. Hübner, CIL, IIS, 5543, descreve-a como existente em Azuaga, província de Badajoz, vila não muito distante de Llerena, «en el patio corral de la escuela de niñas».

Anote-se finalmente que, no CIL, IIS, 5543, Hübner corrige e rectifica a leitura mal apresentada nos referidos autores e em Jordão e ainda por ele mesmo no volume II, 1028.

BIBL.

1796 — Frei Vicente SALGADO, *Collecção de Monumentos Romanos...* (um volume), ms. 592 (vermelho) da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, IV, p. 17, n.º 48. (Idem no ms. 817 (vermelho) da mesma Biblioteca (diversos cadernos soltos). Ver outras obras referidas no texto).

1859 — Jordão, *Inscriptiones*, p. 124, n.º 279.

1869 — CIL, II, 1028.

1892 — CIL, IIS, 5543.

Corrige o n.º 1028; indica as fontes.

APÊNDICES

APÊNDICE I — ANTROPONÍMIA

<i>NOMINA:</i>			
		Liccinia Fl[a]cila	XXXVIII
		Marcia Creste	XLII
C. A. M.	XXVII	Marcus Cresumus	XLII
Albonius Tacillii (f.)	VIII	Naevidia Maxima	XIV
Q. Alius Maximus	II	Q. Naevidius Quir(ina) Rufinfus] V	
L. Antonius Ursus	IX	Sulpicia	VII
Carisia Avita	XXXII	L. Sulpicius Claudianus	IY
Claudia	XI	L. Sulp[ici]us Claudianus	V
Clau[di]a Silvanilla	V	C. Sulpicius Pelius Celti f. XXVIII	
Claudia Sosuma	XXI	G. Sulpicius Silonianus	II
[C][a]udius Cassian[us]	XXXVI	Q. Talotius Q. f. Quir(ina) Aliius	
[Claudius] Domnus	XL	Silonianus	II
Claudius Iulianus	XXVII	Tolia Maxima	XLIV
Tiberius Claudius Maximus	XLIII	Tueria Rufina	XXXVIII
Claudius Tiberianus	XLIV	[.] Valerius Maximus Quir(ina) VI	
Tiberius Claudius Tiberianus	XL	Valerius Severus	XII
Cornelia	X		
S. Crescentius...	XI		
M ? Gurti[us Qu]ir(na) Cassian[us] III		<i>COGNOMINA:</i> (antropónimos):	
Cusius	XIX	Albura Titi f.	XXX
[Dest]icia Maxima	XLI	Alfidianus	XVIII
[De]sticia [Const]antini f. [Qu]in-		Anav(a) Cusii f.	XIX
tilla	XLI	Apaio	XXIV
[Fir?]mius Rufinus	XXXVI	Avita	XIV
Flavia Maxsima	VI	Avita Rufi f.	XXXI
Frontonius	XXXIV	Avitus	XX, XXX
M. Frontonius Avitus	XXXIV	Boutpa] ?	XLIII
M. Frontonius Frontoni(i) f.	XXXIV	Casina Aviti f.	XX
M. Granius Vegetus	XXXV	[C]assianus	III
Helvia Maxsuma	XII	Celer	I
Helvius Philippus	I	Celtus	XXXVIII
Iulia Lobessa	XXXV	[Const]antinus	XLI
Laberia L. f. Galla	IV	Corinthus Helvi(i) Philippi ser(vus) I	
Laberia L. f. Maxuma	XXV	C[ras?]tinus	XXXVII
Q. Laerius Quirinæ Scipio	XIII		

Cuna	XXVIII	Saturninnus	XVII
Cusius	XIX	Silvanus	XXVI
Diadumenus Carisiae Avitae		Sosuma	XXI
lib(ertus)	XXXII	Tacillius	VIII
Dit[us]	XV	Titus (por extenso: <i>Albura Titi</i>	
Domnus (talvez [Claudius]		f.)	XXX
Domnus)	XL	Tonceta	XX
Doutia Endosilli	XV	Tongius Apaionis (f.)	XXIV
Dutia Aviti f.	XXX	Turpilia	XVI
Endosilli (gen.)	XV	VEE	XXXIX
F A	XXXIII	Victor	I
Firmus	XXII		
Gallaecus R(eipublicae) s(uae)			
l(ibertus)	VII	<i>IMPERADORES:</i>	
·...?] Q. f. Ma[xima]	XXIII	Div[us] Antoninfus] Aug(ustus)	II
Maxuma Pro[c]olonae [f.]	XXXVI	Imp(erator) Caes(ar) L(ucius)	
Muscio	XIX	Aurelius Verus Aug(ustus)	II
Naltivus (-ius)	XV		
Nudisia Dit[i f.]	XV		
Numm[a]	XXXVI	<i>CÔNSULES:</i>	
Pro[c]olona	XXXVI	Imp(erator) Caes(ar) L(ucius)	
Pugiu[s]	XV	Aurelius Verus Aug(ustus)	II
Quintilia Q. f.	XXXVII	M(arcus) Um(m)idius Quadratus	II
Quintilia Q. fil.	XIII		
Quintus C[ras?]tini f.	XXXVII		
Rufina Rufi (f.)	XXXI		
Rutinus	III		
Rufus	XXXI <i>ter</i>	<i>DUUMVIRI:</i>	
Rufus Rufi (f.)	XXXI	Q(uintus) Alius Maximus	II
Rusticus	XVI	G(aius) Sulpicius Silonianus	II
[S]aturninus	VIII		

APÊNDICE II — ONOMÁSTICA PRÉ-LATINA E GREGA

A—ANTROPONÍMIA PRÉ-LATINA

Registamos os antropónimos que figuram nas epígrafes inventariadas considerados pré-latinos pelos especialistas. Seguimos principalmente Holder, OP de MLP e AF. Como os nomes, nessas obras, estão por ordem alfabética, não indicamos habitualmente a paginação, a não ser quando em OP e AF há também observações pertinentes em capítulos posteriores. Nesse caso, os nomes, além de aparecerem no lugar próprio segundo a ordem alfabética, encontram-se também na paginação indicada. Em alguns casos referimos outros autores.

É grande o lastro ou fundo pré-latino da população de Collippo e seu aro.

Albonius (VIII) — Holder; OP, 129; AF, 19 e 294.

Albura (XXX) — Holder; OP, 128; AF, 292.

Aliius (II) — Holder (registra:«*Alliofn*» vom gentile *Aliius*): OP, 129; AF, 285.

Anava (XIX) — Holder registra *Anava* como nome de rio. Ver vol. I e Suplemento. Faz referência a *Anavos* e *Anavus*, antropónimos. Ver o que se disse na inscrição XIX.

Apaio (XXIV) — Talvez de origem celta, mas não se encontra referido nos autores. Holder registra *^4pa* e ainda *Appus* (suplemento); OP registra *Apaiá*. Ver o que se disse na inscrição XXIV.

Boutia? (XLIII) — Holder; OP, 130, 138, 140 e 142; AF, 282, 300, 303 e 305.

Garisia (XXXII) — Holder (*car-is-ius*) observa que este nome pode ser celta, latino ou também de origem grega (*xapáia* de *x«ptç*); OP, 120; AF relaciona-o com o indo europeu *karo* «querido» (ver também 286). Na presente inscrição a greicidade do nome parece evidente em virtude de, na mesma, aparecer outro nome de origem grega.

Casina (XX) — Derivado de *Casa*. Holder registra *Casa*, *Casi-acus*, *cas-illus*, *k(c)as-ios* e *Casius*; Lambrino, AP, III série, p. 41-43; FA, Eg., p. 127; OP registra *Casabou* e *Casap.*, p. 143; AF registra *Casabi* e outros derivados de *Casa*.

Geltus ou Geltius (XXVIII) — Holder (*Celtae*, *Celtios*, etc); OP, AF; FA, Eg., p. 127. Ver o que se escreveu no comentário à inscrição.

Cuna (XXVIII) — Holder (*Cuna* ou *Cunas*); AF, s. v. *Cun*. Ver o que se disse no comentário à inscrição.

Gusius (XIX) — Holder.

- Dutia e Doutia (XXX e XV) — Holder; OP, 138, 142; Lambrino, AP, III, s., p. 59; FA, Eg., p. 129.
- Endosillus (XV)? *Endo* (Endo-vell-icus) — Holder.
- Granius (XXXV) — Holder, que refere *Granio(n)* e AF.
- Helvius (I, XII) — Holder s. v. *Elvius*.
- Laerius (XIII) — Holder e OP.
- Lobessa (XXXV) — Holder; OP, 120, 139; AF s. v. *Lovessa* e segs. e 286; FA, Eg, p. 129. Ver o comentário à inscrição.
- Nudisia (XV)? Ver *Nudus* — Holder.
- Pelius (XXVIII) — Holder; OP, 146-147 e AF s. v. *Pellia*.
- Pugius (XV) — Holder; OP s. v. *Puci*.
- Sosuma (XXI) — Holder, OP, AF s. v. S*o*s-i-a*n: elemento cornum *Sosin* ibérico, p. 266 e 295. *Sosuma* da inscrição XXI é natural de Mérida.
- Tacillus (VIII) — Holder. OP (ver também *Tancinus*), AF s. v. *Tacini* e *Tancinus*.
- Talotius (II) — Holder, OP, AF s. v. *Taloci*.
- Tolia (XLIV) — Holder; OP, 134 e 144; AF.
- Tonceta (XX) — Holder s. v. *Tongeta*, OP e AF s. v. *Toncetamus*.
- Tongius (XXIV) — Holder, OP, AF s. v. *Toncius*, e FA, Eg., p. 134.

B — TOPONÍMIA PRÉ-LATINA:

- Gollippo (I a VII) JU, AML, p. 21, 40 e mapa 16: topónimos ibéricos em *ippo*.
- Clunia (XXVIII) — Este topónimo, como é evidente, não se refere ao aro de Gollippo.

C — SÃO GREGOS OS SEGUINTE NOMES:

- Corinthus (I), Creste (XLII), Cresumus (XLII), Diadumenus (XXXII) e Philippus (I). Na inscrição XXXII, *Carisia* deve ser nome grego e não de origem celta, como acima se observou.

APÊNDICE III —NATUREZA DAS INSCRIÇÕES

Votiva	VIII
Monumental	XVIII
Honoríficas	II e IX

Obs.: a inscrição IX poderá considerar-se também funerária).

Funerárias I, III a VII, X a XIV, XVI, XIX a XXXII, XXXIV a XLIV
 Esgrafitadas (*Instrumentum domesticum*) XV (funerária?), XVII, XXXIII

APÊNDICE IV —LOCAIS ONDE FORAM ENCONTRADAS AS INSCRIÇÕES

S. Sebastião do Freixo	III, V, VIII a XVII
S. Sebastião do Freixo — imediações: raio máximo de 1500 m:	
Bico Sacho, freg. da Batalha	XVIII e XXIII
Garruchas, freg. de Reguengo do Fetal	XXI
Entre Garruchas e S. Sebastião, freg. do Reguengo do Fetal	XIX
Fonte Nova, freg. de Reguengo do Fetal	XXIV
Outeiro da Perulheira, freg. do Reguengo do Fetal	XX
Rio Seco, freg. do Reguengo do Fetal	XXII
Capela da Torre, freg. do Reguengo do Fetal	XXV
Porto de Mós:	
Lugar da Fonte do Oleiro	XXVI
Castelo	XXVII a XXIX
Casas de Porto de Mós(?)	XLI
Leiria:	
Castelo	II, XXX, XXXI, XXXIV e XXXVIII
Convento de Sto. Estêvão	IV e XXXVII
Antigo Convento de S. Francisco	XXXII
Capela desaparecida de S. Bartolomeu	XXXVI
Cidade ou zona vizinha	XXXIII, XXXV e XXXIX
Maceira:	
Igreja ou zona da igreja	XL-XLIV
A do Barbas	VI
Salir do Mato, conc. de Caldas da Rainha	VII
Roma	I

APÊNDICE V —REFERÊNCIAS TOPONÍMICAS, GEOGRÁ-
FICAS, ÉTNICAS E AO MUNICÍPIO DE COLLIPPO

Lusitania	I
Provincia Lusitaniae	IV
Miles Co(ho)rtis Lusitanorum	XXVIII
COLLIPPO	
Municipium Collipponense	I
[Om]nibus ho[n]oribus in R(e) [P(ublica) C]ollippon[ensi f]unc[tus] III	
R(ei)publicae s(uae) l(ibertus)	VII
Ordo Collipponensium	II
Duumviri (Municipii Collipponensis)	II
(Decurio) Ordinis Collipponensium	II
D(ecuriones) (Collipponenses)	II
D(ecuriones) Collippone(n)ses	IV
Collippone(n)sis	II e VII
Collip(ponensis)	V
[C]ollip(p)onen[s(is)]	VI
CLUNIA	
Culunia	XXVIII
EBORA	
Ebore(n)sis	IV
EMERITA	
Emeriten[s]is	XXI

APÊNDICE VI —VARIA

TRIBO

Quir(ina)	II, V, VI
[Qu]ir(ina)	III
Quirinae (genitivo)	XIII

Obs. — Em II, III, V e XIII antes do *cognomen*; em VI depois do *cognomen*; em XIII por extenso e no genitivo.

CONDIÇÃO SOCIAL, RELIGIOSA E MILITAR

Cidadania romana e estado livre: ver as inscrições que mencionam a tribo, as designações nominais com *tria nomina* (nas mulheres *nomen e cognomen*). Como é sabido, o direito de cidadania foi estendido por Caracala a todos os habitantes do Império. Quando não vem mencionada a condição de escravo, de cliente ou liberto, a pessoa poderá, as mais das vezes (há exceções), ser considerada livre.

Ser(vus)	I
Família (conjunto ou comunidade de escravos)	IX
Cliens	XII
L(ibertus) R(eipublicae) s(uae)	VII
Liberti	IX
Carisiae Avitae lib(ertus)	XXXII
Flaminica	IV
Dignidades e funções no município de Collippo: ver «Referências...» atrás.	
Evoc(atus) c(o)hor(tis) VI Praetoriae	II
Miles co(ho)rtis Lusitanorum	XXVIII

FÓRMULAS INICIAIS FUNERÁRIAS

[D(iis)] M(anibus)	XXIII
D(iis) [M(anibus)]	XIV
D(iis) M(anibus)	XX, XXI, XXX, XXXII, XXXVIII, XXXIX, XLIII e XLIV
D(iis) M(anibus) s(acrum)	I, VII, XVI, XXVII, XXXI, XXXIV e XLII
Sacrum Di(i)s Manibu[s]	V
[D(iis)] M(anibus) s(acrum)	XLI

FÓRMULAS FINAIS E ACESSÓRIAS

F(e)cerunt)		XXVI
Ei f(ecit)		XXVIII
D(e) s(uo) f(e)cerunt)		I
F(aciendum) c(uravit)	XX, XXIII, XXV, XXVII, XXX, XL e XLI	
P(onenum) c(uravit) VI, VII, XI, XVI, XIX, XXIX, XXXIV, XXXV,		
	XXXVII, XXXVIII e XLII	
P(onendum) c(uraverunt)		XXXVI
P(onendum) d(e) s(uo) c(uraverunt)		III
H(ic) s(itus est)		XXII
Hic s(itus) e(st)		X
(Sit) t(erra) t(ibi) l(evis)	XXII, XXXIV e XXXV	
In memo(riam)		XXIV
S(olvit) v(otum) l(ibens)		VIII

ORTOGRAFIA

Gs por X		XLIV
O por U		XXXVI
U por I	XII, XXV, XXXVI. Ver também, XXI e XLII	
XS por X		VI e XII
II = E		XV e XXVIII

NEXOS

A-V (sobreposição)		XL e XLI II
M-A		XXV e XLII
A-N		XLI
N-T		III
V-M		III
N-T (com o T inscrito)		II

MOTIVOS ORNAMENTAIS

Roseta incompleta		XXII
Círculos concêntricos		XXVIII
<i>Haederae</i> de maiores dimensões		XXVII e XL
Vestígios de motivo filiforme ondeante		XXV

BIBLIOGRAFIA

OBRAS E ESTUDOS CONSULTADOS

- ALARCÃO, Jorge de—*Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)*, «Conimbriga», VIII (1969), p. 1-12 e V est. (De colaboração com J. M. Bairrão Oleiro).
- ALBERTOS FIRMAT, Maria Lourdes — *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966.
- ALMEIDA, Dom Fernando de — *Egitânia — Historia e Arqueologia*, Lisboa, 1956.
- BAIRRÃO OLEIRO, J. M. —*Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)*, «Conimbriga», VIII (1969), p. 1-12 e V est. (De colaboração com Jorge de Alarcão).
- BANDEIRA FERREIRA, Fernando— *Varia epigraphica, XXIII — Notas a inscrições da região coliponense*, «Revista de Guimarães», LXXVII (1967), p. 62-66. (De colaboração com Justino Mendes de Almeida).
- BATLLE HUGUET, Pedro — *Epigrafia latina*, Barcelona, 1946.
- BORGES DE FIGUEIREDO, Antonio Cardoso — *Inscrição de Maceira, concelho de Leiria*, «Revista Archeológica e Histórica», III (1889), p. 88.
- BORMANN, E. (de col. com HENZENCHUELSEN)—*Corpus Inscriptionum latinorum*, VI, *Pars tertia*, Berlim, 1886.
- BRITO, Frey Bernardo de — *Monarchia Lusytana, Parte primeira*, 1.^a edição, Alcobaça, 1597.
- CAGNAT, René, *Cours d'Épigraphie latine*, 4.^a edição, Paris, 1914.
- CALLADO, José — *Monumento sepulcral romano*, «Commércio de Portugal», n.º 2936 (27 de Abril de 1889).
- *Idem*, «O Distrito de Leiria», n.º 372 (11 de Maio de 1889);
- *Inscrição romana*, «O Distrito de Leiria», n.º 426 (24 de Maio de 1890).
- *Inscrição sepulcral romana*, «O Archeólogo Português», V (1900), p. 42-43.

- CASTIGLIONI, Cario — *Storia dei Papi*, II, Turim, 1939.
- D'ORS, Alvaro — *Epigrafia Jurídica de la España Romana*, Madrid, 1953.
- ÉTIENNE, Robert — *Le cuite impérial dans la Péninsule ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1958.
- FORCELLINI Aegidius — *Lexicon totius latinitatis*, corrigido e ampliado posteriormente por Furlanetto, Corradini e Perin, 5.^a edição, Pádua, 1940; os tomos V e VI são de A. Perin (ver) e tratam do «Onomasticon».
- «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», vol. XXIV, s. v. *Reguengo do Fetal*.
- GRUTER, Jan (GRUTERVS, J.) — *Inscriptiones antiquae totius orbis romani in absolutissimum corpus redactae...*, 3.^a edição, Amsterdão, 1707.
- HOLDER, Alfred — *Alt-celtischer Sprachschatz*, Leipzig, vol. I, 1891-1896, vol. II, 1897-1904, vol. III, 1907..., supl. 1910...
- HÜBNER, Aemilius — *Notícias archeológicas de Portugal*. Traduzidas e publicadas por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1871.
Obs.: Trata-se de um relatório de uma missão de estudo que Hübner escreveu em 1861 e cuja tradução de Augusto Soromenho foi publicada em 1871;
- *Corpus Inscriptionum latinarum*, II, Berlim, 1869;
- *Idem*, II, *Supplementum*, Berlim, 1892.
- *Additamenta nova ad Inscriptiones Hispaniae latinas*, «Ephemeris Epigraphica», IX (1913), p. 12-185.
- JALHAY, Eugênio — *Lápides romanas da região de Cárquere (Resende)*, «Brotéria», LII (1951), p. 71-85.
- JORDÃO, Levy Maria — *Portugalliae inscriptiones romanas...*, vol. I (e único), Lisboa, 1859.
- LAMBRINO, Scarlat — *Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos*, «O Arqueólogo Português», nova série, III, p. 5-73.
- LARCHER, Tito — *Apontamentos históricos de Leiria*, folhetim de «O Primeiro de Dezembro — Semanário independente...», n.º 2 (8 de Dezembro de 1900) e segs.
- LEITE DE VASCONCELOS, José — *Religiões da Lusitania*, III, Lisboa, 1913;
- *Aula de numismática da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, «O Archeólogo Português», VII (1902), p. 161-172;
- *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*, «O Arqueólogo Português», XXX (1938), p. 205-209. Obs. — Este volume, datado de 1938, foi publicado em 1956.
- LIMENTANI, Ida Calabi — *Epigrafia latina*, Milão-Verese, 1968.
- MARIN E PEÑA, Manuel — *Institutiones militares romanas*, Madrid, 1956.
- MARQUES, Mons. Pinheiro — *Terra de Algodres (concelho de Fornos)*, Lisboa, 1938.
- MARTIN, John — *Restos de urna casa romana, descobertos em Arnal*, «Illustrated London News» de 5 de Setembro de 1857; esta comunicação foi publicada também em «Archivo Pittoresco — Semanário Ilustrado», I, n.º 16 (1857), p. 123-126, e de novo transcrita em «O Archeólogo Português», VIII (1902), p. 313-319.

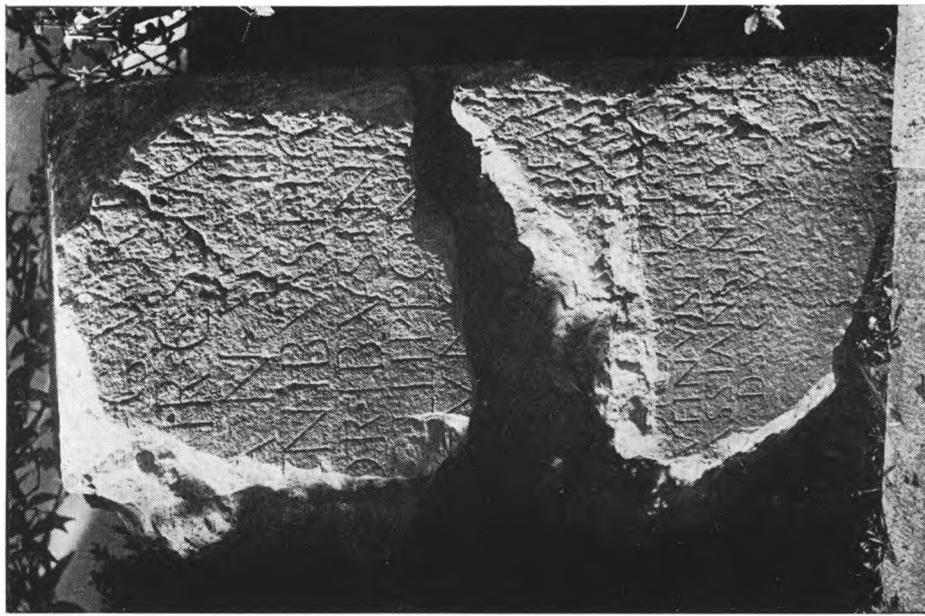
- MENDES DE ALMEIDA, Justino — *Varia epigraphica, XXII — Notas a inscrições da região coliponense*, «Revista de Guimarães», LXXVII (1967), p. 62-66. (De colaboração com Fernando Bandeira Ferreira.)
- Antiguidades várias*, «O Arqueólogo Português», série IIT, vol. II (1968), p. 97-111.
- MENENDEZ PIDAL, Ramon — *Toponimia prerromana hispana*, Madrid, 1952.
- MORALES, Ambrosio de — *Crónica general de España...*, Alcalá de Henares, 1574.
- NETO, Serafim da Silva — *Fontes do latim vulgar*, 3.ª edição, Rio de Janeiro, 1956.
- Noticias remetidas à Academia real...*, 1721, ms. 503 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- Occo, Adolf — *Inscriptiones veteres in Hispania repertas...*, Bâle, 1956.
- PALOMAR LAPESA, Manuel — *La onomástica personal pre-latina de la: antigua Lusitania*, Salamanca, 1957.
- PERIN, Josephus — *Lexicon totius latinitatis* (de Forcellini), tom. V e VI; «Onomasticon» (auctore Josepho Perin), Padua, 1940.
- PINHO BRANDÃO, Domingos de — *Novas estelas funerárias de Várzea do Douro (Marco de Canaveses)*, «Revista de Guimarães», LXX (1960), p. 185-196.
- PINHO LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de — *Portugal antigo e moderno*, vol. IV, Lisboa, 1874.
- RAMOS, Luciano Justo — *Em demanda de «Collippo»*, «Jogos Florais do Outono — 1965», Coimbra, 1968, p. 99-113.
- RESENDE, André de — *História da antiguidade da cidade de Évora*, 1.ª edição, Évora, 1553, 2.ª edição, Évora, 1576, 3.ª edição, Lisboa, 1783.
- De Antiquitatibus Lusitaniae*, Évora, 1593.
- S. LOURENÇO, Frei José de (Fr. Josephus a Divo LAURENTIO) — *Monumenta selecta ou descrição de algumas inscrições...* Códice Alcobacense, ms., n.º 395 da Bibliot. Nac. de Lisboa, 1870.
- SALGADO, P. Frei Vicente — *Collecção de monumentos romanos...*, ms. 592 (vermelho) da Bibliot. da Academia das Ciências de Lisboa, 1796.
- SANCHES, Margarida — *Statue romaine trouvée à S. Sebastião do Freixo (comune de Batalha)*, «Conimbriga», VIII (1969), p. 13-15 e II est.
- SARAIVA, José — *Leiria* (da col. «Monumentos de Portugal», n.º 6), Porto, 1929.
- SILVA ARAUJO, Victorino — *O Castello de Leiria (Apontamentos e conjecturas)*, «Boletim de architectura e de archeologia da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses», 2.ª série, I, n.º 1 (1874), p. 10-12;
- Epigraphia — Inscrições romanas de Leiria e seus arredores*, «Boletim...», cit., 2.ª série, I, n.º 10 (1876), p. 148 a 152; n.º 11 (1876) p. 170-173; n.º 12 (1876), p. 185-191.
- Armas, Brazões e Inscrições*, ms. de 114 p. e com folhas avulsas. Hoje na posse de D. Carolina Ferreira Pinto Ribeiro, Leiria.
- TAVARES DE PROENÇA Junior, Francisco — *Inscrições inéditas*, «O Archeólogo Português», XV (1910), p. 46-48;
- «Materiaes para o estudo das antiguidades portuguesas», 3 números, Leiria, 1910.

- UNTERMANN, Jürgen — *Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana*, «Revista de Guimarães», LXXII (1962), p. 5-41 e 19 mapas;
----- *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania antigua* (Col. Bibliotheca Praehistorica Hispana, vol. VII), Madrid, 1965.
- VASCONCELOS, Diogo Mendes de — *Liber quintus de Antiquitatibus Lusitaniae de eborensi Municipio* (anexo aos quatro livros do *De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende, ver *supra*).
- VIEIRA DA SILVA, A.—*Epigrafiã de Olisipo (Subsidios para a historia da Lisboa romana)*, Lisboa, 1944.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa — *Elucidário...*, I, Lisboa, 1798.

DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO**Bispo de Filaca, Auxiliar de Leiria**



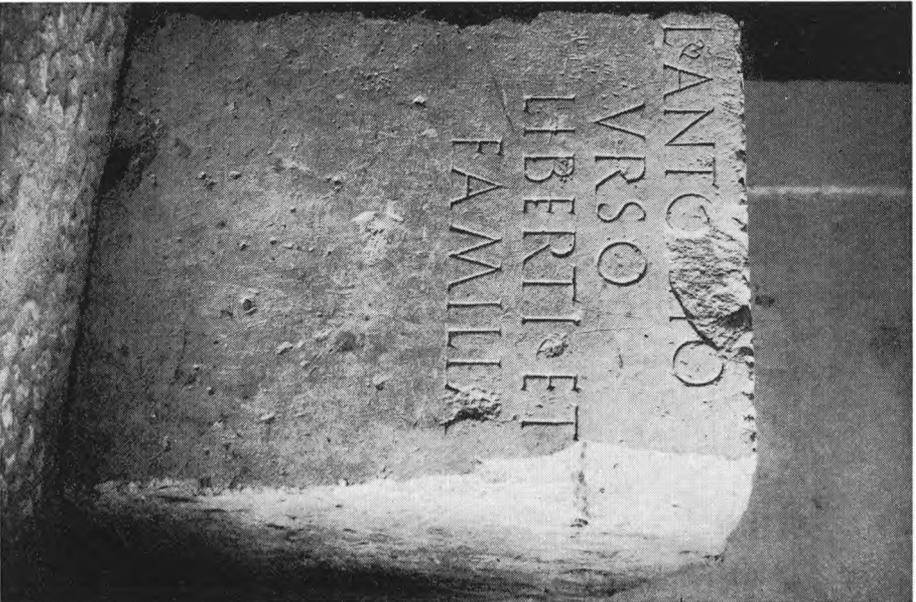
II



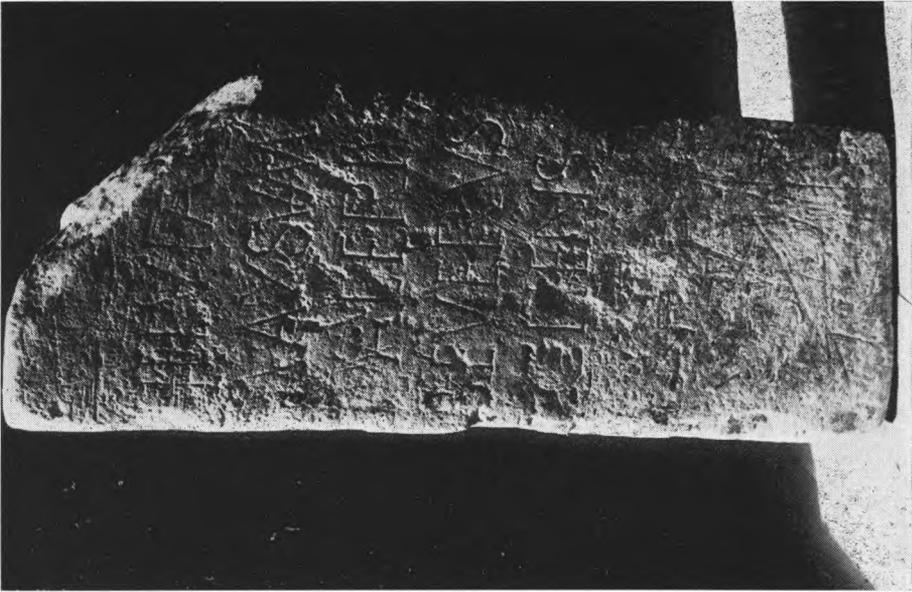
III



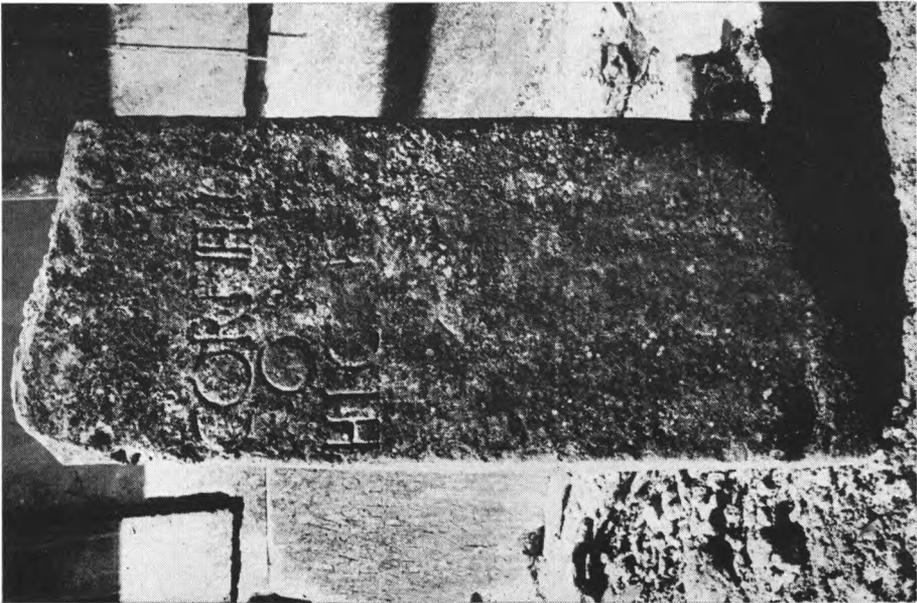
VI



IX



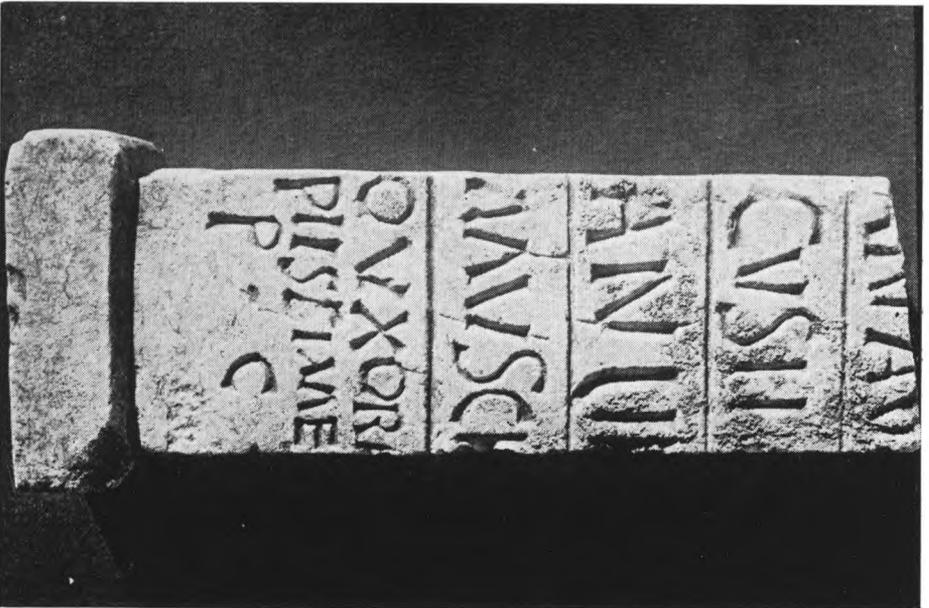
IX



X



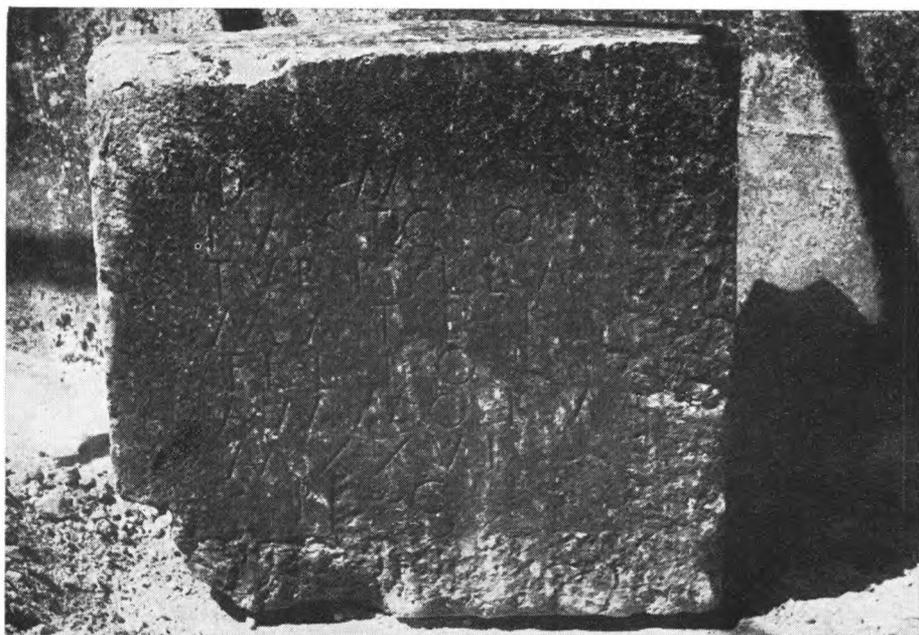
XIV



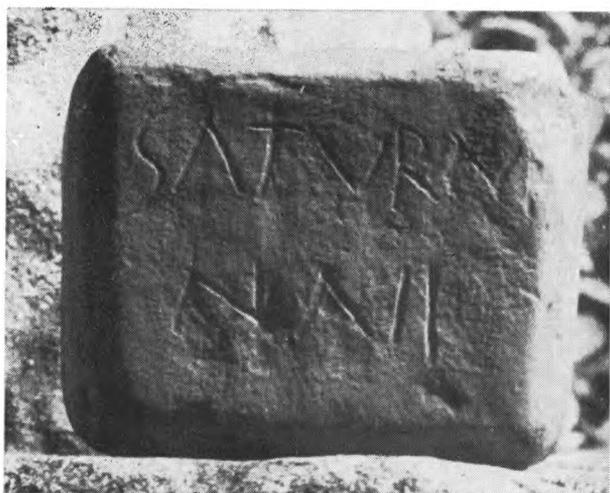
XIX



XV



XVI



XVII



XXXIII



XX



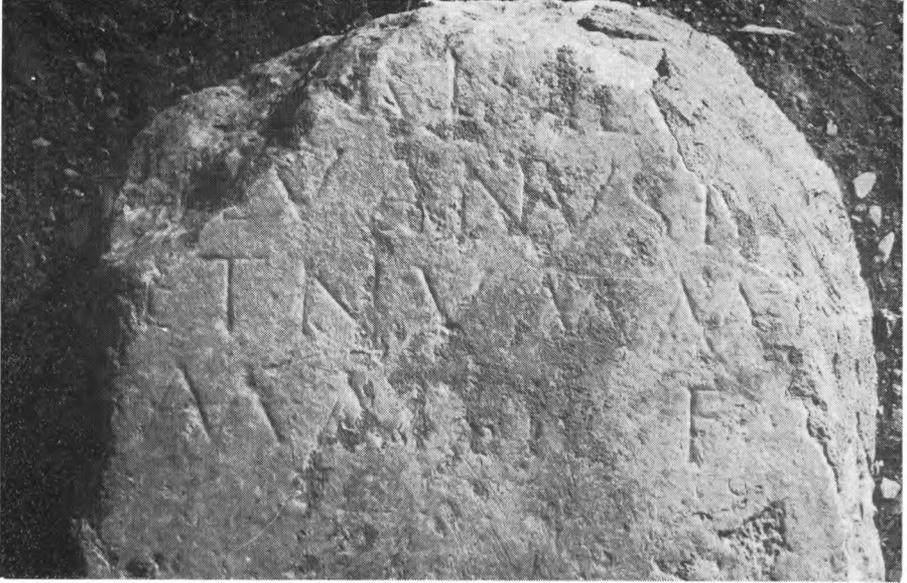
XXI

IIXX



AIXX





XXVI



XXV

IIIAXX



IIAXX

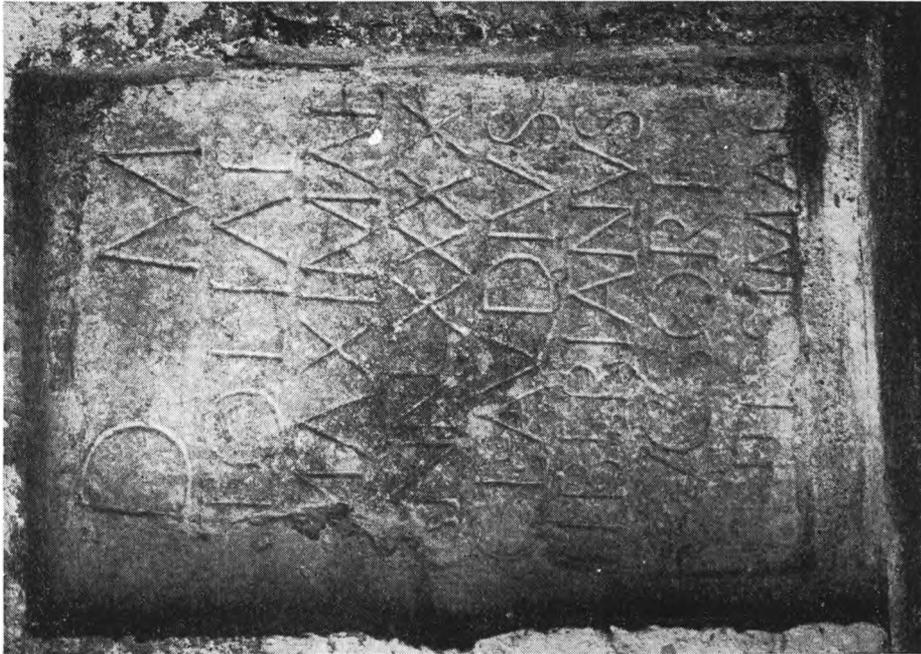




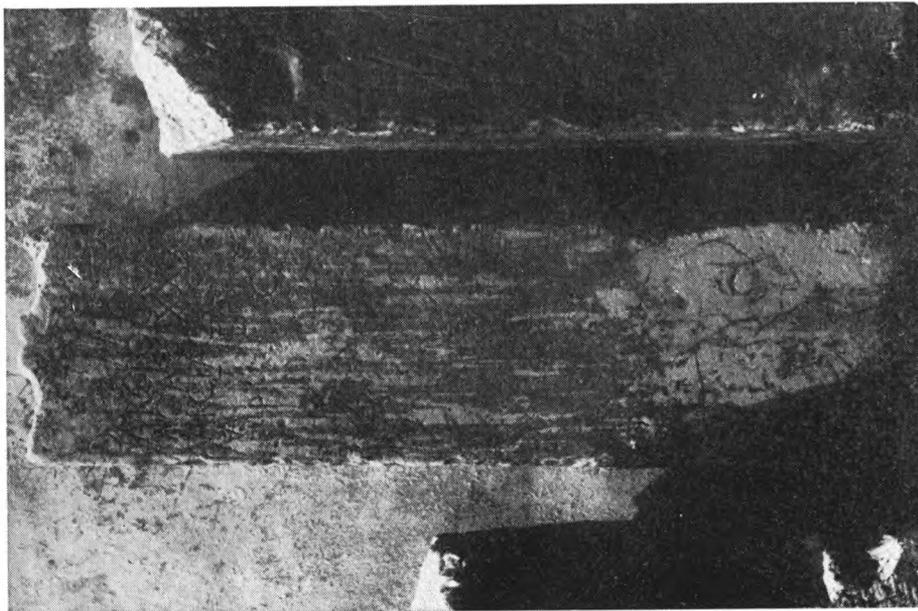
XXXI



XXX



XLIV



XLII